

SABEDORIA E INTELIGÊNCIA



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Edição e distribuição

EDITORA ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA
“LUIZ CARAMASCHI”

Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44
Fone (14) 3351.1900

18800 - PIRAJU – SP

Site: www.luizcaramaschi.com

Os livros estão também disponíveis no portal “Domínio Público”, do Ministério da Educação
www.dominiopublico.gov.br

Luiz Caramaschi

SABEDORIA E INTELIGÊNCIA

“A alma humana possui uma disposição inata para despojar-se da sua natureza humana, no intuito de revestir-se com a natureza dos anjos e de tornar-se realmente um anjo”.

Arnold J. Toynbee – “Um Estudo de História”

A inteligência é daninha, quando não acompanhada da moral.

O autor

O amor é a grande força reparadora das chagas da nossa alma e é com ele que apagamos todos os erros e sofrimentos.

O autor

PIRAJU – SP
2011

SABEDORIA E INTELIGÊNCIA

Luiz Caramaschi

1.^a edição – março de 2011-01-01

Capa:

Thiago Retek Perestrello

Digitação, diagramação e revisão

Antonio Arruda e Caleb Caramaschi

Nova Ortografia:

Livro revisado de acordo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 2008

Ficha catalográfica elaborada na editora

Caramaschi, Luiz (1919-1992)

Sabedoria e Inteligência, Luiz Caramaschi, 1.^a edição, março de 2011,
Editora Associação Filosófica “Luiz Caramaschi”, Piraju – SP
240 p.
CDD 107

Sumário

O porquê do nome “Sabedoria e Inteligência”

Prefácio

1 – As posses materiais

2 – Processo civilizatório

3 – A hiperconsciência

4 – Pensar por teses em vez de por conceitos

5 – Falando a respeito de Deus

6 – Reencarnação

7 – O divórcio

8 – Falando do amor como elemento primordial na formação do Universo

9 – Educação

10 – Educação e transmissão de cultura

11 – A hora da síntese de todas as filosofias

12 – Egoísmo dilatado

13 – A liberdade da mulher

14 – Comportamento sexual da mulher brasileira

15 – O aborto

16 – Filantropia e caridade

17 – A liberdade

18 – Materialismo

19 – Ultrapassagem da 2.^a Lei da Termodinâmica

20 – Hipnoespiritismo

a) Por que divulgar o hipnotismo

b) Hipnopédia

c) Hipnotismo e Espiritismo

d) Hipnotismo arte e ciência

e) Monopólio em hipnologia

f) As vantagens do hipnotismo

O porquê do nome “Sabedoria e Inteligência”

É muito comum as pessoas tomarem a palavra inteligência por sabedoria. Esse erro acontece porque o ser humano atribui erroneamente um valor muito grande à inteligência.

Incidindo nesse erro, existe até seita religiosa que sentencia: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.

Inteligência vem de **inter**, que quer dizer **entre**, e **legere**, que significa **ler**; inteligência é ler, ou apanhar, ou apreender, ou captar nas coisas ou entre elas o nexos que as interliga e lhes dá sentido.

Deus não pode, em hipótese alguma, levar esse atributo. A inteligência é própria do homem que perquire sobre as coisas para compreendê-las. O homem, sim, pode ser inteligente e ler claro e rápido o nexos que interliga as coisas.

Deus, sendo infinito, não pode ser definido, e qualquer esforço nesse sentido é improfícuo, pois, sendo infinito, é indefinível, e se fosse definido já não seria Deus.

Jesus Cristo, sentindo essa dificuldade, atribuiu a Deus vários nomes que também guardam esse “quid” de infinito que são: amor, luz, sabedoria, bondade. Nomear a Deus com qualquer dessas palavras satisfaz a necessidade humana de dar nome às coisas. Sendo o amor e a luz, de natureza energética, são substanciais, não definem a Deus, mas mostram com que substância Deus criou tudo o que existe.

Os editores

PREFÁCIO

LUIZ CARAMASCHI levou uma vida quase que exclusivamente de estudos, meditando e dedicando-se a pesquisas das obras dos grandes filósofos, os quais eram examinados com a maior isenção possível, não importando as tendências ou as épocas em que foram escritas, tendo diante de si um painel extremamente variado. Como conseqüência dessa dedicação incomum aos estudos e às pesquisas e de sua aguda inteligência, deixou-nos um enorme acervo de obras de natureza filosófica.

“SABEDORIA E INTELIGÊNCIA”, que ora vem à luz, contém 20 artigos abordando assuntos variados que trazem uma mensagem comum: o enfoque da busca da verdade em face de uma nova perspectiva, onde a verdade é interpretada como o resultado da esplendorosa LUZ DIVINA, que é o AMOR.

As obras do Autor estão editadas em 16 volumes, dos quais 6 foram impressos durante sua vida, e são eles: Sermão dos magos e pastores, Um estudo do nosso tempo, Grandes Pontífices, Nova perspectiva da Filosofia, Filosofia do Espiritismo, O código postal e a raposa sabida.

Ao falecer, em 11 de outubro de 1992, deixou vários pacotes de manuscritos, devidamente ordenados de forma a facilitar a sua classificação e preparo para remessa à gráfica e serem publicados. A preparação final para impressão dos livros coube à “ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI”, que exerce suas atividades na cidade de Piraju e tem como objetivo principal a impressão, conservação, e divulgação das obras de LUIZ CARAMASCHI. As obras editadas “post-mortem” são as seguintes: Terceira jornada filosófica, De volta do caos, Serões teológicos e filosóficos, Egoísmo sábio, O homem, o mundo e Deus, a Sabedoria é finita, Sermões, O malho e o cinzel e Sabedoria e inteligência, objeto deste prefácio. Todas estas obras se encontram no *site* da Associação Filosófica e no Portal Domínio Público, biblioteca digital do Ministério da Educação.

A presente obra, a décima sexta do acervo, que ora vem a público, é, como dissemos, uma coletânea de 20 artigos, de natureza filosófica, de fácil compreensão em virtude da capacidade inegável do autor em abordar assuntos complexos de forma clara e didática. Nesta obra, constituída por artigos e palestras proferidas pelo autor, ele volta a sua atenção para variados campos do saber humano, com seu raciocínio preciso e atilado.

A leitura desta obra, seguramente, levará o leitor a uma profunda reflexão sobre os fundamentos da existência humana, contribuindo de maneira decisiva para uma VIVÊNCIA MAIS FRATERNA E FELIZ.

Mário Felipe

01 - As posses materiais

Jesus Cristo, em seu Evangelho, não deixou doutrina expressa concernente às riquezas. Na parábola do rico e de Lázaro, o rico é posto no inferno, ao passo que Lázaro é visto no seio de Abraão. Mas o que levou o rico ao inferno não foi a riqueza, e sim a falta de caridade que não deixava para Lázaro nem as migalhas da sua mesa. Estando no inferno, após a morte, vendo, o rico, a Lázaro, no seio de Abraão, pedia ao pai Abraão permitisse que Lázaro o refrigerasse das chamas com uma gota d'água pingada da ponta de um dedo. O pai Abraão disse haver um abismo entre eles. Então, pediu o rico, que alguém vá lá no mundo, e que previna seus irmãos, também ricos, a fim de que não venham também cair aqui. Responde-lhe o pai Abraão: lá eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. Se os não ouvirem, tampouco farão penitência, ainda que ressuscitem uns dos mortos.

Noutro lugar do Evangelho, Cristo foi convidado para um banquete. Foi isso na casa de Simão. E quando Cristo já, na mesa do rico Simão, esperava pelo banquete, pela porta adentro entrou uma mulher que se aproximou de Cristo, e, abrindo um vidro de perfume, começou a lavar os pés de Cristo e a enxugá-los com seus cabelos, ao mesmo tempo que os beijava. Simão disse lá no seu recôndito de si consigo: se este homem fosse profeta havia de saber que mulher é esta que lhe lava os pés. Cristo, percebendo o pensamento de Simão, disse assim: Simão, eu tenho uma coisa para te dizer.

– Dize-o, mestre.

– Um homem deve cem dinheiros para o seu senhor; e outro deve dez. O senhor perdoa a ambos. Qual deles fica mais agradecido?

– É aquele a quem mais foi perdoado.

– Pois é o caso desta mulher; por causa disto é que eu digo que os seus pecados lhe são perdoados.

A interpretação do texto é que Simão é um devedor de dez e a mulher, de cem; e Cristo havia perdoado a ambos, e a mais reconhecida era a mulher, e por isso lavava os pés dele com suas lágrimas e com seu perfume, ao mesmo tempo que lhes beijava. A respeito de Simão ele disse o seguinte: eu vim à tua casa e tu me não lavaste os pés, assim como fizestes aos outros; tu não me deste o ósculo, do jeito que osculaste os demais convivas. Tu não me lavaste os pés, e esta mulher não cessa de os lavar com perfume; tu não me deste o ósculo; e esta mulher não cessa de oscular os meus pés. Por causa disto lhe digo que os seus pecados lhe são perdoados.

Analisando o ocorrido, a gente chega à conclusão de que Cristo fora convidado para aquele banquete da casa de Simão não como uma pessoa respeitável, porque, se o fora, ele teria sido tratado como os demais convivas. Se era costume lavar os pés de todos aqueles que chegam à porta, lavasse também os pés de Cristo. Se era costume beijar aos que se recebiam à porta, osculasse também a Cristo. Se houve uma discriminação, é certamente que pretendiam fazer de Cristo uma zombaria. E é esse o ponto. O rico, de um modo geral, tem a mania de se julgar superior, e esta é uma das razões da perdição do rico. Por isso que uma das provações mais duras, mais difíceis, é a da riqueza. E os homens vivem trocando de posição, é riqueza e pobreza; é como se fora uma roda de carro que uma hora está em cima, no ar, e outra hora está

embaixo no barro. E cada vez que está em cima, no ar, nessa existência, o sujeito usa e abusa da riqueza criando a consequência de, na outra existência, estar embaixo, no barro, na pobreza. A sabedoria, por conseguinte, consistiria em não pretender a riqueza, mas uma situação razoável – não riqueza, mas não pobreza também. Situação mediana que dê para satisfazer as necessidades todas, mas sem essa possibilidade de perder-se não somente a si como também aos seus. Porque quando um homem se dispõe a buscar a riqueza, ele não se lembra de que está pondo a perder não só a si próprio como também a família. Já se disse que quando o avô é rico, o pai é remediado, o neto é pobre. Porque este não se ocupou de desenvolver coisa nenhuma; ele ficou pensando na riqueza que ia ter de herança, por isso não se ocupou de estudar nem de ter uma profissão, não se ocupou de fazer alguma coisa louvável, e a consequência foi ficar sem nada.

Existe uma história que é a mesma de Jó pelo avesso. O diabo fez uma aposta com Deus que era capaz de perder um homem justo, do mesmo modo como foi feito com Jó. Só que Jó era um homem rico e o diabo o fez pobre. Mas como a pobreza reforça o sujeito na virtude, como aconteceu com Jó, a riqueza afrouxa essas possibilidades. Então, a sabedoria do diabo consistiria exatamente em fazer o oposto do que ocorrera a Jó, como é nesta história.

Havia um sujeito que morava num lugar, trabalhador, modesto, cuidadoso de sua mulher, de seu filho, de sua filha, lavrando um pedaço de terra. Deus olhava aquele homem com carinho, até que o diabo, semelhante ao caso de Jó, se dispôs a perseguir aquele homem, a fim de vê-lo cair. De começo principiara a persegui-lo atrapalhando os negócios dele. Enquanto ele, após o almoço, ia descansar-se sob uma árvore, o diabo espalhava a sua junta de bois, quebrava os canzís, e o homem tinha todo aquele trabalho para pôr tudo em ordem outra vez. Passado certo tempo o diabo, caindo em si, pensou que aquele não era o caminho. O caminho seria fazer o homem ficar rico. Assim, quando o homem plantou sua semente, o diabo o auxiliou, vindo ele a colher muito mais do que o esperado. E plantando mais, sempre colheu mais que o previsto. As coisas começaram a crescer, a situação principiou a melhorar-se, o homem começou a ficar cada vez mais desenvolvido na sua agricultura, começou a sobrar o dinheiro, com o qual ele comprou os terrenos vizinhos, depois mais outros, até que adquiriu tanta terra que se perdia de vista os seus domínios, não se podendo ver os limites dos domínios daquele homem.

E no meio daquela enorme riqueza a filha dele se extraviou, andando pelos apartamentos em promiscuidade com rapazes; o filho dele ficou doidivanas, ou seja, leviano, ocupado sempre com coisas sem nobreza nenhuma. A mulher foi a única que, porque religiosa, se manteve fiel ao modo antigo e austero de viver.

Assim foi até o dia em que o homem, alcoolizado, acabou por brigar com um dos convivas em uma de suas festas, o qual assassinou. Aí a justiça começou, por meio de advogados, a fazer o jogo de tirar tudo o que ele tinha, de modo que, ficando na miséria, acabou indo para a cadeia. De maneira que o homem que tinha tanto, acabou seus dias na prisão. A filha transviou-se tornando-se numa prostituta. O rapaz tornou-se num andarilho, vagabundo. Tudo por causa da orientação dada àquela fortuna, àquela riqueza.

Todo mundo se dispõe a ganhar na loteria esportiva; todos gostariam de receber um prêmio grande. Mas ninguém cai em si para saber o perigo que tem uma grande fortuna, não só para si como para os seus; não só para seus filhos como para seus netos, bisnetos, etc. É muito mais provável que ele sendo pobre tenha uma descendência sadia do ponto de vista espiritual, do que sendo rico, milionário. A história da família do milionário não é igual à história da família do pobre, do ponto de vista espiritual. De maneira que se um homem tiver de chorar pelos seus descendentes, só tê-lo-á de fazer se for rico. Eu não estou falando da miséria; estou falando da

pobreza, do indivíduo que dispõe de certo recurso que o faz remediado, mas não rico. Essa vida, do ponto de vista econômico morigerada, que dá para educar os filhos, e faz que estes entendam que precisam estudar, que eles têm que fazer sua parte, que eles têm que se esforçar, que cada um tem de criar o seu, que tem de desenvolver-se, os filhos têm que formar essa consciência e não ficar esperando a herança do avô, dizendo: eu não preciso nem pensar em trabalhar por causa do meu avô.

Pouco há, tive ciência duma mulher que manifestava a dúvida sobre se mandava o filho estudar, ou mandava para uma das suas três fazendas. Então, ela se perguntava: mais um médico? Ou mais um advogado? Estudar por quê? Na sua concepção, para ser fazendeiro ele não precisava estudar. A fazendeira não atinou para o fato de que dando educação ao filho, não se tratava de ter somente mais um médico, e sim um homem culto, que passou por uma universidade. Estuda-se para ter mais luzes. Não vale o argumento que diz: todo mundo trabalha por causa de dinheiro; ora, eu tenho o dinheiro; logo não preciso trabalhar. Ou então como aquele outro que pensa assim: o sujeito que estuda o faz para exercer uma profissão e ganhar dinheiro por meio dela. Ora, eu já tenho o dinheiro; logo não preciso estudar. Eu não preciso ser médico, nem advogado, nem engenheiro, não preciso sublimar-me em curso nenhum superior, porque tenho dinheiro! Quando o dinheiro é posto nessa situação, ele é um mal. Por isso o Cristo, sabendo do perigo do dinheiro, que sempre houve abuso no seu uso onde quer que ele ficasse acumulado, afirmou que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no céu”. Alguns estudiosos do Evangelho dizem que agulha era o nome de uma pequena porta que existia nas muralhas. Naquele tempo e hoje ainda, muito raramente a gente acha um rico que faça alguma coisa que não seja abusiva. Sancho Pança diz assim no “Dom Quixote”: “As tolices dos ricos passam por sentenças no mundo”. Pois se o rico não abre a boca a não ser para falar de dinheiro e de como ganhá-lo, e não tendo nenhuma capacidade acima disso, temos de concluir que o seu desenvolvimento é precaríssimo. Por isso o Evangelho silenciou a respeito da riqueza.

02 - Processo Civilizatório

(Carta ao Irmão Seth)

Quando recebi seu trabalho “Processo Civilizatório”, ao lê-lo, fui anotando umas coisas para discussão posterior. Não se trata de crítica refutatória, e sim, de coestudo; pelo menos esta é a minha primeira intenção, ao analisar esse tema. No entanto, como já o disse em minha carta anterior, estava ocupadíssimo com as reformas em minha casa. Agora, livre daquela pensão, e com saudades da pena, volto ao assunto.

A respeito de entropia, desde que essa palavra significa reversão, ou volta, fica entendido que se trata sempre de um arrepio de caminho, de um desandamento, de um andar ao reverso, de um retorno ao ponto de partida. Como se sabe, o mundo de Heráclito é o do movimento incessante. Como tudo muda, nada é... si mesmo em dois tempos sucessivos. Contra este mundo do vir-a-ser, do devir, Parmênides propôs o seu mundo do ser... que sempre é si mesmo, o qual, conseqüentemente, é fixo, parado, imutável, intemporal (eterno), etc. Daqui, o dualismo metafísico que dominou a filosofia até hoje.

Parmênides pensava num mundo fixo, parado, imutável, eterno, que, para ele, é o mundo do ser. O de Heráclito, em contraposição frontal, é o mundo do não-ser. Disto nasceram duas lógicas: a da Natureza ou heracliteana que afirma: nada é igual a si mesmo; tudo se contradiz – como se presume, em dois tempos sucessivos. A lógica parmenídica, propriamente lógica, diz: tudo é idêntico a si mesmo; nada se contradiz. Por que esta discrepância? Porque a palavra tudo para um filósofo não é o mesmo para o outro. O tudo de Heráclito se referia a coisas reais, objetivas, exteriores a nós, ao passo que o tudo de Parmênides dizia respeito a objetos ideais, subjetivos, a entes de razão que não existem, porque não estão nem no tempo, nem no espaço. O mundo de Heráclito existe mas não é. Existe, porque está no espaço-tempo; mas não é, porque se acha, incessantemente, em movimento ou transformação. O mundo de Parmênides é, porque não muda, porém, por esta mesma razão de não mudar, não existe. Estas duas posições antípodas, como dois parêntesis dentro dos quais se desenvolvem todas as filosofias (Ortega y Gasset), resumem-se em duas palavras: ser e existir.

Platão procura conciliar estas oposições (tese e antítese) numa síntese, o Topos Uranos que é e existe, e o que lhe saiu foi um mundo tal qual este nosso. O que há de diferente entre este nosso e aquele mundo celeste de Platão? A diferença consiste em que o mundo celeste é propriamente mundo, dado que esta palavra significa puro, limpo, imaculado. O nosso, então, é o imundo, porque impuro, sujo, maculado que é pela ignorância, miséria, dor, sofrimento e morte.

A civilização, logo, é um esforço para atingir o seu objetivo: o mundo de Platão, ou seja, a reversão à ordem que havia antes, e da qual as almas saíram, ficando sujeitas, no dizer de Platão, ao Esquecimento e entregues à Necessidade Cega. Aqui, também, portanto, “a entropia do universo tende para um máximo”, este que é o segundo princípio de termodinâmica, enunciado no século XIX.

Acaso o mundo celeste, o Topos Uranos, é parado, morto? Parado na sua perfeição, mas não morto; parado qual o espermatozóide, o óvulo, o martelo e as coisas todas que não têm por onde evoluir. Este, o estado de máxima entropia... que é o mesmo que o de máxima ordem interna, máximo equilíbrio intrínseco, máxima harmonia e paz interiores, e, para o homem, máxima felicidade.

Você concorda comigo que as palavras não são criadas a esmo, mas me adverte que, em compensação, elas “apresentam aspectos plurifocais”. O uso faz com que os vocábulos apresentem conotações diferentes. Após esta justificativa, me acrescenta: “Você fala de movimento e eu de trabalho, que é um movimento que conduz o ser a um objetivo, etc.”. Não é que eu falo de movimento que tende a cessar no repouso, quando se atinge a máxima entropia, no equilíbrio de forças do universo. Não o digo eu; dizem-no os que estudaram a energia calorífica no século XIX. Daí que entropia é também chamada princípio ou ciclo de Sad Carnot. Foi, porém, Clausius (1850) que deu ao princípio sua expressão matemática rigorosa. Suposto que essa nova conotação de entropia não é invenção sua, de que fonte você tirou?

Vejam, agora, como o princípio de entropia, em sua abrangência, pode abarcar o problema da felicidade. De acordo com sua definição, a felicidade é impossível. Você escreveu:

“Por felicidade entendemos a satisfação plena de todas as necessidades. As necessidades, por sua vez, são ilimitadas, e limitados, até aqui, os meios para satisfazê-las. Pode-se portanto aquilatar a dificuldade de atingir a FELICIDADE”. E no trabalho suplementar repetiu:

“A felicidade deve consistir na satisfação de todas as necessidades, mas conservando a possibilidade de se criar novos desejos, cuja satisfação exige trabalho, com movimento e vida, conferindo a manutenção da felicidade, sempre plena”.

Se recursos finitos servem a necessidades ilimitadas, sobram necessidades por satisfazer; como a felicidade consiste na satisfação plena de todas as necessidades, não sendo elas satisfeitas, geram mágoas, desgostos. Logo, a felicidade é impossível.

Buda, desesperado de conseguir a felicidade pela satisfação dos desejos sempre renovados e ampliados por desejos novos, saídos todos da alma... que é uma mina de desejos, optou pelo aniquilamento: só há um desejo que se deve ardorosamente cultivar: é o desejo de não desejar nada, nem mesmo o desejo de ser. Atingido este limite, cessa o ser, e, com este, o desejar. Para Cristo, a felicidade consiste em desejar sempre e só o bem; nunca, o mal. Para Platão, a felicidade consiste em desejar só a sabedoria, dado que só ela permite saber que outras coisas, além dela, convém ou não desejar. São Paulo disse: “Tudo me é permitido, ou tudo posso, mas nem tudo me convém”. O pecado pode ser desejável, e a virtude, aborrecida; contudo, ninguém, jamais, nunca, será feliz pelos caminhos do vício, do pecado. Por causa desta sabedoria, Sêneca recomendava: “Escolhe o melhor, e o hábito o tornará agradável”. A prova de que Sêneca estava certo, em sua sábia recomendação, veio muito mais tarde, com Pavlov, que aplicava choques elétricos aos seus cães de pesquisa, na hora de eles se alimentarem. Os cães ficavam nervosos, batiam-se contra as correias, gritavam, ganiam. Depois de muitas repetições, quando eram aplicados os choques, os cães sacudiam as caudas. Um observador do fenômeno disse, então: agora entendo por que os cristãos enfrentavam as cruzes, as feras e as fogueiras, em Roma, cantando. O masoquista gosta de apanhar; o sádico, de bater. É por este caminho senecano de cultivar o melhor que o santo sente prazer na virtude. É por este caminho que, como diz Huberto Rohden, o santo goza a vontade de Deus, no mesmo passo que o pecador a sofre.

Coerente com isto, tudo o que quer o ignorante é exacerbar suas funções biológicas, tornando-as subanimalescas até o mais extremado requinte, perto das quais se tornam ingênuas e puras as necessidades animais mais simples. Homens e mulheres imaturos da atualidade casam-se, e, pouco depois de se extinguir o mais ardoroso fogo do cio, dizem que “o amor acabou”, acrescentando cada um: “e eu tenho direito à felicidade!”. Felicidade que consiste na satisfação de todas as necessidades, sem classificação nem hierarquia.

Ora, então, como entendo que é? Pois entendo que um átomo só alcança sua quietude externa quando tem sua camada eletrônica periférica, chamada química, completa, isto é, saturada de elétrons. Para conseguirem este equilíbrio, os átomos se combinam em compostos estáveis. Desde quando o cloreto de sódio está salgando os mares em todo o mundo? O movimento interno existe sempre, pois dele decorre o existir dos átomos, da matéria a qual parece, até estar eternizada na montanha; porém, fora de si mesmos, nada mais procuram. Cada subsistema busca sua perfeição interna, sua ordem, sua entropia máxima, e nela repousa; e é só neste estado que pode entrar na formação de outros sistemas maiores, mais altos e mais complexos na hierarquia.

“Entrar” não é bem o termo, porque, na verdade, trata-se de ser tomado pelo sistema mais alto, e não porque o menor quisesse entrar para o sistema maior. O santo, o sábio – qual ocorre como o átomo que alcançou sua harmonia interna, sua paz, sua felicidade (“o reino de Deus está dentro de vós mesmos” – Cristo) – não vai arder-se por nada exterior – glória, riqueza, poder; no entanto, podem ser o santo e o sábio aproveitados pelo sistema maior no qual eles atuam alegremente. Este o motivo por que Platão achava que o rei devia ser filósofo, ou, o filósofo, rei. E Sócrates explica como isto há de fazer-se; diz ele: não há de ser o bom governo que vá procurar os que precisam ser bem governados; pelo contrário, os que precisam de um bom governo é que hão de procurar quem bem os governe. Não é o médico, diz, que vai procurar os doentes, mas, o contrário, os enfermos é que hão de ir procurar quem os cure.

Da Natureza, do Universo, eis o Decreto *ab initio*: Nenhum sistema poderá formar-se, a não ser pela integração de sistemas menores, e estes, de outros ainda menores, até o infinitamente pequeno. Todavia, é condição *sine qua non* que os subsistemas, a partir dos infinitesimais, para serem incorporados nos maiores, hão de estar prontos, completos, acabados, perfeitos, não mais sujeitos à evolução que, *ipso facto*, é finita. Disto se tira que, a despeito de os homens não se cansarem de imaginar sistemas de governo perfeitos, nenhum regime político-social funcionará a contento enquanto os homens continuarem os mesmos involuídos de sempre.

Em razão disto, não há outro caminho que não seja o de o homem construir-se a si mesmo, tornando-se santo e sábio, para poder, depois, formar consigo e a partir de si os escalões mais altos do social. No entanto, quando o homem se torna a si mesmo santo e sábio, então ele terá atingido a quietude externa ou estado de entropia máxima (ordem, harmonia, equilíbrio, paz), seguindo-se disto que a felicidade não se realiza com multiplicar necessidades ao infinito, com permitir que a alma se torne numa mina de desejos; pelo contrário, a felicidade consiste em reduzir as necessidades animais ao estritamente indispensável, em vencer as imperfeições, em acabar com a sede de riqueza, de honra, de glórias, em aceitar o mando como cargo, como carga que cumpre carregar às costas, e não fazer do cargo deliciosa carruagem, como sói acontecer. Foi pensando nisto que Sócrates declarou: “Se existisse uma cidade de homens honestos, haveria competição para fugir ao poder, como hoje há para o conquistar”. A luta pelo poder vem de que, como diz Vieira, os que acorrem ao cargo não vão tanto a enchê-lo, mas, a encher-se com ele.

Assim como, se o átomo não atingir sua perfeição, sua ordem, sua entropia máxima, não pode ser utilizado pela molécula, igualmente esta, também, se não estiver formada, não pode entrar para nenhum sistema superior. Obediente a este Decreto da Natureza do Universo, os escalões superiores do social dependem de que o homem se tenha edificado a si mesmo até o limite da sabedoria e da santidade. O caos social existente hoje, portanto, guarda paralelo com o caos atômico, de antes de os átomos se formarem... no seio do Colosso Primitivo, e do caos

molecular, muito mais tarde, e isso para não falar do caos vital, que é o de quando a Vida ensaiava construir suas formas mais rudimentares.

A vida que atingiu sua suprema plenitude, tornando-se tranquila no santo e no sábio, que é o mesmo que entropia máxima, acaso deixou de ser vida? Vivo, então, seria só o animal que vive na alteração (alter = outro; ação = movimento, mudança), aberto sempre para fora, para o ambiente cheio de perigos, sem nenhuma possibilidade de ensimesmar-se, de entrar em si, de estar só consigo, de meditar? O homem, então, há de ser só função do meio, e viver só de reações, e não, também, vice-versa? Se o meio age sobre mim, mas eu posso mudar o meio, então, mudo-o, e, por meio dele, mudo-me a mim. Os transeuntes das ruas, aos milhares, na sua maioria, vivem na alteração, como diz Ortega dos animais selvagens; querem alcançar a felicidade com multiplicar necessidades, com estimular desejos, com exacerbar instintos animalescos, com viver a vida para fora, em correrias para lugar nenhum, quando a vida, na sua forma mais sublime, é profundidade tranquila, livre das ondas e borrascas que nunca cessam de fustigar os penhascos.

Sendo a entropia o retorno ao estado de equilíbrio, à paz e quietude, à felicidade que eram no princípio, antes da queda dos espíritos no caos, então não só para o Universo, senão também para o homem, essa entropia tende para um máximo. O prólogo de tudo quanto há esteve nos Céus, seja segundo Platão, com o seu Topos Uranos, seja segundo Cristo, com a sua Jerusalém Celeste, sustentando, um e outro, Platão e Cristo, que o que foi prólogo também será o epílogo, perfazendo o Universo um grande círculo com o ponto de partida e o de chegada, no mesmo lugar.

Tal afirma Platão, para quem as almas, uma vez criadas pelo Demiurgo (que age em nome de Deus, que é o Sumo Bem), são postas a contemplar as Formas Arquétipos no lugar celeste, sendo, depois, levadas para os vários planetas em que, ao se encarnarem, se esquecem do que viram e gozaram no Topos Uranos. Aí, nos planetas, esquecidas do passado, ficam sujeitas à Necessidade Cega, à roda das reencarnações, a fim de se depurarem, após o que retornam ao Céu, o qual, agora, recebe o nome de Ilha Afortunada. Qual é, logo, a diferença das almas quando saem e quando retornam? Quando saem da cratera do Demiurgo assemelham-se a bonecas, todas iguais, de massa prensada em fôrmas, numa fábrica. Quando retornam, estão diferenciadas, individuadas, cada uma sendo só si mesma, tal qual diz São Tomás a respeito dos anjos ao afirmar que “cada anjo é uma espécie”. As bonecas de nossas fábricas, também, saídas da fôrma, tal qual saem as almas da cratera do Demiurgo, são levadas à seção de pintura e vestuário, e umas ficam brancas, outras morenas ou pretas; igualmente, umas fêmeas, outras machos, e todas de roupas variegadas, de acordo com suas características específicas. Assim, também, com as almas que saem indiferenciadas e retornam cada uma só si mesma, única na sua espécie.

Que paralelo pode haver entre esta doutrina de Platão pregada quatrocentos anos antes de Cristo, com a deste, que é o marco zero da história? O Deus de Platão é o Sumo Bem, e o de Jesus, o Pai Amantíssimo. O Deus de Platão age pelo seu Demiurgo, e o Pai Celeste de Cristo age pelo seu Verbo que é o mesmo Cristo, representando este (tal Pai, tal Filho), o Amor. As almas só retornarão ao lugar celeste, segundo Platão, quando expungidas de todas as imperfeições, pela sabedoria. Isto mesmo hão de fazer as almas para salvar-se, só que, em lugar da sabedoria, Cristo põe o amor, o que vem a dar no mesmo, porque sabedoria e amor são uma e mesma coisa. As almas, para Platão, desde sua criação na cratera, postas a contemplar as

Formas, da ida para os planetas, da expunção paulatina das imperfeições e da volta para a Ilha Afortunada, percorrem um grande círculo. E Cristo?

Ele, como Amor que é, e falando como se falara o mesmo Amor, afirma de si mesmo: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro”, (Apoc. 22,13). Ora bem: seja lá o que for que comece e termine no mesmo lugar, percorre um círculo. Cristo disse ser o Princípio e o Fim, e por que não, também, o meio do ciclo? Simplesmente porque o meio do ciclo é o Caos em que caíram os Espíritos celestes, grande parte dos quais se desfez, pela descensão das energias até sua transformação em matéria (energia = matéria), último reduto da queda dos Espíritos, Caos esse do qual, de acordo com a ciência moderna, saiu o Universo.

Daí que sendo Cristo o Amor... e também o Verbo pelo qual o Pai age, Verbo e Amor são a mesma coisa. Substituindo, então, como em matemática, a palavra Verbo pela palavra Amor, temos:

“NO PRINCÍPIO era o Amor, e o Amor estava com Deus, e o Amor era Deus. Todas as coisas foram feitas por ele (Amor), e sem ele (Amor) nada do que foi feito se fez” (Jo 1, 1 a 3). Logo, o Amor, que é energia-substância, pode, pela transformação das energias, tornar-se matéria.

Eis que a máxima entropia é o Amor para o qual tudo tende, porque foi de onde tudo saiu no prístino passado cósmico. Não é o calor (energia térmica) o ponto final na transformação das energias umas nas outras, como se pensou no século XIX, e sim, o Amor, que é de onde tudo emanou, e para onde tudo retorna, reverte.

03 - A Hiperconsciência

Que é o instinto, senão o que se estabilizou, pela repetição, em automatismo quase cego? Mas por que quase cego, e não cego? Porque se bem o raciocínio não interfira no processo mecânico do instinto, todavia ele interveio na sua formação, e intervém sempre que haja pequena variação entre o que se sabe e o que se tem a fazer. Instinto é hábito inato. É todo o hábito que, de tão repetido, enraizou-se no espírito, acompanhando-o em todas as existências. Uma bailarina só o é, de fato, quando não pensa nos passos que há de dar; assim será o musicista; assim, o datilógrafo. Mas como? Se o homem pensa para formar o automatismo, o animal não pensa! Se o animal não pensa, o instinto não é hábito cultivado, ou automatismo feito pelo repetir. Digo que o animal pensa rudimentarmente, e hei de prová-lo; esta será uma das dificuldades das que hoje examinarei.

Que é o pensar, senão o medir o que se acha fora de nós? Pensar é avaliar, ponderar, medir!, e quem avalia, pondera, mede, poderá fazê-lo sem número, peso, medida? Logo, a consciência é número, peso, medida, com que se há de avaliar o que está fora, com o que está dentro.

Mas como surge a consciência? Surge do mesmo modo por que cresce ela! Ela cresce avaliando o que está fora com o que está dentro, e incorporando tudo como patrimônio seu; mas o animal não tem nada dentro, isto é, não tem ainda consciência, logo, como há de crescer se não tem nada dentro para comparar com o que está fora? Neste ponto a consciência nasce.

Quando o ser nada tem dentro de si para comparar com o que lhe vem de fora, faz ele o que faz o homem em face de um problema inteiramente novo: age por tentativas, e chama-se a esse método o dos ensaios-e-erros. Tentando, loucamente, faz o ser o que já havia feito antes, e isto aqui já é conhecimento. Tentando de mil modos descobre a solução, e toda vez que um problema semelhante surja, o meio que o levou à solução será aplicado, logo, se será aplicado o meio, é que este está guardado no íntimo do ser; eis aí já a consciência. Assim se vão sucedendo as experiências, e o ser enriquecendo-se com os resultados. Agir por tentativas, pois, é já pensar rudimentarmente. Aqui está como o animal raciocina rudimentarmente ao resolver o seu problema, qual seja, por exemplo, o de escapar duma gaiola.

Agora direi que raciocinar é empregar o método dos ensaios-e-erros, tal qual faz o animal, porém interiormente, na consciência. Quem raciocina está experimentando, medindo o que desconhece com o conhecido que está dentro. Esta experimentação é interior, e diz-se, por isso, abstrata. O homem gasta tempo neste processo puramente abstrato, que no animal seria concreto e feito de movimentos. Às vezes tem o homem que concretizar seu pensamento com esquemas, com gestos, com números, para auxiliá-lo a formar-se. Raciocinar é, pois, empregar o método dos ensaios-e-erros, abstratamente, na consciência. Quanto mais atrasado é o homem, e mais desconhecido o que ele estuda, mais dificuldade tem em pensar, e mais necessidade tem de concretizar o pensamento. Chegado à solução se vai, então, à prática, à experiência; falhando ela, há que se refazer tudo de novo, levando-se em contra o fracasso, que também é experiência útil.

Este raciocínio moroso, tardo, difficílimo, eivado de referências materiais, que se verifica no homem intelectualmente inferior, vai se tornando acelerado, rápido, no homem evoluído, ainda que, no tempo que se o estude, não tenha ele cursado escola. O raciocínio, com o perpassar dos séculos, se vai tornando cada vez mais abstrato e mais veloz. Como todo o ato pela

repetição tende a estabilizar-se em automatismo, o raciocínio, sendo um ato da consciência, pela repetição, tende por sua vez a estabilizar-se em instinto. Torna-se, no homem, mecânico, o raciocinar; o julgamento se torna maquinal; o homem raciocina inconscientemente, isto é, sem se aperceber de como o faz, e sem esforço algum; a visão se lhe torna cada vez mais clara, mais nítida, a onda menos tarda, o pensamento menos muscular, menos material, e antes mais abstrato, mais espiritual, mais veloz portanto. Eis como a consciência, com ser dimensão planimétrica, se multiplica pela linha do instinto, para que surja o volume da hiperconsciência, cuja unidade de medida não mais é o raciocínio, mas, a intuição. Intuição é o saber por instinto, preciso, imediato, como o é este.

Quando o pensamento, pela sua abstração, perde o contato com as formas concretas ou imagens materiais, a velocidade do processo se torna infinita; o raciocínio (que é cadeia de idéias) torna-se infinito e intuitivo. Intuição, pois, não é suposição ou palpite, como muitos erroneamente pensam, senão, visão clara, abstrata, instantânea do caminho exato. O intuitivo não tem consciência do seu processo racional, mas, ele é racional, tanto como o homem comum, porém seu raciocínio é elevado ao infinito, e o tempo das operações reduzido a zero; desaparece aqui o tempo, cumprindo-se a profecia apocalíptica (Apc 10, 6). Quereis ver o intuitivo? Vede o que é perspicaz, agudo, penetrante, profundo, instantâneo, o que sabe sem aprender, o que vê sem provas, o que entende sem raciocinar (do modo comum), esse, o intuitivo.

Intuição é estado agudo de consciência, e não se vê no bronco, no tacanho, e sim no gênio, ou no homem que deste se aproxima. Por causa desta enormíssima capacidade de visão, o intuitivo vai às generalizações, às sínteses cada vez maiores, chegando a ter certeza absoluta do que nem pode explicar, por não haver palavras; chega à religião, não cultivada, mas, religião natural, espontânea, entendida e sobretudo sentida; chega a Deus. Sente Ele, vibra, palpita, num mundo de outra dimensão além da consciência, e aos racionais não se pode fazer entender; as suas razões não as alcança a mediocridade, e ele vive só, no meio da multidão, isolado, nos seus vastíssimos domínios; o homem comum o não entende, pela mesma razão por que o burro não pode saber no que pensa sua carga humana; proximidade evolutiva, e não espacial, é a que garante a compreensão. É por causa disto que o caminho do gênio há de ser de incompreensões, de violência, de perseguições e de martírios. No entanto ele é o que conhece a Verdade, e esta o libertou para sempre; ele, com haver chegado à síntese suprema, tem a visão do Absoluto, impossível é abalar-lhe a fé; fala ele a linguagem do infinito e das estrelas; palpita no seu peito, qual incêndio, a grande paixão do Belo, do Bem e da Verdade, que tudo é Deus.

04 - Pensar por teses em vez de por conceitos

As teses ou sentenças são resumos de doutrinas vastas...?, e filósofo é aquele que pode transpor o pensar por conceitos para o pensar por sentenças..., único modo de não se ficar perdido na congêrie dos fatos particulares, isolados. Eia, pois: pensemos por sentenças:

I – Matéria e energia são, mutuamente, reversíveis ou redutíveis.

II – Todas as energias são transformáveis umas nas outras.

Estas duas verdades científicas e experimentalmente comprovadas deram azo a que Einstein propusesse a generalização, que não é mais do que pura tautologia, que diz:

III – Todas as MATÉRIAS e todas as ENERGIAS do Universo podem reduzir-se a denominador comum com o nome de ENERGIA-SUBSTÂNCIA.

IV – “Na Natureza nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma” (Lavoisier), pelo que a ENERGIA-SUBSTÂNCIA do UNIVERSO é constante.

V – Há uma degradação dinâmica ao se transformarem as energias de ondas curtas, dinamicamente ricas, para ondas longas, dinamicamente pobres. Como, porém, pelo exposto no enunciado IV, a energia-substância do universo é constante, o que se perde em dinamismo energético ganha-se em qualidade evolutiva... não dimensionável pelos atuais instrumentos da física. Isto possibilita a passagem para o enunciado seguinte.

VI – Vida é energia-substância, visto não reduzir a ente de razão, a essência, ela provém (e não há mais de onde provir) do mundo dinâmico que lhe fica abaixo, constituído de energia dinamicamente degradada, já fora do alcance do atual dimensionamento físico-matemático.

VII – Antes não havia vida neste nosso universo egresso do Caos. Depois surgiu a vida, DO QUÊ...? Não pode ser senão de algo anterior modificado, e esse algo é o mundo inferior à vida, feito de energias dinamicamente degradadas.

VIII – Os sentimentos, as impulsões afetivas, os desejos, as emoções, a vontade são forças que nascem da vida, pelo que, como esta, são energia-substância também.

IX – A mais alta manifestação do sentimento é o AMOR, conseqüentemente, o AMOR é a mais alta expressão da Energia-Substância.

X – Como não há posto a subir acima do AMOR; como não existe o super-amor ou o trans-amor, ele se torna sem referência nem relação a algo acima de si, e isto o torna absoluto. Sendo o AMOR absoluto, então, o AMOR É DEUS, ou, como intuiu São João: “Deus é amor” (I Jo 4, 7).

Uma vez que a porção do Amor que é Deus, existente no santo, surgiu de baixo, por evolução, procedente da vida que, por sua vez, brotou das energias dinamicamente degradadas; e como não pode, o que é Deus, ser criado, nem evoluir desse nível divino para cima; e para chegar a esse último estágio de evolução, o Amor teve de partir de algo que, no seu começo mais remoto, era Deus, vem esta conclusão necessária!: Aquele AMOR que aparece no fim do processo evolutivo, além do qual não há mais subir, é o mesmo do princípio, de quando, em PRIMEIRA INSTÂNCIA, os filhos do mundo celeste foram criados. Porque, se não tivesse acontecido a INVOLUÇÃO... que antecedeu o CAOS do qual surgiu esta nossa FASE EVOLUTIVA, teríamos este formidando estapafúrdio: o AMOR que é DEUS surgiu do CAOS por evolução (!?). Como isto é absolutamente impossível, o contrário é que é a verdade: o AMOR, que é DEUS, além de preceder a INVOLUÇÃO, quando da criação dos espíritos celestes, ainda esteve presente sempre, desde o CAOS, como princípio que é de integração; e

nada se formaria se esse princípio não atuasse, como, de fato, não atuou durante todo o tempo da INVOLUÇÃO em que tudo caiu e se desfez no medonho CAOS.

Como o amor em nosso mundo evolutivo surgiu de baixo, da energia-substância inferior, sendo o Amor, Deus, segue-se que o amor é o último estágio do retorno, ou volta ao que era no princípio, ao que era antes da inversão e da queda acontecerem... A Energia-Substância (AMOR) divina, individuada nos espíritos celestes, nestes, porque LIVRES, ficou autônoma até para tornar-se no seu oposto, no egoísmo desintegrador. Em se dissociando o AMOR, surgiu dessa desintegração aquele arquidilúvio de energias inferiores, as quais possuíam propriedades inversas das de hoje: ao invés de, como agora é, as energias abrirem-se em ondas para a periferia, fechavam-se desta periferia para o centro, como ocorre com os raios laser, que são concentrativos, e não dispersivos. De tais raios se compunham as energias que se enrolaram em partículas subatômicas... do que resultou o Colosso Primitivo que, perto de expandir-se por rotação, media dez mil anos luz de diâmetro. Toda a matéria do universo, então, se achava nessa fulgurante e massiva esfera... De tais energias centralizadas, pois, surgiu o CAOS, pai deste nosso universo evolutivo. Essa é a razão de ser possível, agora, o movimento inverso do movimento da queda, em que o amor retorna à sua prístina figura, ao estado primitivo, por evolução.

05 - Falando a respeito de Deus

O problema de Deus que se propõe é o eterno problema de querer racionalizar Deus. Isso significa trazer algo que é transracional, que é hiper-racional, para o plano da razão. Não é só Deus não, mas todas as hiper-racionalidades são impossíveis de serem trazidas para o plano da racionalidade. Não é só Deus que não pode ser provado; Deus não pode ser provado como não pode ser provado um postulado. Um postulado tem que ser aceito; e a partir desse postulado que é aceito de fé, sem demonstração, sem possibilidade de demonstração, é que se vai erigir toda uma ciência tão exata como as matemáticas. Se a veracidade da ciência está na veracidade do postulado; se a veracidade do postulado está na veracidade da demonstração, então era preciso que se demonstrasse o postulado para que esse postulado demonstrado possibilitasse que se cresse nele para construir-se a ciência, ciência capaz de produzir seus frutos. No entanto, não é desse modo; todas as ciências, nos seus primeiros princípios, nos seus albores, não têm demonstração. As ciências estão baseadas nos primeiros princípios. Por isso é que se chamam primeiros princípios. Do mesmo modo que a ciência se acha fundamentada em primeiros princípios, do mesmo modo que as matemáticas se fundamentam em postulados, Deus também se fundamenta em intuições. Deus é uma intuição. Mas o homem costuma racionalizar Deus, isto é, trazer Deus para dentro do domínio da razão. Então, o que acontece? Acontece que o homem começa a dar nome a Deus; e começa dizer que Deus é isto, Deus é aquilo. Deus passa a ser coisas conhecidas, relativas. Diz-se, então, que Deus é luz; então trazemos Deus para o domínio da razão, porque, como sabemos o que é a luz, sabemos o que é Deus. A luz está no centro do campo científico, e toda aquela relatividade que envolve a luz passa para Deus. Quando dizemos que Deus é amor, nós só conhecemos o amor no nível humano, onde é preciso que haja um par, onde é preciso que haja o amante e que haja o amado; é preciso que o amor flua do amante para o amado e vice-versa; se o amor for recíproco, por conseguinte esse amor que flui nas duas direções implica a existência de dois termos. Nós não sabemos do amor incondicionado que flui como se fora uma fonte luminosa que se irradia constantemente numa única direção. Assim, quando substituímos o termo *Deus* pelo termo *amor*, só pensamos no amor relativo; como o amor está dentro da relatividade, caímos de novo no relativismo, ficando, de novo, a nos perguntar o que é Deus.

Deus, desde sempre, é uma intuição. E nós temos de aceitá-lo como intuição, do mesmo modo que aceitamos as intuições que se acham nos fundamentos das ciências. Do mesmo modo que somos obrigados a aceitar de fé – sim senhores, de fé – os postulados que estão nos fundamentos das ciências e das matemáticas, do mesmo modo nós temos de aceitar Deus como uma intuição. Nós temos, por exemplo, a geometria euclidiana que admite uma forma de espaço plano para todos os lados. As geometrias de Lobatchevski, Riemann, Bolyai e Gauss admitem outras formas de espaço; cada forma de espaço diferente produziu uma geometria diferente, e agora perguntamos: qual é a geometria verdadeira? Resposta: é aquela que corresponder à realidade do espaço. E qual é a realidade do espaço? Ninguém sabe. O espaço é algo que ignoramos; não sabemos que forma tem o espaço. É possível até que as geometrias sejam verdadeiras, cada uma correspondendo a um momento do espaço móvel; quem sabe se o espaço é contrátil e está se movendo, e em seu movimento passa de uma forma para outra forma, e assim, ora uma, ora outra geometria corresponde à realidade do espaço. Sendo assim, as geometrias variam, pelo que ficam relativas, dado que têm que corresponder à relatividade do

espaço. Eis, pois, que, porque não sabemos como é o espaço, os postulados das geometrias são aceitos de fé.

A geometria de Euclides serve muito bem numa banca de carpinteiro; o carpinteiro trabalha muito bem com a geometria de Euclides; agora, para um cosmonauta, a geometria de Euclides não serve, ele terá de utilizar-se de uma geometria curva. Se formos no pólo do globo terrestre, e lá assentarmos um esquadro, traçando um ângulo reto, esse ângulo reto desce com uma linha sobre o Equador, e a outra linha desce também sobre o Equador pelo outro lado. Pois, tanto de um lado como do outro, as linhas que caem sobre o Equador formam, com este, ângulos retos. Vai formar um triângulo com três ângulos retos. Pois aí está: a geometria de Euclides diz que a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual a dois retos. No caso do triângulo terrestre, os ângulos internos formam três ângulos retos. A regra é a seguinte: quando um triângulo cobre 1/8 da superfície curva, a soma de seus ângulos é igual a três retos.

A ciência, portanto, está fundada em postulados; e se não podemos demonstrar os postulados, como haveremos de demonstrar a hiper-racionalidade que é Deus? Então, Deus é uma intuição que nós aceitamos de fé. Esta é que é a verdade; e a partir desta aceitação de fé é que nós fazemos as construções dos nossos sistemas. Então, de fé nós admitimos que Deus é amor, que Deus é bondade, que Deus é todos os atributos positivos dos quais podemos fundar a moral.

Há muitos, no entanto, que querem racionalizar Deus, e um dos princípios usados é o da causalidade. Se não existe efeito sem causa, se todo efeito é produzido por uma causa, então sempre nós temos um produtor dum efeito que é causa de outro efeito, processando-se o fenômeno em cadeia. Deste modo, quando chegamos a Deus, não há como interromper a cadeia lógica do raciocínio, e é então quando até a criança pergunta: quem é, então, que causou Deus? Havemos de interromper o processo lógico. Assim são as outras provas da existência de Deus. Mas, como intuição, ele nos pode ser acessível, assim como um postulado.

Desta intuição de Deus o homem pode formar conceitos de Deus, sabendo que estes não são Deus, mas apenas suportes racionais da divindade. Há, deste modo, a evolução do conceito de Deus, como podemos averiguar pela história. Primeiro são as formas animais, a zoolatria, até que os animais se humanizam. Aí é então que Deus se transcendentaliza transpondo a forma humana. Mas não é que ele fica Deus cósmico como quer Einstein, pois o cosmos, o universo não é Deus. Deus é suprauniversal. Deus não pode ser isto nem aquilo para ser racionalizável e estar nos limites da razão e, por este motivo, limitado, em razão do que deixaria de ser Deus.

Agora, se o sujeito vai às igrejas e chegando lá o padre, ou ministro, ou sacerdote começa a pregar Deus na forma que ele é obrigado a pregar, pois ele está jungido por um princípio, ele tem o livro da lei dele, ele tem o seu texto do qual não pode fugir. Mesmo que a Igreja esteja esvaziando ele não pode fugir ao texto; a Igreja cai, o sistema cai inteiro; o sistema não evolui; os sistemas caem; Roma não evoluiu; Roma caiu. A Grécia não evoluiu; a Grécia caiu. Não é possível chegar à Igreja Protestante e fazer modificações, alterar os códigos e os ritos. Não é possível ao papa, por exemplo, por muito boa vontade que tenha de fazer uma reforma, alterar a teologia, a filosofia de São Tomas e de Santo Agostinho e dos pais da Igreja. Sua reforma será apenas exterior, aparente. O fim da Igreja é o esvaziamento, donde ser preciso que haja outras formas, outras concepções para ter onde irem os egressos das Igrejas em agonia e falência. Assim também com a Maçonaria. A Maçonaria vai cair, ela vai sumir-se, porque ela não se renova, não se regenera, não vai sair desta forma avoenga; ela ficará nisto sempre, até que

apareça um outro sistema, uma nova Maçonaria que absorva e abarque em si a antiga. Não tem jeito de renovação, não evolui. Não existe isso de a coisa se regenerar. A velha morre dentro da nova, mas a velha não sobrevive.

Assim, os que não se enquadram mais em suas religiões, principiemos a procurar aqui e ali seu norte. A primeira coisa que ocorre é desiludir-se de sua religião. Enquanto ele puder ir à Igreja, que continue indo até que venha a desiludir-se. Nesse ponto, é preciso que haja outra coisa que o satisfaça, donde vem que isto precisa ser criado. O que se sentir bem, dentro de dada religião, que fique lá, dado que se acha sintonizado com o sistema; o outro, o que se desajustou, tem que sair fora, e encontrar outra forma de organização de pensamento.

A função da religião é domesticar a besta humana. Sua função é fundamentar a moral; a moral põe o cabresto na besta que é o homem. Religião que não tenha uma moralidade, que não tenha essa finalidade de cabrestear o homem, não tem função nenhuma. Podemos reparar que todas as religiões, mesmo as primitivas, tinham essa finalidade. Consideremos o homem do tempo do urso das cavernas. O urso era herbívoro; até há pouco tempo admitiu-se que era carnívoro. Faziam-se pinturas de ursos atacando o homem primitivo; mas era engano, era mentira, porque de acordo com os estudos modernos, o urso era herbívoro, e não podia estar atacando o homem primitivo para alimentar-se e, sim, para defender-se dele.

No dorso desse urso, civilizações primitivas, de homens primitivos desenvolveram-se. Grupos primitivos sobreviveram ao urso das cavernas, como aqueles povos que deixaram suas pinturas nas cavernas. O urso das cavernas era semelhante ao búfalo dos índios norte-americanos, que servia de alimento, principalmente quando o urso estava hibernando, gordo, dormindo, quando então era morto com uma martelada no nariz. E comia-se o urso.

A partir disto o homem fazia uma religião; o sacerdote vestia a pele do urso da caverna. Tinha-se de pedir perdão para o urso, pela violência que se lhe havia feito. Matava-se o urso; depois, ia-se pedir perdão ao urso. Mas, em lugar de se dizer que se matou o urso, eufemizando dizia-se que o urso sacrificara sua vida por nós. É assim que começa. Nós também dizemos que a vaca nos dá o leite; o boi dá-nos o trabalho, dá-nos a carne, dá-nos os chifres para a confecção de pentes e os ossos para adubos e botões. Desde quando a vaca nos deu o leite?! Mas é comum nós fazermos esse jogo de palavras. Do mesmo jeito que o boi nos dá as carnes, e a vaca, o leite, o urso dava a carne para os primitivos.

Formava-se, então, a religião do urso. Então havia o deus urso. Ora, o deus urso que chegou a dar sua vida para que o homem pudesse viver tinha feito um sacrifício em que ele se mostrava magnânimo. Com este magnânimo desprendimento, com este sacrifício em favor de alguém, começa o princípio da moralidade. A imaginação do homem vai paralelamente criando a religião, e com ela, a moralidade. Cria-se o rito, cria-se a liturgia, depois o tempo os consolida; os sacerdotes se sucedem, até que um dia um deles, morrendo, se torna num deus humano.

Esta religião pode servir ao homem por largo tempo, até que este modo de conceituar Deus vai-se tornando superado. O homem amadurece para novas concepções pelas quais o deus urso passa a ser uma figura de algo muito maior.

Como nos tempos antigos, hoje o homem amadurecido para concepções mais ampliadas não pode suportar o que dizem as várias seitas do cristianismo. O homem amadureceu, e está para sair do seu alojamento sectário; é preciso que haja outra coisa para ele, e à vezes, essa outra coisa não existe, ainda não foi criada. Então, o homem não tem para onde ir.

Quando afirmamos isto, vem um e nos diz: quer dizer que a humanidade evoluiu? A humanidade evoluiu; mas o que quer dizer “evoluiu”? Pois quer dizer: transitou de um plano

para outro plano; como diz Toynbee: Nós estávamos num socorro da montanha, estávamos muito bem aí alojados. Agora saímos desse socorro e pretendemos atingir o outro socorro superior. Ora, fazer essa passagem é perigoso; é perigoso a gente mudar de posição. Toda mudança de posição é perigosa. Evoluir é mudar de posição, passar de um socorro da montanha para outro. Porque, se falamos em evolução, já logo vem alguém e pergunta: quer dizer que melhorou? Quer dizer que está tudo bom? Não dissemos nada disso. Assim, as coisas acontecidas em nosso tempo tornaram superadas as religiões em que estávamos. Nós estávamos, costumamos estar, Deus está, Pai nosso que estais nos céus. Nós costumamos estar em algum lugar, em alguma forma religiosa. Pois também na evolução nós estamos; e chega o momento que deixamos de estar porque vamos para outro modo de ser, outro lugar. Essa passagem de um socorro para outro, de um nível para outro, é quando podemos cair, é a hora do perigo. A hora do perigo se evidencia nas coisas que estamos vendo a par do esvaziamento das igrejas; notamos que se recrudescem os crimes contra pessoas e contra a propriedade; o banditismo aumenta, aumenta-se o índice de criminalidade. Tudo isso faz parte do que chamamos *abandonar uma posição a fim de ir-se para outra*.

Nos períodos de esvaziamento das religiões, há os que dizem que o lugar menos indicado para achar Deus é nas igrejas, porque todas elas materializaram Deus. Vejamos isto:

Já dissemos que Deus é uma intuição. Ninguém pode pensar Deus. Deus é impensável. Ninguém pode entrar no seu quarto, por exemplo, e pôr-se a raciocinar sobre Deus. Deus é impensável; ele é uma intuição, do mesmo modo que um postulado é uma intuição. Então os homens arranjam elementos que simbolizem Deus, fixem Deus como símbolo, para poder orientar o pensamento. Quando no Espiritismo se pede para se concentrar em Deus, recomenda-se que se concentre em Jesus Cristo. Porque é impossível pensar Deus. Quando se pede que se concentre o pensamento em Deus, embora Jesus não seja Deus, é nele que se concentra. Por que isto? Porque Deus é um postulado, aceito por intuição. Ora, Deus sempre foi representado por alguma coisa, e deste modo apresentado aos homens. Sendo Deus como o postulado, aceito por intuição, precisa ter alguma representatividade. Alguma coisa, que não é ele, o simboliza e representa, e é nessa representatividade que ele aparece nas religiões. Logo, como havemos de dizer que as religiões são as menos indicadas para apresentar Deus, porque elas o mostram de uma maneira materializada? A forma materializada não é Deus mas símbolo de Deus. Quem for capaz, então, que apresente Deus na sua expressão genuína de Espírito. O Deus que disse a Moisés: “Eu sou o que sou”, esse não pode ser entendido com a razão.

Todavia os homens se cansam dos símbolos e querem mudá-los, o que significa nova religião. O ânimo do reformador é fazer tábua rasa do passado, para começar tudo de novo.

A primeira coisa é que não se deve nem pode desprezar o passado, porque o passado persiste no presente. Não existe isso de separar o passado. A cultura se estabelece sobre o passado. Ela avança no futuro, mas avança com um pé atrás; não existe essa ruptura completa com o passado, porque uma religião sem passado seria uma invenção original, o que não há.

Deste modo, Deus é sempre representado por um auxiliar do pensamento, e isto, até para os espíritos mais sublimes. Para concentrar o pensamento em Deus, valemo-nos de símbolos que não são deuses. O que é preciso é não confundir e dizer: isto aqui é Deus. Isto é um caminho de se chegar a Deus. Não se trata, pois, de dizer que Deus se acha materializado; o pensamento é que precisa de um suporte para alcançar Deus, dado que as intuições são ininteligíveis. Por exemplo, podemos pensar em Cristo, esse Cristo que nos legaram os artistas; Cristo simboliza ou pode simbolizar Deus por ser a máxima expressão da divindade em nosso

meio. Pensando em Cristo na hora da meditação religiosa, eu posso ter a máxima elevação minha.

06 - Reencarnação

Palestra proferida por Luiz Caramaschi, na Loja Maçônica “Cavalheiros do Sul”, de Piraju, em 6-10-1992 (cinco dias antes do seu falecimento).

As maiores religiões da Terra são reencarnacionistas, assim o Bramanismo, o Budismo, o Xintoísmo. Na Grécia, Platão já difundia esta crença, a mesma que dominou o mundo até que Zoroastro, “O Persa”, passou a pregar a doutrina da ressurreição. O Judaísmo primitivo era também reencarnacionista. Duas coisas inventou Zoroastro: o diabo e a ressurreição, esta que depois dominou o Cristianismo.

No Novo Testamento, o que há é o reencarnacionismo. Um dia, Jesus passava com os apóstolos por um caminho à beira do qual estava um cego de nascença. Jesus restituiu-lhe a visão: fez um lodo de terra e cuspo, aplicou-lhe no olho e mandou que se lavasse no Poço de Siloé para se livrar da cegueira.

Então, os apóstolos lhe perguntaram: “Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego; ele ou seus pais?”. Atentem bem para a pergunta: “Foi ele que pecou para nascer cego?”. Se pecou para ter nascido cego, segue-se que teve uma vida anterior, quando teria feito coisas erradas, em consequência do que nasceu cego. Foi ele que pecou para nascer cego, ou foram os seus pais? Seus pais, por causa das doutrinas de Moisés. E Cristo disse: “Não foi ele que pecou, nem seus pais; ele nasceu cego para que manifestasse através dele o poder de Deus”.

Outro ponto do Evangelho registra que vieram contar a Jesus que João Batista tinha sido decapitado durante um festim de Herodes. A filha de Herodíades havia dançado para Herodes, e ele, envaidecido, prometeu lhe dar até a metade do seu reino se ela o pedisse. A moça consultou Herodíades, sua mãe, que recomendou que pedisse a cabeça de João Batista. Mesmo aborrecido, mas em respeito aos convidados, Herodes ordenou a execução. Cortaram a cabeça de João Batista e a entregaram à moça em um prato, que ela entregou a Herodíades.

Quando relataram o ocorrido a Cristo, ele disse: “Que foste ver no deserto? Acaso uma cana agitada pelo vento?”. Depois de um longo discurso sobre João Batista, afirmou: “João Batista é o Elias que havia de vir”. Uma profecia dizia que Elias viria primeiro; antes do Messias. Elias já havia morrido, foi arrebatado num carro de fogo, bem antes, quando matara quatrocentos profetas de Baal. “Elias já veio e fizeram tudo que quiseram de mal contra ele”, continuou Cristo, e os discípulos entenderam que ele estava falando de João Batista. Donde vem que João Batista é o Elias que havia de vir.

Depois é que apareceu a palavra *ressurreição*, que tinha vários sentidos. O termo era usado para se referir, por exemplo, a um sujeito quando se recuperava de um ataque cataléptico; no caso de Lázaro; no da filha da viúva de Naim; no de aparições de espíritos. Quando Jesus morreu, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo e o túmulo de vários santos se abriram e eles apareceram a muitos. Apareceram...!, apareceram a muitos, mas não a todos, e tornaram a desaparecer. Por que não ficaram morando com eles como aconteceu com Lázaro, que ficou com suas irmãs Marta e Maria? Se ele ressuscitou, ele vai morar com suas irmãs; mas aqueles que ressuscitaram lá quando Jesus morreu, eles só apareceram. A isto chamava-se ressurreição também.

Quando Jesus Cristo estava pregando e Herodes falou: “Esse é João Batista que eu mandei matar, ressuscitado” – era a idéia corrente da ressurreição, era a doutrina de Zoroastro

que vinha do povo hebreu, adquirida quando ele fora escravo na Babilônia. Na Babilônia, até então, não se falava em diabo nem em ressurreição.

Davi fez um recenseamento sem ordem de Deus e foi punido por isso. Grande peste dizimou seu povo. Depois de Davi, veio Salomão, depois de Salomão, vieram Geroboão e outros reis. O povo de Israel entrou em decadência, veio a escravidão e a destruição do templo. Eles foram levados como escravos para a Babilônia.

Lá na Babilônia é que foi definido o conceito de diabo. Até então, era somente pecado, dizia-se *pecado*, mas não se dizia *diabo*. Lá é que foi definida a idéia de diabo.

Ciro, “O Persa”, libertou o povo hebreu da Babilônia e o devolveu para a Judéia. Os judeus voltaram para sua terra. Foi quando escreveram o livro Paralipômenos, que repetiu o feito de Davi, onde se cita a tentação do diabo. Foi a primeira aparição do diabo.

No Novo Testamento o diabo desapareceu, o demônio que sempre aparecia era o espírito das trevas, o espírito do mal. Depois é que a doutrina cristã voltou atrás e foi dar aspecto demoníaco à serpente do paraíso. Mas lá no Gênesis não está escrito que a serpente era diabo; está escrito que a serpente, o animal mais astuto criado por Deus, enganou Eva, e não se disse que era o diabo. Só mais tarde, voltou-se atrás dizendo que a serpente era o diabo.

A maçã, por exemplo, que era o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, diz lá que era um fruto, e mais tarde então começaram relacioná-la com sexo, era o pecado do sexo, porque o sexo era considerado pecaminoso no tempo de Moisés, por outras razões que devemos estudar noutra oportunidade.

A reencarnação era a doutrina vigente em todas as filosofias antigas e em todas as grandes religiões da Terra.

Agora, no Espiritismo, o que se admite é que nós nos reencarnamos, e quando nos reencarnamos, a nossa vida presente é uma decorrência da nossa vida passada; o meu hoje é a consequência do meu ontem; as coisas que eu fiz ontem projetaram o meu hoje, e no que eu faço hoje, estou traçando o meu futuro.

Usando o meu livre-arbítrio posso fazer o bem ou o mal, de maneira que sentencio meu futuro agindo no presente, não podendo escapar das consequências das coisas que aconteceram no meu passado.

Vou dar um exemplo: Eu tenho uma trombose, estou aqui falando mas o dedo mínimo do pé está adormecido. Estou recebendo tratamento, medicamentos, e o médico disse: “tem que fazer o tratamento e muito exercício, andar bastante”. Pode ser que haja veias colaterais e, com o exercício e medicamentos, elas venham a restabelecer a circulação. Mas pode ser que piorem e eu venha a ter minha perna amputada. Essa tendência pode passar para a outra perna e posso ter também ela amputada, se isto estiver no meu destino. Se eu plantei alguma coisa no passado que implique isso aí, eu terei de sofrer as consequências. Caso contrário, não terei.

Essa é a reencarnação. Agora, como se pode obter provas da reencarnação?

Um dos processos é a hipnose. No programa de televisão de Sílvia Poppovic, tivemos a oportunidade de ver um pesquisador que, por hipnose, levou uma sua cliente à regressão. Nessa regressão a moça chegou aquém do berço e falou em alemão, um dialeto que era falado no século XVII. O texto foi gravado para ser ouvido por pessoa que pudesse entender o que foi dito. Um detalhe: a moça não falava alemão.

Outra prova é a lembrança que algumas crianças têm de sua vida anterior. Temos aqui os textos de dois casos de crianças que se lembraram pormenorizadamente acontecimentos

da vida anterior, ocorridos nos Estados Unidos. Aqui apresentaremos, de forma resumida, dois casos dos mais significativos:

Testemunhos desconcertantes

“Shanti Devi, filha de um casal de alta posição social, nasceu em Nova Deli (1926). Nada fazia pensar que ela fosse uma criança diferente, até que, pouco depois de cumprir cinco anos, numa conversa que manteve com sua mãe, identificou-se como Shant Nath, aludindo a fatos estranhos que teriam ocorrido em 1902.

Ela confessou ter nascido em Mathura, uma cidade de Uttar Pradesh, que fica quase a noventa milhas de Nova Deli. Ela descreveu os edifícios, templos e ribeiras do rio Jumma e aludiu a uma fábrica de algodão.

– Mas de que você conhece essa fábrica?

– Meu esposo era comerciante de tecidos...

– Seu esposo? Desde quando você está casada?

O assombro de sua família ia em aumento. A menina responde que seu marido “chama-se Kedar Nath” e que “tem um filho”. O mais surpreendente de tudo é que Shanti verbaliza suas respostas com uma marcada tendência a substituir seu idioma por parágrafos correspondentes a um dialeto característico dos habitantes de Mathura.

Realizadas amplas investigações, localizou-se o comerciante Kedar Nath. Levaram a menina até aquela cidade. Ela conversou com aquele homem revelando-lhe detalhes matrimoniais íntimos, numa linguagem coloquial e familiar que deixou estupefato o viúvo. Efetivamente, esse homem perdera sua esposa devido a um parto desafortunado, precisamente pela data em que Shanti nascera”.

* * *

O segundo caso que passaremos a transcrever na íntegra é o seguinte:

“Bishen Chard Glulam nasceu no ano de 1921, filho de um modesto funcionário índiano da cidade de Bareilly. Quando o menino Bishen Chard tinha ainda dez meses de idade, em vez de emitir exclusivamente sílabas desconexas – como seria normal –, repetia incessantemente a palavra “Pilibhit”. Esta palavra correspondia ao nome de uma cidade próxima (a uns cinquenta quilômetros de Bareilly), onde a família do menino não tinha parentes nem amigos.

Com o passar do tempo, Bishen Chand começou a fazer perguntas a seus pais sobre aquela cidade, pedindo que o levassem até lá, pois ele afirmava ter vivido naquele lugar. Como não acreditavam nele, os pais não atenderam sua súplicas, apesar das descrições que o menino fazia daquela cidade e de seus habitantes. Numa ocasião, encontrando-se de viagem com seus pais, Bishen Chand percebeu que passavam perto da cidade de Pilibhit, e exigiu então que parassem ali. Eles não consentiram, o que provocou na criança um estado de choro e tristeza muito prolongado.

Aos cinco anos, Bishen Chand começou a demonstrar lembranças já muito concretas de sua vida anterior, transformando-se-lhe o caráter, seu modo de atuar e seu comportamento. Afirmava ter-se chamado Laximi Narain numa vida anterior, e que seus pais foram uns ricos

fazendeiros residentes na capital de Pilibhit. Fazia extensas descrições da casa em que vivera, mencionando o luxo e as festas que eram habituais na sua antiga moradia. Talvez por isso costumava, naquela época, queixar-se, amargamente, de sua situação, exclamando que nenhum dos empregados jamais comeria a comida que ele tinha que comer ou vestiria a roupa que ele tinha que vestir com a atual família.

Em certa ocasião Bishen Chand foi surpreendido, por sua irmã, bebendo licor, coisa totalmente proibida na família. Ao ser chamada sua atenção, Bishen Chand respondeu, com indiferença, que isso não lhe estava proibido, e que ele estava muito acostumado a fazê-lo na sua existência “anterior”. Também deixou seu pai surpreendido, aconselhando-lhe que procurasse uma amante, pois esta, dizia ele, lhe proporcionaria grandes e sutis prazeres, confessando ter tido ele mesmo uma, para seu uso pessoal, quando vivia em Pilibhit e era Laximi Narain. O conselho resultou desconcertante para o pai, sobretudo vindo de um menino que não tinha cumprido ainda os cinco anos e meio e que, ao parecer, conhecia perfeitamente a diferença entre uma amante e uma esposa; ele disse inclusive o nome da que fora sua amante, uma tal Padma.

A tal extremos chegaram as extravagâncias de Bishen Chand, que seus pais decidiram confiar o caso a um advogado de Bareilly, chamado K. N. Shay, que recolheu cuidadosamente todas as declarações do menino, para depois levá-lo, na companhia de seus pais e um irmão, à cidade de Pilibhit.

Efetivamente, foi possível comprovar que vivera naquela cidade um tal Laximi Narain, jovem de vida libertina, que falecera havia oito anos. Pôde-se comprovar também que ele pertencera a uma família rica, que se distinguia pelo luxo e fastuosidade com que vivia. Ao mesmo tempo, puderam obter informações sobre a amante de Laximi Narain: ela chamava-se Padma. A este respeito, logo averiguaram que Laximi Narain assassinara um empregado seu por suspeitar que ele mantinha relações amorosas com ela.

Ainda em Pilibhit, um oficial de polícia, tentando confundir Bishen Chand, perguntou sobre a esposa e filhos de Laximi Narain, ao que o menino respondeu que ele nunca tinha tido esposa em sua “outra vida”.

Quando foi levado à sua antiga casa, soube descrever os diversos cômodos e seus diferentes usos, ficando muito aborrecido ao vê-la derruída e abandonada. E quando um sobrevivente de sua antiga família mostrou-lhe uma foto na qual ele próprio estava com seu pai, ele exclamou: “Este é meu pai e este sou eu!”

Como era sabido que Laximi Narain costumava tocar o tambor indiano com grande maestria, pediram que ele tocasse. Bishen Chand nunca havia usado esse instrumento, mas, diante do assombro de todos, tocou com certa habilidade, o que requeria muita prática.

Imediatamente, Bishen Chand reconheceu a que fora mãe de Laximi Narain, e conversaram animadamente bastante tempo, e o menino pôde responder as perguntas de sua “outra” mãe com grande exatidão, narrando diversos detalhes e acontecimentos referentes à sua infância.”

07 - O divórcio

O casamento é uma instituição muito antiga, a tal ponto que nos perdemos se quisermos saber sua origem. Sabemos que começou com o homem; desde que o homem começou a organizar-se em sociedade, desde que passou a existir a família, desde que existiu a responsabilidade entre pais e filhos, começou-se a pensar em disciplinar o homem criando essa instituição que se chamou *casamento*. O casamento é a legalização da união sexual; o único modo da satisfação dessas necessidades de um modo moral é o casamento. Ninguém pode satisfazer-se sexualmente a não ser através do casamento. Assim o entenderam todos os povos no passado. Assim é que sempre foi entendido, e assim é que sempre foi executado. A promiscuidade foi considerada como imoral, porque não leva a realização nenhuma. Então, sempre que o promíscuo apareceu na sociedade, ele foi alijado, ele foi visto com maus olhos.

O casamento envolvia-se dessa auréola de responsabilidade social, desde a sua origem. Por causa disto, por causa do envolvimento que o casamento causava em relação aos filhos, por causa da responsabilidade de receber os filhos, por causa do amor que os pais tinham pelos filhos, por causa do ambiente que se formava, o lar, tudo isso deu-lhe uma dimensão sagrada ou divina, e a união matrimonial foi considerada um sacramento. Daí que ele passou a ser realizado pelo sacerdote, pelo feiticeiro ou por aquelas pessoas da tribo que estavam investidas de autoridade para fazê-lo. O mundo veio sempre trazendo o casamento com essa característica, a característica da sacralidade. O casamento é um sacramento, o sacramento do matrimônio. A palavra *matrimônio* deriva de *mater* – mãe, matriz. É a célula mater da sociedade. Era a mãe da tribo, a mãe da família, que cercava os filhos e formava o primeiro agrupamento social. A sociedade se formou, sempre, em roda da mulher, e através dos tempos os desatinos que tem havido geralmente são praticados por parte dos homens. As mulheres que saíam fora da sua linha eram execradas. Para pertencer à sociedade havia de manter-se nos limites que a sociedade impunha ao matrimônio como tinha sido estabelecido desde as tribos primitivas.

Então, o casamento trazia sempre essa característica de sacralidade. Agora, com o correr do tempo veio o industrialismo, o tecnicismo, o materialismo. Aquela dimensão de sacralidade foi sendo diminuída. A espiritualidade do casamento foi sendo posta de lado. Em vez de se pensar nos filhos, em vez de o casamento ter em vista a família, tem em vista os cônjuges; não são mais os filhos o objetivo duma família e, sim, os próprios cônjuges. Eles é que buscam os seus interesses; os filhos pouco se lhe dão. Cada um busca o seu interesse próprio em detrimento dos filhos. Aí começou essa corrente moderna nas civilizações mais adiantadas; quando dizemos civilização adiantada, nós nos referimos ao avançamento tecnológico. Sempre que se diz assim: “Dentre todas as nações civilizadas, o Brasil é a única ainda que não tem o divórcio”; *civilizada* quer dizer aquela nação que se tornou tecnocraticamente materializada, aquela que apresenta um grande desenvolvimento material.

Sempre que se fala em divórcio não se fala nos filhos, não se pensa na família, pensa-se apenas nos cônjuges isolados, nos cônjuges imaturos, nos dois indivíduos diabólicos que se uniram e não estavam preparados para uma vida comum, e que por isso não podem acertar os seus pontos, e daí o viverem em guerra, e precisarem separar-se. Separam-se para unirem-se logo em seguida e nessa nova união não persistem unidos, porque cada um leva consigo a sua imaturidade. É assim que, quando a lei o permite, o divorciado se divorcia dez vezes. Por que se divorcia dez vezes? Porque o sujeito é imaturo; ele não serve aqui, não serve

ali, não serve acolá; ele não serve em lugar nenhum, e quantas uniões ele estabeleça, em nenhuma ele consegue realizar-se, porque se trata de um sujeito imaturo, seja homem, seja mulher.

De maneira que o divórcio não resolveu nada nos países civilizados, mas prejudicou enormemente a família, que chegou a desaparecer. Nos Estados Unidos não existe a família organizada como a nossa; não existe um lugar onde a gente possa chegar em casa e encontrar alguém que esteja lá trabalhando, laborando, que é a mãe da família. Lá cada um tem de bastar-se a si mesmo, lavar o seu prato, fazer a sua merenda, lavar a sua roupa. O casamento, então, perdeu a sua vertical de espiritualidade, tornando-se só na horizontalidade material, monótona, prosaica. O casamento é simples contrato social parelho ao contrato que se pode fazer de aluguel de uma casa. Assim, faz-se o contrato de viver com uma mulher, e se isso não der certo, faz-se o distrato que se chama *divórcio*. Como os cônjuges não estão constituídos em si mesmos, por serem imaturos, não pode perdurar neles a constituição do casamento. Inventou-se o divórcio na ilusão de que o casamento desconstituído aqui podia reconstituir-se ali; e no entanto ele se desconstitui daqui e constitui-se ali, mas não pára aí, seguindo nessa trajetória infinitamente. Afinal de contas, o que querem esses sujeitos? Quando a regra era: “até que a morte os separe”, então, os dois demônios se toleravam, no mínimo, e isso em benefício da família. E depois que apareceu o divórcio, em vez de “até que a morte os separe”, ficou: “até que a primeira briga surja”.

Nós estamos num planeta de expiação, as uniões, em regra, são expiatórias. Muito raramente vão unir-se duas almas gêmeas, dois espíritos afins, dois eleitos. Unem-se, quase sempre, dois demônios; e um dos demônios diz assim: “Eu quero a minha felicidade; eu tenho direito à felicidade”; pois ele que vá procurar sua felicidade, engolfando-se cada vez mais no reino da ilusão, indo parar em níveis baixos da sociedade. Ele não se modifica, não se altera, não se renova, não se regenera; continua sendo sempre o que sempre foi, e diz que tem direito à felicidade? Por esta razão somos contra o divórcio, e os que se separam, que o façam, mas que fiquem fora da lei. Não se vá argumentar que porque, um abuso se torna frequente, se deve torná-lo legal. Como se dissera: Está havendo muito roubo; logo, devemos legalizá-lo. O jogo é imoral; mas o homem joga desde sempre; por isso, vamos legalizar o jogo”.

O casamento à antiga era moral; o divórcio é imoral porque coloca o casamento no mesmo nível da mancebia. Daí que se pode perguntar: para que serve o casamento, se as uniões podem fazer-se sem ele, uniões perfeitamente aceitas pela sociedade? Dado que o casamento pode dar em divórcio, advogados, despesas, tribunal, justiça, o melhor é a simples união sem esses entraves na hora da separação. Pode ser que o casamento futuro comece pela mancebia; se der tudo certo e aparecerem filhos, realizar-se-á, então, o casamento. A pergunta é esta: para que casar?

Vejamos isto: um sujeito, em vez de casar-se, resolveu amigar-se com uma moça. E tem filhos com essa moça; ele assume a paternidade desses filhos, e forma uma família. Chega a hora de ir à escola, vai a ela ou não vai? Que prejuízo vai ter essa família? Até se o tal sujeito adquirir bens, na hora da partilha, a mulher ainda é participante. Então, para que serve o casamento?

08 - Falando do amor como o elemento primordial na formação do Universo

“O amor move o mundo” – O autor

Não se aprende a querer, porque não se aprende a amar, e é quando se ama que se quer. No próprio Schopenhauer temos a prova: ele disse que estava gestando sua obra em seu espírito de modo semelhante a uma mulher que gera seu filho no ventre. Assim como o alimento ingerido pela mãe nutre o filho, fazendo-o crescer, tal e qual, o meio fornecia a Schopenhauer nutrição ao entendimento, com que sua obra lhe crescia no espírito. Receoso, porém, de não poder dar à luz seus livros, porque o tempo lhe corria célere, lamenta-se, e diz que queria tanto ver o filho de sua razão nascido, porque o ama. Amo minha obra, diz ele, e por isso quero concluí-la. Amo e por isso quero? Sim; o objetivo do querer era realizar o amor; não se quer “porque sim”; quer-se porque se ama, e quem a nada ama, nada quer. Se a vontade fosse o fundamento primário, Schopenhauer havia de dizer: quero e por isso amo; o amor nasceria do querer, e bastaria querer para amar. A vontade, diz ele, está na raiz de tudo; e quem diz vontade, diz vontade de viver. Por que, logo, se tem vontade de viver? Pois há de ser, e não há outro motivo, porque se ama a vida ou as coisas nela, e tanto que o aborrecimento e o desamor à vida levam à morte. Quem do amor à vida passa ao ódio a ela, passa a querer a não-vida que é a morte; a vontade, num e noutro caso, passa a querer o que lhe impõe o amor, seja na forma positiva de amor, seja na forma negativa de ódio. Tanto que se inverte o sentido do amor, inverte-se a vontade também, no seu contrário, e ela que antes queria a vida, quer agora a morte.

Se a vontade é autônoma, como diz Schopenhauer, e não age por motivos, não tem sentido sua frase que declara querer viver pelo motivo de amar sua obra. E o querer fazê-la, ainda é porque a ama, que se a odiasse, ou mesmo se lhe fosse indiferente, não a faria. E sua comparação da mãe e do filho foi bem urdida, e expressa bem o sentido do amor que leva a mãe a querer o filho, porque o ama.

Aquele grande oceano da vontade de viver, cujas ondas são as individuações em coisas-fenômenos, na verdade é o oceano do amor que quer individuar-se nos entes, e continua querendo que eles se unam entre si, do átomo ao universo, formando o coletivo que é sobre o oceano do amor de que se nutrem os seres, e por motivo do qual querem existir, viver. Assim como do mar da energia primária saiu a matéria de que todas as coisas se constroem, e de que se alimentam, tal e qual, do oceano do amor fundamental saiu não menos que a própria energia corporificada nas coisas. O querer individuar-se do amor alcança o seu objetivo que é criar e nutrir o filho para sempre; o pai que criou o filho por amor não o quer destruído, donde vem que a figura da onda do mar é imprópria, porque se forma e se desfaz de novo. Não. A onda é a da energia-amor que se encurva sobre si mesma, individuando-se no filho; e este quer continuar a viver, porque ama a vida, e enquanto a ama, e se lhe ocorre aborrecer-se dela, nesse ponto também se inverte o sentido da vontade, que passa a desejar o não-ser.

O universo se acha escalonado por níveis de energia; estamos no alto; isto é, no período inverso em formação, onde as energias são dinamicamente pobres, mas ricas do ponto de vista evolutivo. Inversamente, em baixo, ou seja no centro, próximo da matéria, ainda por formar-se, estavam as energias dinamicamente ricas, porém pobres evolutivamente. Chegamos a esta conclusão pelo seguinte raciocínio: no seio do caos primeiro de natureza puramente

energética, donde surgiu o universo, antes de aparecer o primeiro átomo, foi preciso construir-se os elementos deste; se uma coisa se faz de seus elementos, certamente que o primeiro passo é construir os elementos. Ora, os átomos se compõem de ultramicrométricas partículas vorticosas que são tanto os elétrons como os elementos que constituem o núcleo e satélites do núcleo atômico.

E a ciência observa a formação dessas partículas a partir das ondas dinâmicas; frenada uma onda, ela passa a girar sobre si mesma como vórtice corpuscular; logo, os corpúsculos se formaram de ondas frenadas. Que ondas? Ondas dinamicamente ricas, de comprimentos muito curtos. As primeiras partículas foram elétrons oriundos das primeiras ondas evolutivamente degradadas, mas ricas dinamicamente. Esses primeiros elétrons foram projetados para o centro do universo e, como corpúsculos, podiam percorrer o vácuo. Deste modo se encheu o espaço de elétrons associados por suas polaridades formando o espaço eletrônico primordial. Já, agora, outras ondas podiam propagar-se pelo espaço eletrônico rumo ao centro do universo. No centro, sob terrível pressão das energias acantonantes, formaram-se associações de elétrons por cadeia série (fig. 1), e as extremidades da série se uniram entre si, formando anéis eletrônicos. Como se pode ver na figura 2, o movimento do campo magnético exterior tem sentido contrário ao do campo interior. Já agora, um outro anel pode associar-se ao anterior, e depois a mais outro, e a mais outro, formando um cilindro vorticoso (fig. 3). E também se formaram cadeias de anéis como na fig. 4, pela associação de elétrons com o exterior. Deste modo outros cilindros mais complexos se puderam formar dos elementos complexos já existentes. (fig. 4).

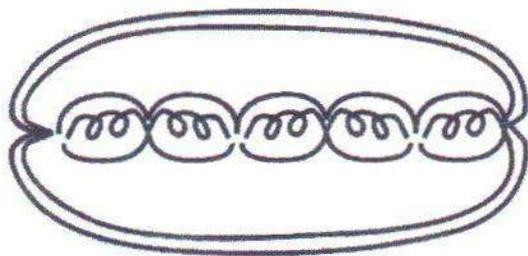


FIG. 1

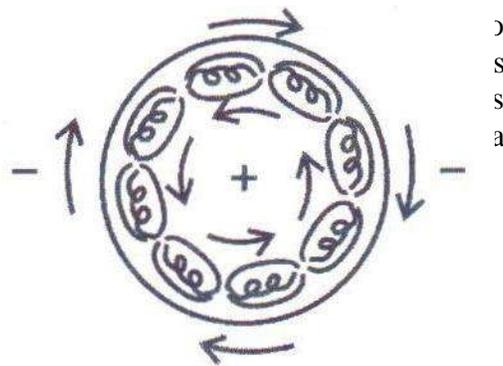


FIG. 2

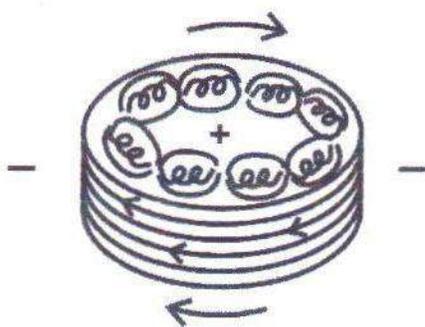


FIG. 3

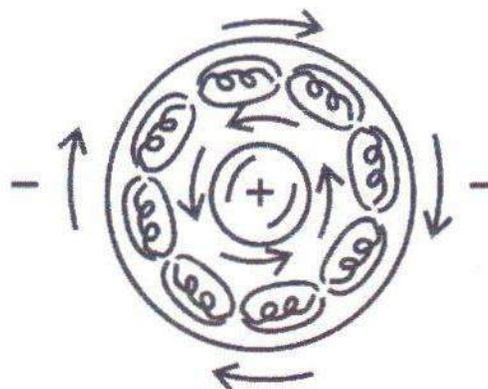


FIG. 4

o
s
s
a

09 - Educação

O homem é essencialmente um animal cultural. Que quer dizer isto? Quer dizer, simplesmente, que, enquanto os outros animais se norteiam por instintos, o homem rege sua vida pela cultura. Em razão disto, o homem é pobríssimo de instintos naturais. Afora uns poucos instintos, como os de conservação e defesa, e um grupo de reflexos vitais que todos trazemos ao nascer, por exemplo, o de querer chupar o que nos roça o rosto, e o de agarrar firme com a mão a tudo o que possamos pegar¹, afora isto, o mais, tudo é aprendido.

Pois este tudo que se aprende é a cultura. Portanto, a cultura se define como sendo o conjunto de princípios, conhecimentos e informações que nos regem a vida intelectual, tudo vinculado à linguagem; parelho a este e de igual importância, se alinha outro conjunto, que é o de preceitos éticos, de regras de conduta ou tabus², que disciplinam nossa vida moral. Os consensos, hábitos e costumes, que também fazem parte da cultura, embora mudem-se com o tempo, não de fundamentar-se na moral, pelo que esta é absoluta, e não, relativa. Mas quando, como agora, a moral passa a confundir-se com costumes, e, portanto, se torna relativa, o mundo sócio-cultural se corrompe, desintegra-se, tendendo para o caos.

Pode dizer-se que, quanto maior for o tempo da infância e da adolescência de um animal, tanto mais este precisa de aprendizado. Assim, não de modo tão excelente como é o homem, outros animais, sobretudo mamíferos, também podem ser “culturais”. Em experiências realizadas com chimpanzés fêmeas tiradas do seu bando muito pequenas, e criadas em ambiente humano, na hora de cuidarem das próprias proles, estas mostram-se completamente desajeitadas. Não aprenderam com suas mães ou com outras fêmeas como cuidar dos bebês. Há pássaros, também, cujos cantos são aprendidos; o “crá-crá-crá” natural dos papagaios e maritacas, quando criados em ambiente humano, simplesmente não existe.

Conseqüentemente, o processo de recopiamiento da cultura dos pais nos filhos é o que se chama educação. Portanto, educação é a transmissão da cultura de uma geração à outra. Deste modo os pais criam os filhos duas vezes: uma quando os geram; outra, quando os educam. Transmitir a cultura recebida dos avós aos filhos, é, pois, uma geração segunda. Assim, todo homem tem duas gerações igualmente importantes: uma genética e outra cultural. Por conseguinte, o processo desta geração cultural é a educação.

Bem entendido isto, ocorre-nos uma pergunta: quando tudo começou?

Abordando o problema das origens de uma forma científica, não mística, e conforme os últimos dados da paleoantropologia, o *Homo erectus* surgiu do tronco dos australopitecíneos, sobretudo, do *Homo habilis*, aí por volta de dois milhões de anos. E todos os australopitecíneos nasceram do velho *Ramapithecus*, que apareceu de seus ancestrais há doze milhões de anos. Embora este *Ramapithecus* se tivesse espalhado por toda a Europa e Ásia, foi na África do Sul,

¹ Reflexo que, no bebê humano, dura alguns dias, mas que é ainda atuante nos bebês macacos por precisarem estar ou ir agarrados aos pelos das mães.

² Tabu (do polinésio) é, originariamente, a sacralidade atribuída a uma pessoa e/ou objetos nos quais não é permitido contato profano (pró+fanum = fora do tempo). Esta interdição imposta ao profano, fá-lo a este temeroso e obediente face aos *decretos divinos* aos quais lhe cumpre respeitar e cumprir. Sem estes tabus não há civilização, porque o homem recai na animalidade de onde, pela cultura, a custo saiu.

na garganta Olduvai (Tanzânia) e também nas margens do lago Turkana, ao norte do Quênia, aí por volta de um e meio milhão de anos, que se completou a transição dos hominídeos australopithecíneos em *Homo erectus*. Grupos deste *Homo erectus*, partindo da África do Sul, difundiram-se por toda a Terra, sofrendo em si todas as transformações que culminaram nas várias raças que conhecemos hoje, todas pertencentes ao ramo *Homo sapiens*. O *Homo erectus* viveu entre um e meio milhão de anos até trezentos mil anos atrás, depois do que se foi extinguindo, na proporção em que ia gerando formas mais refinadas de *Homo sapiens*³.

Pois bem: um acontecimento cultural descoberto e descrito com pormenores ocorreu há sessenta mil anos atrás, e foi um sepultamento com ritual em que se empregaram flores... cujos pólenes (que não se destruíram) revelaram ter-se realizado a cerimônia em algum dia do mês de junho. Precauções com os mortos, rituais de sepultamento, implicam crença na sobrevivência da alma, e crença em um Deus a cujos cuidados a alma imortal do defunto é recomendada. Isto há sessenta mil anos, ou seja, cinquenta mil anos antes de surgir nossa civilização, que, como coincide com o advento da agricultura, não vai além de dez mil anos.

A paleoantropologia, portanto, nos dá conta de que, a par da criação dos utensílios de pedra e da domesticação do fogo, o homem era místico, cria num Ente supremo, balbuciando já os rudimentos primários duma FILOSOFIA que se define como sendo: uma visão geral do mundo, da qual se infere uma forma de conduta. No pináculo da hierarquia que essa visão do mundo ostenta está Deus, que dita as regras de conduta, ou seja, os mandamentos, todos cerceadores dos impulsos animais anti-sociais, com sede no estritamente biológico. O homem, assim, transcendeu da biologia atingindo o nível da cultura; passou a ser um animal cultural, regido por regras ético-sócio-políticas, ao invés de por instintos, como os outros animais.

Todavia, como a cultura decorre da visão geral do mundo (filosofia), e como esta visão não é estática, e sim dinâmica, juntamente com a visão varia a cultura, entrando esta variação em choque com a cultura anterior. Eis a causa do conflito de gerações, cujo efeito, primeiro, é suscitar nos jovens a incerteza quanto às posições assumidas por seus pais. Ocorre que tais jovens dispõem de componentes novos, e por isto precisam reformular a cultura. As crenças que serviram muito bem a seus pais foram abaladas face à incorporação de dados novos, e, por isto, os filhos entram em dúvida. Como ninguém pode viver sem uma crença⁴, cumpre aos que passaram a sofrer da inquietação da dúvida entrar em meditação, criar pensamentos novos, organizar nova crença... sem a qual estarão perdidos, sem saber qual atitude a tomar em face do futuro.

O grande teólogo Paul Tillich cunhou a expressão “*inquietação última*”, dando-a como sendo a que obriga o homem a procurar suas *origens* para, a partir desse conhecimento,

³ Aos que desejarem pormenores sobre tais estudos poderão compulsar, sobretudo, as obras de Richard E. Leakey e Roger Lewin – “Origens”, e Richard E. Leakey – “Evolução da Humanidade”, ambas da Melhoramentos / Editora Universitária de Brasília.

⁴ Crença não é o mesmo que religião; a crença é o nosso *substrato profundo de convicções* com o qual nós nos confundimos, em razão do que tal *substrato* não pode ser posto como objeto de discussão. “Nós somos as nossas crenças”, afirma Ortega. Já a religião, como é exterior a nós, podemos discuti-la. Essa *crença que somos*, São Paulo chamava de *fé*, da qual, espontaneamente, brotam todos os atos de nossa vida. Neste sentido, e só neste sentido de *fé-crença*, as obras nascem da *fé*. Mas é comum fazer-se a confusão entre *fé-crença* e *fé-religião*. Disto decorre o quiproquó dos crentes que tomam *fervor religioso*, que é pura exterioridade, por aquela *fé-crença* de São Paulo, seu *substrato profundo*, que o levava a confessar: “Eu e Cristo somos um”; ou então: “Viver para mim é Cristo, e morrer é lucro”; ou então: “Sede meus imitadores assim como eu sou de Cristo”. De tal *fé-crença*, de fato, brotam obras; porém, dessa religiosidade efervescente no mundo, nenhuma obra, digna de nota, nasce.

nortear sua vida. É assim que cada cultura e cada povo supõe uma origem. Cada povo tem a sua explicação dos começos, à qual damos o nome de *mito*. A explicação judaico-cristã, por exemplo, afirma que todos proviemos de Adão, criado por Deus de maneira especial. Já a ciência nos assegura que evoluímos, por etapas, a partir de formas rudimentares de vida. Chama-se a esta busca das origens “*inquietação última*”; porque, no dia em que descobrirmos a *VERDADE última e final*, cessará de todo e para sempre a nossa angustiosa dúvida, e repousaremos tranquilos, serenos, na sabedoria que se confunde com a santidade.

10 - Educação e Transmissão da Cultura

O conflito de gerações é um tema que está associado à educação. Educação é o processo de transmissão da cultura de uma geração à outra. Cultura é tudo aquilo que nós adquirimos. Para poder saber o que é que adquirimos, podemos reparar o que um animal tem ao nascer. O que o animal tem, ele já possui, desde sempre, por instinto. Ele já nasce sabendo, instintivamente, tudo o que ele tinha de saber. Diferente do animal, o homem é paupérrimo de instintos, ele não possui instintos. Então tudo o que ele possui é aprendido. Essa coisa aprendida se chama *cultura*. Não interessa o que significa essa cultura; ela pode ser a da Índia, pode ser a duma tribo de indígenas, ela pode ser a muçulmana, mas aquilo que uma geração transmite para outra geração se chama cultura. Não vamos entender a palavra cultura como acervo intelectual. Cultura é o conjunto de tudo aquilo que o sujeito tem de aprender e que é recebido da geração anterior. Então, educação é a transmissão da cultura de uma geração a outra.

Ora bem; no momento de transmitir a cultura de uma geração a outra, o processo não é suave; a geração receptora não é dócil. Não existe docilidade. Vamos supor que houvesse docilidade; vamos supor que a geração receptora, que é a nova, fosse tão prática, tão dócil, que recebesse toda a cultura da geração velha de tal maneira que fosse tão completa, tão perfeita, que fosse igual à velha. Então a velha não sairia renovada na hora de nova transmissão; novamente tudo se repetia, e a velha se copiava na nova como que em cópia de carbono. Se fosse sempre assim, não haveria evolução. O processo tornar-se-ia estacionário, e as gerações sucessoras seriam iguais às sucedidas. No entanto, ao ser transmitida de uma geração a outra, a cultura vai modificada. Essa modificação pode ser pequena ou pode ser grande. A modificação pequena corre por conta até da desatenção. O sujeito recebe um aprendizado, e, ao repeti-lo, varia-o. O sujeito aprende; e quando vai repetir o que ele pensa saber, fá-lo de modo variado. A variação, às vezes, ocorre sem propósito definido. Varia-se por incapacidade de repetir. Mas o certo é que houve a variação de cultura. Todavia, há também as variações muito grandes, provocando o conflito de uma geração com outra, a antiga com a nova, entre a geração que recebe e a geração que está dando. É o que acontece, principalmente, nas épocas de decadência. A geração receptora duvida daquilo que está recebendo da geração que está dando. Então já quer alterar tudo, quer fazer tábua rasa do passado, para começar tudo de novo; só que este “tudo de novo” não existe. O que acontece é uma balbúrdia, qual a que vemos hoje.

Em pequena dose, até a gente pode compreender que haja variações, e a geração receptora não queira receber a cultura igual à da geração transmissora, porque se fosse assim não haveria evolução. Se houvesse uma transmissão que fosse perfeita, não haveria evolução. É preciso que quem recebe, receba de modo diferente, para que, quando for se manifestar, manifeste-se de modo diferente.

Nos períodos de decadência, o conflito é maior, e a geração que recebe o faz agredindo a geração transmissora. Assim, ao manifestar-se, os jovens o fazem agredindo a cultura recebida, chamando os pais de velhos, de quadrados, de gente que não soube doar a eles um mundo melhor, e que eles, por conseguinte, não estão recebendo um mundo melhor, e que eles vão tentar, por outros caminhos, criar esse tal de mundo melhor, e com este espírito de improvisação, todos saem pelo mundo a fazer loucuras... as quais sabemos estarem acontecendo

por aí. Agora mesmo estamos diante de um problema muito grande que é a AIDS. Há pouco se falava que 10% da população dos Estados Unidos estão infectados com a AIDS. Essa infecção tende a alastrar-se. Já não só no campo dos homossexuais; já se alastrou para todos os demais campos.

O jovem, às vezes, quer sair de casa para ter a sua liberdade; ficar junto dos pais é estar tolhido, é ficar “castrado”; é assim que dizem. A liberdade para eles, significa não ter nenhum controle de fora e nenhum autocontrole. A moral, dizem, é relativa, e todas as proibições são tabus. Tudo isso é conflito de gerações, onde a geração velha não tem força para corrigir a nova, e terá de deixá-la que quebre a cabeça e descubra por si mesma seu engano.

Tudo é como já ficou dito alhures: há uma verdade no universo; nós estamos no encaixo dessa verdade. Cada vez que fazemos uma coisa que está de acordo com essa verdade cuja ramificação atinge tudo, atingindo também aquilo que estamos fazendo; quando o que estamos fazendo está de acordo com a verdade, que é a verdade do universo, nós temos um progresso; quando tudo nos sai mal, temos um retrocesso, um fracasso. Do jeito que o mundo está andando, com esse libertarismo, não verificamos progresso. O conflito de gerações que criou esse estado de coisas no mundo, não podemos dizer que seja progresso. Os problemas sociais estão por resolver, e o caos aumentou. E houve já conflito de gerações que representou progresso, como foi, por exemplo, o da Renascença.

Fala-se, muito, do diálogo entre pais e filhos. O diálogo tem de considerar o seguinte: primeiro, que deve existir uma variação, para que exista uma evolução. É impossível que exista uma igualdade na transmissão da cultura. Existe sempre uma modificação. Os filhos não vão ser exatamente o que são os pais. Os pais, de antemão, devem saber que seus filhos serão diferentes, por conseguinte, que vão reagir de modo diferente. Agora, de posse deste conhecimento deve existir uma tolerância muito grande ao dialogar com os filhos. Mas, da parte dos filhos, o diálogo consiste, por exemplo, nisto: eu quero a minha liberdade; eu estou castrado, morando aqui em casa; o senhor quer transmitir para nós um mundo ruim, o mundo que nós queremos é outro mundo, o mundo de paz e amor.

O conflito, geralmente, se dá na puberdade e começa pelo seguinte: os pais não davam aos filhos conhecimentos relativos à matéria sexual, e eles acabavam descobrindo por si mesmos, e isto dava motivo a rebelião por parte deles; eles pensavam que as coisas eram de um modo, e eram de outro, e esta ocultação da verdade dava origem ao conflito. Mas esse conflito era produto duma cultura que vinha vindo de trás, aquela cultura que dava o sexo como sendo uma coisa pecaminosa, ou, pelo menos, uma coisa feia. De maneira que o filho não tinha contato com o pai para tratar desse assunto que era considerado escabroso. Quando o filho vinha a ficar sabendo, sabia por vias secundárias; nunca diretamente do pai. Isso era motivo de desconfiança no pai, sendo origem de conflito. Nas gerações como a minha, uma parte do conflito surgiu disso. Porém, e os outros conflitos, existentes hoje, que não decorrem disso?

Atrás falamos que o conflito é base da evolução. Agora queremos deixar um exemplo disto. Numa tribo de índios, a cultura é estática, muito mais que numa cultura civilizada. Numa cultura civilizada o conflito é muito mais intenso, porque existe mais variação. Uma tribo de índios está mais próxima do animal. O índio recebe a cultura sem reagir, imitando mais os pais; por isso que se passam os séculos e a taba continua do mesmo jeito, os métodos e processos deles continuam os mesmos. Quer dizer: o índio não produz evolução nenhuma. O índio só não se equipara a um animal, porque é um ser que nasce sem instintos, e tudo o que

sabe recebe por meio de aprendizado. A cultura é transmitida de uma geração a outra, mas sem variações.

O conflito, como se vê, não é um mal necessário, ele é necessário à evolução. O conflito só se torna um mal nas épocas de decadência, porque, ao invés de evolução, busca-se a involução, o retrocesso, a extinção. Todas as civilizações que deram em nada, deram-no por involução. Portanto, se sempre, invariavelmente, a reação fosse positiva, fosse favorável, se o conflito de gerações levasse a um bem, sempre a um bem, a civilização estaria sempre crescendo, estaria sempre evoluindo, expandindo, seria uma coisa espantosa: o filho era mais que o pai, o neto mais que o avô. Mas não é desse jeito. Nós já sabemos muito bem como as coisas se dão. No conflito de gerações ocorre isto: avô rico, pai remediado, neto pobre. Por que neto pobre? Era avô rico, e tivemos neto pobre. O mesmo acontece na civilização. Se, no conflito, o conflitador, o novo, o filho estivesse sendo certo, então teríamos sempre progresso. Então, por que é que a civilização fecha o seu ciclo? Por que cai? Vejamos os povos antigos de que nos fala a Bíblia: que é dos filisteus, dos gebuseus, hititas, dos macabeus, dos egípcios? Que é feito dos babilônios, dos gregos e dos romanos? Por que chega a desaparecer um povo? Porque errou, porque, no conflito das gerações, as gerações novas tomaram caminhos que levaram à perdição.

11 – A hora da síntese de todas as filosofias

No nosso livro “Um Estudo do Nosso Tempo”, não tratamos só de cogitações filosóficas sem finalidade prática. Enfatizamos no livro que o *pensamento* e a *ação* formam um par dialético, como *tese* e *antítese*, e necessitam caminhar o mais possível juntos. Não se pode pôr a questão de qual de ambos, pensamento ou ação, é o mais importante, considerando que, quando um finca o pé e se firma, o outro avança e toma posição, como se foram nossas duas pernas. A vida é problematizada, forçando o pensamento a caminhar, e das soluções dadas aos problemas irá depender nossa vida individual e coletiva.

Às vezes o pensamento se autoestimula e vai na frente, num passo largo, e o pragmatismo fica atrás; outras, as situações vitais formam-se antes das teorias, esporeando o pensamento, que precisa *abrir o compasso mental* para entendê-las e explicá-las. Tal o nosso tempo. As contingências, as situações criaram problemas cujas soluções ainda estão por achar-se. Com isto o mundo começa a regredir e a deteriorar-se. Alguns exemplos: o protesto dos jovens é só um ato de rebelião contra o estabelecido; e como tais contestadores não criam nada, o mundo se encaminha para o caos. A luta liberticista da mulher carece de uma filosofia... a da igualdade, filosofia que ainda ninguém criou. Como o mundo se acha carente de idéias novas, a arte moderna surra temas comuns, como se a revolução da forma significasse revolução da arte. Quem desconcordar com isto, que diga: onde está a grande mensagem da arte moderna?

Para solucionar todos os problemas que os tempos modernos colocaram, é preciso nova tomada de posição filosófica, agora que se esgotaram os impulsos do positivismo, do fisicalismo e do cientismo. Não há necessidade de se criar uma nova filosofia dentre tantas já existentes. É chegada a hora da *síntese de todas as filosofias*. Nesta *síntese*, todos os filósofos se encontram, visto como todos eles tinham razão em suas visões particulares, pois cada um esteve a observar o universo a partir de um mirante.

Todavia, para fazer a *síntese realismo-idealismo-evolução*, e ainda, a *síntese entre Heráclito e Parmênides*, entre *inteligível* e *sensível*, entre *essência* e *substância*, entre *alma* e *corpo*, etc., é preciso uma *CHAVE* sem a qual será impossível o encontro e integração de todos os sistemas na unidade. Embora a *Verdade* seja uma só na unidade do *cabo do leque* que se abre no universo, ela é também os bordos dele, onde ela se mostra multimoda ou multifária. Daqui vem que todos os filósofos têm razão considerando de suas perspectivas, decorrendo disto que as verdades de todos se irmanam e se integram na Verdade unitária e total.

Se a filosofia começou com o realismo grego nascido duma polêmica entre Heráclito e Parmênides, sendo esta a tese; se, depois, na Renascença, surgiu a *antítese*, ou seja, o ciclo do idealismo, a partir do “cogito” de Descartes, ciclo que continuou até Kant e os três filósofos kantianos, Fichte, Schelling e Hegel; o que está faltando agora é a *síntese*, sendo esta a terceira jornada da filosofia. A primeira jornada foi a grega; a segunda, a renascentista ou filosofia moderna; a terceira é a exposta em “Um Estudo do Nosso Tempo” e em outras obras de nossa autoria.

A terceira jornada filosófica, que é a da *síntese*, assenta-se no que está implícito em Platão e em todas as religiões superiores, que é o mundo primeiro, criado por Deus, o “topos uranos”, ou “mundo celeste”, que “PREEXISTE e SOBREVIVE a tudo”, mundo este de onde os espíritos caíram... por ter invertido o amor que os integrava, no impulso oposto, o egoísmo

separatista e demolidor. Esta queda foi até o Caos primeiro, de onde, agora, ressurgiu o universo por evolução. Tal síntese liga o *criacionismo* ao *evolucionismo*, e une Platão a Darwin.

Outro fundamento é que o amor se reduz à *energia-substância* (Einstein, Campo Unificado), donde vem que tinha razão Aristóteles quando afirmava que a matéria é incriada e infinita, não no sentido comum da palavra, mas no sentido de energia-substância, na sua forma mais excelsa que é o *Amor*. Desta energia-substância tudo se fez, e o Caos de que nasceu nosso universo é um produto da *Queda* ou *Involução* de parte do mundo celestial.

O mundo sensível que nos rodeia, do qual fazemos parte pelo corpo, e no qual nos achamos embebidos, foi dado por Platão e pelo Cristianismo como sendo o mundo da irrealidade, da ignorância, da ilusão, da dor e do mal. Um e outro supôs que a causa de tudo isto estava em que o mundo é feito de matéria; não se atinou, então, que o motivo da ignorância, da ilusão, do mal e da dor fosse porque nosso mundo se acha invertido desde quando o amor se mudou no egoísmo, e houve a dissolução daquela alta energia no formidoloso e medonho Caos. Mas, para os que teimarem em ser contra a matéria (substância), pergunta-se se é possível EXISTIR um mundo, ainda que do mais alto grau de espiritualidade, feito só de pura essência, sem matéria alguma? É certo que o “corpo espiritual” ou “corpo glorioso” (São Paulo) ou “perispírito” (Kardec) de um Serafim é feito, todo, de pura luz; não esquecer, todavia, que a luz é energia redutível à matéria e vice-versa...

Se a energia-substância do universo é constante, em razão do que, como já sentenciava Lavoisier, “nada se cria e tudo se transforma”, de que saíram, por evolução, a energia vital e os sentimentos todos que são potentíssimas forças morais? Assim como na Involução, o Amor virado Egoísmo dissociou-se no dilúvio de energias que se condensaram em matéria; na subida evolutiva as energias da desintegração da matéria transformam-se em energia vital de que nasceram os sentimentos sobre os quais se sublima o Amor. Se do nada não sai nada, e tudo o que existe é o seu aspecto anterior modificado, a energia-substância primordial (aquela que os filósofos pré-parmenídicos buscavam) tem que ser o Amor. Agora, a ninguém mais repugna quando ouve dizer que “Deus é luz” (I João 1, 5), e que “Deus é amor” (I João 4, 8), ambos, luz e amor, incriados e infinitos. Com isto, deixa Deus de ser intuído como “essência pura sem matéria alguma”, como pensava Aristóteles, de modo que sendo Deus intuído como forma pura, princípio vazio de conteúdo, de substância, não passa de pura abstração, e sua “*realidade objetiva*” é como a dos “cem táleres ideais” que Kant dizia não se encontrarem no seu bolso. Um Deus sem substância alguma não existe fora da nossa inteligência, não passando ele, aí, de pura idéia.

Igualmente, como Deus possui Substância, também não há pura alma, isto é, sem corpo nenhum, ainda que ela seja um Trono ou uma Potestade, e habite o mais alto empíreo. Corpo e alma são como núcleo e citoplasma na célula, como elétrons e prótons no átomo, como homem e mulher na família, como tese e antítese na síntese. Ora, ninguém, por mais ingênuo, iria questionar sobre qual tem prevalência e é o mais importante, se a tese ou a antítese, se a mulher ou o homem, se os prótons ou os elétrons, se o núcleo ou o citoplasma. Por idêntica razão, não tem sentido a afirmação espiritualista da prevalência do espírito (alma) sobre a matéria (corpo), nem a do materialista que supõe seja prevalente a matéria sobre o espírito. Corpo e alma são unidades opostas e complementares integradas na unidade do ser, sem primazia de um sobre o outro, porque um ser sem corpo nenhum é uma idéia vazia de conteúdo existencial, uma pura abstração, e um corpo sem alma (essência) é o mesmo que caos. Deste modo, materialismo e espiritualismo (eis outra síntese) mais não são do que duas perspectivas

opostas de uma mesma realidade; um não poderá vencer o outro, porque ambos terão de integrar-se na síntese da terceira jornada da filosofia que começa agora, e dominará o Terceiro Milênio. O mal do mundo não procede da matéria de que ele é feito, mas da inversão do amor no egoísmo, e a conseqüente dissolução de tudo até chegar ao Caos. A volta ao lugar celeste (salvação) só pode acontecer com a reconquista do perdido amor; daí o estar certa a máxima implicitada por Cristo em todos os seus atos, em toda a sua doutrina: ***fora do amor não há salvação***. Pois claro: se a perdição ocorreu por causa do esfriamento e inversão do amor, como poderá salvar-se, alguém, a não ser pela negação da negação, isto é, negação do egoísmo? Pela desinversão do egoísmo em amor?

12 - Egoísmo Dilatado

Começamos vendo o que é o egoísmo. Egoísmo é o sentimento que faz com que o ser traga tudo para si, forçando-o a objetivar só a si próprio. Todos os seres são egoístas, e quando eles põem em operação o seu egoísmo, eles não querem saber se vai faltar alguma coisa para o outro. Nunca ninguém já reparou um animálculo, um ser minúsculo, ainda que seja um protozoário, que deixasse de ser egoísta. Ele sempre está atraindo para si, e pouco se incomodando com os demais. Este esforço de atrair para si e encher-se, de fazer-se prevalecer é que se chama egoísmo.

E quando começa o processo evolutivo, a gente repara que não diminuiu o egoísmo, ele cada vez mais vai se desenvolvendo juntamente com o desenvolvimento dos seres. Quem teve a oportunidade de observar os animais domésticos repara que eles são egoístas. Se pomos ração no comedouro para os animais, cada um procura apoderar-se da maior porção, tocando, espantando o companheiro, a fim de que ele fique sozinho, dono do maior quinhão. Ele não se dispõe a repartir o dele com ninguém. Não existe possibilidade, por exemplo, de um cavalo repartir a sua porção de alimento com outro cavalo. Todos os animais são egoístas fechados em si mesmos, porque cada um verifica que existe si próprio. E quando este egoísmo se expande um pouco mais, é por causa da prole, quando a mãe distribui para os seus filhotes. Só naquela família o egoísmo se amplia, e assim mesmo é o egoísmo químico, e não um processo espiritual. Já se fez experiências sobre esse assunto; pegou-se uma macaca virgem e inoculou-se nela o hormônio feminino, e a macaca ficou tomada de amores por um coelhinho que adotou por filho. Isso foi enquanto durou o efeito do hormônio. Depois de cessado o efeito, a macaca viu com indiferença o coelho ser morto por um do bando. Então, o que pensamos ser altruísmo das fêmeas irracionais é produto hormonal. No tempo em que cessa o comando hormonal, ela cessa de agir daquele modo. O homem, ao contrário, age por um processo superior. Uma mãe humana tem tanto amor pelo filho pequeno quanto crescido. Nas fêmeas irracionais, na proporção que cessa o hormônio, cessa o apego, até que a mãe rechaça o filho para longe de si.

O egoísmo faz com que a pessoa viva em função do que ela chama “meu”; ela quer saber somente do que é “meu”. Este gravador é meu, tendo eu todo o cuidado no seu manuseio, exigindo que os outros que operam com ele também o façam. Agora, se o aparelho fosse de outrem, eu não exerceria tanta vigilância sobre aqueles que o usam. O meu egoísmo se abriu ao aparelho, de modo que ele passou a pertencer à minha zona de domínio. Isso é o que eu chamo egoísmo dilatado, porque o egoísmo, em vez de se anular, antes, ele se amplia, tomando mais coisas dentro do seu âmbito. O egoísmo fechado é minúsculo, fechado no seu núcleo ainda não desenvolvido. Quando ele se expande, ele se torna maior, cada vez abarcando mais coisas dentro de sua zona de domínio.

Assim, quando nós agimos dentro da nossa zona de domínio, vamo-nos sentindo muito tranquilos; nós damos para o que é nosso, porque o que é nosso se confunde com o nosso eu; o “eu” e o “meu” se confundem. Não dá para saber onde é que está o eu e onde é que está o meu. Quando eu digo meu corpo, e depois minha alma, meu espírito, se o corpo é meu, se a alma é minha, se o espírito é meu, onde está o eu, se tudo é meu? É que o eu e o meu se confundem. Essa confusão entre o eu e o meu faz que as coisas sejam minhas, e o egoísmo se expanda e abarque essas coisas, e não só as coisas, como o grupo social, o meu grupo, os meus irmãos, aqueles que colaboram comigo, que pertencem à minha grei, diferentes dos indivíduos de outros grupos aos quais eu não pertença. A minha família, os meus filhos, a minha esposa. Eu sou tudo

para minha mulher, porque ela é uma extensão minha; dar para ela é como se estivesse dando para mim próprio. Estou dando para meu filho, porque estou dando para mim próprio, dado que ele é uma extensão de mim mesmo, donde pode dizer-se que ele e eu somos um; ele e eu passamos a pertencer a um todo social, e eu, naquele momento, não sou eu, para ser o nós. Eu passei a ser o nós; eu não sei o que é o eu, porque o eu se expandiu e se transformou em nós.

Então eu distribuo dentro da minha zona de domínio, a qual está sempre se expandindo. Primeiro eu tenho a minha esposa; e depois eu tenho o meu filho; e depois vou ter os meus parentes, já que estão associados a mim, já que estão associados à minha esposa; e depois vem o social a partir dos meus amigos e do grupo em que estiver engajado, atingindo o social em cada vez maior amplitude. Isso é o que se chama expansão do egoísmo. E não se expande só no plano social; expande-se, também, no plano material. O sujeito tem a casa dele, tem suas dependências, seu quintal, sua cidade, e então alimenta o seu bairrismo, defende sua cidade, seu estado, sua pátria. Quando um homem está viajando pelo exterior, e faz muito tempo que não vê seus patriotas, e de repente escuta alguém falando a língua de sua nação, ele sente alegria, sente que está entre irmãos. O gozo de sentir-se entre irmãos é egoísmo dilatado, porque estivera forasteiro, entre estranhos, entre os que não são os “meus” dele.

As religiões pretendem que devemos acabar com o egoísmo pondo no seu lugar a virtude que se lhe opõe – o altruísmo. Impossível. Ninguém muda seu modo de ser instantaneamente. E mais, cada um só pode trabalhar com o material de que dispõe, para que o resultado desse trabalho seja concreto (real). E qual o material de que cada um dispõe? Resposta: egoísmo. Então o desenvolvimento em qualquer setor não pode ser senão baseado neste dado. O que é o altruísmo? O altruísmo é viver em função do outro. O outro é *alter*, donde saiu *altruísmo*. Como é que eu vou poder viver em função do outro? Primeiro de tudo tem de haver o eu para depois haver o outro, porque se eu vivesse em função do outro, como é que eu poderia pensar em cessar de eu existir. Quando Cristo propõe o seu mandamento maior, ele diz assim: ama ao próximo como a ti mesmo; se fosse possível coisa maior ele teria dito: ama ao próximo mais do que a ti mesmo. Quando amamos o nosso filho e supomos que ele é mais do que nós, não é que é mais, mas que transferimos para o nosso filho o afeto de uma tal maneira que nós supomos que ele é o outro, o alter, para o qual derivamos toda a nossa afeição, que supomos que seja, toda ela, nós mesmos. Possivelmente existirá no plano espiritual, no mundo não caído dos anjos, esse tipo de amor que é o a partir do outro – alter. Mas neste processo evolutivo pelo qual vamos subindo, onde o egoísmo não foi destruído, sabemos que todos os animais são egoístas e nós somos animais e somos egoístas, e o egoísmo vai se expandindo. Nós sabemos que o egoísmo se expande, mas não sabemos que o egoísmo desaparece. Podemos sacrificar até a nossa vida pelo nosso objeto amado; mas é porque temos uma crença numa sobrevivência. Não existe uma perda total do eu. Ninguém se disporia a anular-se em função do objeto amado, porque então cessaria o amante. O objeto amado é o motivo do amante, o qual, em se anulando, anularia o amor e o motivo do amor. Como pode existir o motivo, se o amante se destrói, cessa de existir? Cristo, por exemplo, deu sua vida pelo homem; mas ele cria numa sobrevivência; ele só estava mudando de plano; fez o sacrifício de deixar um plano para ir-se a outro plano de existência. Ele não estava praticando uma anulação. Eu gostaria de saber se ele, sabendo que iria anular-se, tornar-se zero, desaparecendo para sempre, teria feito o sacrifício. Porque, então, o sacrifício se tornaria inútil, pois ele está se sacrificando porque ama, mas com o sacrifício a fonte do amor cessa de existir. O egoísmo dilatado é diferente de altruísmo. O altruísmo seria viver em função do outro, e não existe essa vivência em função do outro, o que existe é a gente

vivendo em função de si próprio, e o outro sendo o meu. É o meu amigo, ou filho, ou esposa ou o que quer que seja, mas meu. Eu não sou o outro; o outro é meu.

13 - A Liberdade da Mulher

Esta matéria também já foi desenvolvida por mim no livro “Um Estudo do Nosso Tempo”, no capítulo “O que é a igualdade”. Lá se falou da igualdade do homem e da mulher. A igualdade que a mulher busca em relação ao homem não é a identidade. A mulher não vai querer ficar igual ao homem, quer dizer, fazer tudo o que o homem faz, masculinizando-se. Ela tem que manter a sua diferenciação feminina. No entanto ela tem procurado, por todos os meios, a igualdade como sinônimo de identidade. É muito comum aparecerem mulheres que fazem uma coisa, e depois dizem assim: isto é para mostrar que a mulher é igual ao homem. Se a mulher for igual ao homem, ela se inferioriza, porque se masculiniza. Ainda tem mais o seguinte: a mulher não tem de ser considerada em referência ao varão. O homem não pode ser o referencial da mulher; ele não pode ser o padrão, o paradigma. Ela não pode referir sua imagem à do homem, porque se ela se definir com base no homem, então este está sendo tomado em primeiro plano, em primeiro lugar, e com isto fica colocado em nível superior. A mulher tem que ser investigada e estudada em si mesma, e não em referência ao homem.

Essa igualdade que a mulher busca com o homem levou o mundo a esse estado de coisas, a principiar pela rebelião contra a virgindade. A virgindade, se fosse impossível, não teria sido praticada durante todos os tempos; as nossas avós, as nossas mães, as nossas irmãs não teriam sido virgens até o casamento, porque a virgindade era uma impossibilidade, do jeito que a virgindade masculina é impossível. Essa impossibilidade é imposta pela própria natureza. O homem, pela sua constituição biológica, está sempre pronto para o congresso sexual, não dependendo de quaisquer rituais preparatórios. A mulher, ao contrário, para a realização do sexo de forma satisfatória, depende de um preâmbulo afetivo. Para ela o sexo é a síntese em que se generaliza toda uma vida. Até para atingir o orgasmo, clímax do relacionamento, ela depende da boa condução do parceiro. Quanto ao homem, a ejaculação é já o próprio orgasmo, não dependendo de quaisquer prévias preparações; trata-se de um reflexo perfeitamente animal e irracional. A diferença entre o homem e a mulher, neste caso, é comparável à diferença entre o fogão a gás e o fogão a lenha. O primeiro aquece instantaneamente, ao passo que o segundo, a mulher, só o faz com demora.

Todavia, o homem não é o único no mundo com essa característica. No reino animal quase todos os machos são poligâmicos, por natureza, mas, poligâmicos ou não, todos sempre estão à disposição das fêmeas a qualquer momento, bastando que elas queiram a união. No nível humano, de um modo geral, após concluídas as relações sexuais, da parte do homem vem a indiferença, fruto da saciedade, ao passo que a mulher continua afetiva.

A natureza se mostra pródiga do lado masculino a começar no reino vegetal. Um homem desperdiça duzentos e vinte e cinco milhões de espermatozoides a cada função do seu órgão, em comparação com apenas um óvulo que a mulher produz por mês. Schopenhauer diz que se um homem prevarica, comete um pecado contra a sociedade, mas se é a mulher que prevarica, comete um pecado contra a sociedade e outro contra a natureza. Por causa de a predisposição do homem para a poligamia ser da sua natureza biológica, vemos com mais mérito quando o homem se submete ao regime monogâmico, tendo em vista a constituição da família, se comparado com a mulher em idêntica circunstância. O homem que assim procede estará forçando sua natureza inspirado por princípios superiores que a sociedade estabelece.

A moça que se dispuser a manter-se virgem não fará sacrifícios como o homem. Basta viver de acordo com sua natureza. É tão claro isto, que a quebra do tabu da virgindade é

fruto tão somente dos movimetos liberticistas, e não por satisfazer necessidades. A evidência deste fato está em que até para conseguir orgasmo a mulher tem de treinar-se. Então, de onde procede a necessidade? Em contrapartida, a natureza pregou uma grande peça aos homens, dotando-os de uma sexualidade exasperante, e com isto garantiu a fecundação em qualquer momento que fosse solicitada. Essa crueldade da natureza para com o varão, dotando-o dessa impulsão que não pode ser extravasada, para nós tem uma conotação espiritual, de valor relevante para sua lapidação. O esforço para conter-se e dominar a natureza é trabalho de sublimação que nem todos conseguem; são, portanto, caminhos dolorosos que, se seguidos, darão em sublimações no esporte, na arte, na ciência, na religião, etc. Mas como a mulher busca a igualdade, segue-se que cai também o princípio da virgindade; caído o princípio da virgindade, todas as demais coisas tornam-se possíveis, começando a libertinagem desenfreada, a promiscuidade que vemos por aí. Vem então a possibilidade de a mulher praticar todos os abusos, que até então a sociedade tolerava aos homens mais promíscuos.

Todavia, sempre existiu uma grande corrente contrária, reacionária, que persiste em manter o costume do passado. Existe aqueles que não gostariam que suas filhas se liberassem, existem mulheres que não querem elas mesmas admitir tal costume para si próprias. Quando o costume, no meio social, se degenera a ponto de, por exemplo, uma moça se envergonhar de ser virgem, ela mantém a virgindade oculta, embora propale que não é virgem simplesmente para poder fazer coro com a demais, mas ela própria, no seu recôndito, mantém a sua virgindade. Existe, então, de fato, uma corrente ainda de moralidade que conserva o costume antigo de manter a virgindade contra essa outra que se chama de liberalismo ou libertarismo.

Desde quando a mulher se fez liberalizada, começou essa cadeia enorme de descabro moral que observamos, não só em nossos dias, mas sempre no findar das civilizações.

O homem é específico, e a mulher também é específica. Cada um é específico em si mesmo; um não vai buscar a igualdade no outro; na diferença é que reside a beleza; não é buscando a igualdade. A calota eletrônica do átomo não vai querer ser igual ao próton, nem este, igual aos elétrons, porque se o próton fosse igual aos elétrons não havia o átomo. Se o homem fosse igual à mulher não havia a família. A mulher masculinizada é uma mulher inferior, o homem efeminado é um homem inferior; para que o homem possua o seu valor, ele tem que ser íntegro, mantido no que é, tem que ser macho, do mesmo modo que a mulher, fêmea; se o fiel da balança desviar-se para o lado feminino, então aquele homem não é bem homem e perde o seu valor. Isso acontece na natureza, onde sempre as partes se reúnem às suas opostas para criar uma unidade de espécie maior. A família é uma unidade de espécie maior, e resulta na existência de um homem que seja homem e de uma mulher que seja mulher. Ora, o homem que é homem tem, especificamente, as suas características, o mesmo ocorrendo com a mulher que é mulher. A boa educação determinou que o homem tivesse gentilezas para com a mulher, tais como puxar-lhe a cadeira, ceder-lhe o lugar e outras coisas mais. Mas como a mulher quer ser igual ao homem, e entra em competição com ele, tornando-se agressiva, e em todo o lugar quer manter o nível de igualdade, igualdade essa que deixa de ser aquela diversidade, essa mulher não merece que se lhe dê o lugar, nem que se lhe puxe a cadeira, porque é mulher que perdeu as suas características femininas.

O que podemos observar é que as gerações ditas adiantadas, as gerações atrevidas, não vão deixar descendentes, visto que se ocupam só de gozar a vida, como dizem. Por isso, essa geração “pra frente” não deixará legado nenhum, porque é geração sem descendentes. A geração que vai deixar legado é a que respeitou um pouco o que a anterior manteve. Aquele que

quis levar a vida que eles chamam “boa vida”, aquele que só pensou em “gozar a vida”, a vida do gozo, dos prazeres, o que achou que criar filhos dá trabalho, e que a liberdade consiste somente em gozar a vida, esse fica amadurecido nos anos, sem ter filhos, seja do lado do homem, seja do lado da mulher. Esses não terão geração para legar coisa alguma. Para legar alguma coisa é necessário conformar-se com a antiga lei da natureza e ter filhos. Isso de a mulher viver trocando de homem, e o homem, de mulher, é sintoma de imaturidade.

Nós estamos num planeta de expiação; e num planeta de expiação, as ligações, na sua maioria, são expiatórias. Agora, os dois diabos (a mulher é um diabo e o homem é outro diabo), ao invés de caírem em si e dizerem: “nós somos diabos, e vamos ver como acertar as nossas reentrâncias e saliências; como é que vamos harmonizar as nossas pontas; de que jeito vamos acertar a nossa vida, a nossa convivência; como é que nós vamos nos tolerar, pelo menos tolerar, a fim de que possamos criar os nossos filhos”, em vez disso, separam-se e cada um vai para um lado. Esses diabos separados, cada um, vai encontrar outros com os quais tentam unir-se, mas as uniões também não vão adiante. É assim que os divorciados, quando se lhes dá a liberdade de divorciar-se, divorciam-se dez vezes! quinze vezes! Se o divórcio resolve o problema do casal, por que não divorciar-se uma vez só? Por que divorciar-se dez vezes? Mas não estou falando do Brasil que não dá possibilidade de haver mais que um divórcio; estou falando dos Estados Unidos. Aqui só há um divórcio, e os demais são separações e uniões extraconjugais que se pensava que o divórcio viria resolver. Haja vista o divórcio de pobre, que é “mala nas costas”... O divórcio, em tirando a sacralidade do casamento, colocou a este de parilha com a mancebia. Cada diabo diz: eu tenho a minha liberdade! Eu tenho direito de ser feliz. A gente escuta essa tolice em todo o lugar, como se o diabo pudesse ser livre e feliz. Para esses, vale o que já dizia Vieira: “O peregrino vive sempre mudando de lugar em lugar, mas nunca muda de sorte, porque sempre leva a si consigo”.

14 - Comportamento sexual da mulher brasileira

A revista “Manchete” publicou um estudo do IBOPE sobre o comportamento sexual da mulher brasileira. Para este fim empregou o método que considera “perfeitamente elucidativo”(!) do “diz-me o que pensas e eu te direi quem és”. Ao estudar o mesmo comportamento do homem, empregou método diferente; por quê? Se o método é válido para as mulheres, não o será, também, para os homens?

A verdade, porém, é que este método é falhíssimo, donde vem que este trabalho do Ibope se fundamenta sobre uma premissa falsa.

O homem pensa de conformidade com os ideais superiores, mas age de acordo com seus instintos. A eterna luta do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria, do Anjo e da Besta, do Ideal e da Prática, do Pensamento e da Ação, encontra eco no recôndito da consciência, que, não raro, explode na fala de São Paulo que a si se chamava *miserável*, e dava o porquê: “porque (como dizia) não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Rom 7, 19).

Também de Sêneca é voz corrente que, de par com o grande pensador que foi, se encontrava um grande corrupto. E conquanto possa ser verdade que ele é vítima de uma injúria histórica, que “faz dele o modelo de todas as baixezas”, no dizer de G. D. Leoni, também pode ser verdadeira a opinião comum, a este respeito, porque o pensamento que corre com a pena não tem paralelo com as ações que fazem a vida.

Wagner, “realmente um dos mais estupendos gênios musicais que o mundo já viu”, tinha a pretensão de ser “Shakespeare, Beethoven e Platão em uma pessoa só”, contudo a história o revela por documentário de jornais, por arquivos da polícia, pelo testemunho de pessoas que o conheceram e por suas cartas, como “um monstro de presunção”, além de quase irresponsável, inescrupuloso, velhaco e devasso. Por que isto? Porque, se no gênio se asilava o anjo, no homem comum se acoitava a besta. A boca falava do que tinha em si de anjo, ao passo que a vida revelava o rastejar do animal.

O mesmo aconteceu com Salomão, que deixou, ao morrer, a par de seus “Provérbios” profundos, como coisa que pensava, um harém de mil mulheres como atestado de sua vida de orgias. Até um templo a Astarte edificou este rei lascivo, na montanha do Escândalo, como prova do divórcio entre o que se pensa e o que se faz. Por essa causa, quando a João Batista perguntaram quem era, declarou-se ele como sendo a voz que clamava no deserto. Perguntaram-lhe quem era, e ele mostrou o seu ofício, porque o homem não é o que pensa, senão o que faz. “O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é?”, pergunta Vieira; e responde: “É o conceito que de sua vida têm os ouvintes”.

O homem pensa (e também as mulheres) com a camada cortical, com seu cérebro recente, mas age com seu cérebro antigo, primitivo; daí a incoerência entre o ideal e a prática, e o divórcio que divide o homem em si mesmo, tornando-o uma criatura paradoxal “em que o cérebro recente, pensante, “moral” timbra em arrebatá-lo ao cérebro primitivo, afeito a operar com instintos – um ser em que vivem conseqüentemente dois seres: o animal e o superanimal; que se empenha em se libertar da animalidade e, em virtude desses dois cérebros no seu crânio e da rivalidade entre ambos, é um ser contraditório, “esquisóide”, a primeira criatura em vias de se desanimalizar” (Fritz Kahn). É por isso que Paulo se considerava miserável, e Goethe exclamou: “Ah! Moram duas almas no meu peito!” E fale ainda Fritz Kahn: “Atrás do cérebro recente, ou cérebro anterior delicadamente cinzelado, no fundo da abóbada craniana, jaz como um dragão o cérebro primitivo ou posterior: o “bruto no homem”, o centro

dos reflexos, a sede dos instintos e das sensações obscuras: fome, sede, fadiga, impulso sexual, instinto de conservação, instinto gregário, todos os instintos englobados na qualificação de “maus”, como a vaidade, a inveja, a avareza, a cobiça, a crueldade, a astúcia”. Mais: “Só quem conhece a fórmula de esquizóide possui a chave para entender, em si próprio e à sua roda, a vida em todas as suas contradições gritantes. O assassino não faz uma questão de consciência de partir a marteladas o crânio da velha compassiva que lhe deu pousada, para lhe furtar alguns vinténs. Ao fechar a porta, porém, o olhar cai-lhe no canário; o homicida volta atrás, despeja o cartucho de alpiste e põe uma xícara de água limpa na gaiola. Uma envenenadora, julgada em 1950 na Alemanha, no espaço de quinze anos despachou desta para a melhor vida uma dezena de “amigas”, com uma xícara de café. O pastor conhecia-a como pessoa caridosa, frequentadora assídua do templo. Na cadeia, essa mulher empenhava-se em converter à fé as companheiras. Frederico, o Grande, foi preso por seu pai, pelas suas atividades antimilitaristas. Não podendo ser paladino da paz, tornou-se herói guerreiro; empreendeu guerras de expansão e estimulava os seus soldados, nas batalhas, empunhando o bastão, com a frase que se tornou clássica: “Pretendem não morrer nunca, seus malandros?” Mais: “Bernard Shaw dedicou a sua vida ao ideal de redimir a sociedade humana das suas fraquezas sociais e morais. Ele próprio não só era interesseiro, mas pouco se lhe dava mostrar que o era. Acumulou uma grande fortuna de que – outra vez, o esquizóide – não soube fazer uso; vivia frugalmente como um monge. Nem mesmo seus subalternos fiéis e dedicados aproveitaram o que quer que fosse dessa riqueza. Shaw pagava-lhes, pelo contrário, “salário de fome”, contra os quais reclamava nas suas obras. Ele era o último homem a quem poderia ocorrer a idéia de aumentar ordenados – diz uma sua biógrafa – ocupava-se demais de escrever sobre economia”. “Os ideais dos homens estão, em primeiro lugar, no papel”. Mais isto: “Shaw lembra muito Schopenhauer, de quem tinha quer o senso crítico acerado e a elegância de expressão, quer a extravagância e o egoísmo mesquinho. O filósofo do pessimismo dormia com o revólver carregado na mesa de cabeceira. Pregava nos seus escritos a futilidade dos bens materiais; era, no entanto, impiedoso na cobrança de aluguéis; e, no aposento onde escreveu de maneira incomparável sobre triunfar das paixões, atirou uma inquilina escada abaixo, de maneira tão desastrosa, que teve de lhe pagar uma indenização”.

Tenho provado a minha proposição. Depois de tudo isto, que nos esclareça o Ibope a significação do método que acha perfeitamente elucidativo (?) que vai na frase: diga-me como pensas, e dir-te-ei quem és! Como é, então, o comportamento sexual da mulher brasileira? O que falou no inquérito do Ibope foi o cérebro recente das interrogadas, e cérebro dos ideais, todavia, elas vivem como todos, em concordância com os sentimentos e paixões sediados no cérebro antigo.

15 - O aborto

Toda filosofia mantém-se no geral, mas, apesar disto, toda ela tem seu aspecto prático. Ela atinge todos os setores, inclusive o setor vivencial, a nossa vida. De maneira que todo o filósofo, segundo sua filosofia, sabe como é que devemos agir. A filosofia dele, plantada num plano geral, deriva-se e vem para o particular respondendo as outras questões também. Perguntando-me a mim a respeito do aborto, eu responderia, para estar coerente com todo o estudo que eu já fiz, que o aborto é condenável moralmente, porque ele é uma forma de assassinato. O feto é uma pessoa desde a hora em que o óvulo foi fecundado, e o ovo vai para a sua nidificação. Não é pessoa nem o óvulo, nem o espermatozóide, quando não integrados no ovo. Todavia, desde a fecundação, há um espírito incorporado ao ovo, começando nesse momento o processo de desenvolvimento, pelo que é uma pessoa. Em qualquer fase que seja tomado o feto, ele é uma pessoa, ainda que seja na forma de ovo. De maneira que o aborto se torna um assassinato. Por isso é condenado por todas as religiões do passado. A religião católica o condena, e as demais todas condenam o aborto, e, se ele existe hoje, é como consequência de uma filosofia materialista, que leva a pensar que cada homem é livre para fazer o que lhe aprazer, e nessa liberdade o sujeito diz que é dono do seu corpo, que ele é dono do seu destino. A mulher diz que ela pode fazer o que quiser com o seu próprio corpo, por conseguinte, se lhe apraz, ela pode praticar o aborto, que seria uma prática exercida sobre o seu próprio corpo. Muito bem; ela está agindo, não só sobre seu próprio corpo, senão, também, sobre o corpo de um terceiro, ou segundo, que é o seu próprio filho. E isso é um assassinato. Por isso o que pratica o aborto é passível de sofrer as punições espirituais por assassinato.

Há quem ponha a laqueadura no mesmo nível do aborto, mas não é assim; o que fez a laqueadura é passível de responder por outra forma de abuso, mas não será assassinato. Uma coisa é impedir a entrada do sujeito, e outra é permitir que entre, mas depois cair de pau sobre ele. Isto mesmo é o que dizem as religiões, isto é, que o feto é uma pessoa; é um filho de Deus, e, por conseguinte, deve ser respeitado. A ciência admite que o feto é “um ser”; entretanto por causa do materialismo, afirma que o feto tem apenas vida biológica, como se a ciência tivesse competência para opinar em questões filosóficas e teológicas, para pontificar, determinando que tipo de vida que há ali. A religião admite a existência de um poder divino que se está estabelecendo, e que aquilo que está germinando é uma criatura, uma pessoa, sendo esta a razão de que o feto deve ser respeitado.

Outro argumento falho é o do número. Não adianta apresentar multidões dos errados. É como dizia Abdiel, aquele anjo não caído que afrontou Satã em “O Paraíso Perdido”, de Milton. Diz o anjo: “Poucos acertar conseguem, enquanto muitos mil no erro engolfam”. Não existe o processo de achar a verdade pelo processo democrático; para sabermos a verdade consultamos as massas, fazendo um plebiscito? Convoca-se a multidão para poder descobrir qual será a verdade? Se todo mundo for favorável ao roubo, nem por isso o roubo passa a ser moral. Não importa que o aborto tenha até sido legalizado em alguns países; ele continua imoral. É legal mas imoral. É essa a posição que se tem de tomar. Os milhões, a multidão não tem valor nenhum, não conta nada em relação à verdade.

Quanto a dizer que a lei aceita o aborto, como no caso de estupro, vale dizer que nem sempre o que é legal é moral. O juiz pode determinar uma coisa baseado na lei, e que no entanto é imoral. Cumpra-se a lei, mas é imoral. Quando Jesus Cristo foi morto, também cumpriu-se lei; e por conseguinte aquela lei de Pilatos era moral? Sócrates também foi condenado à morte por

um tribunal; acaso a lei que o condenou era moral? Do mesmo modo, quando a lei determina que se faça o aborto, mesmo no caso de estupro, a lei é imoral. Não é porque uma moça foi estuprada, resultando disto a fecundação, que a Igreja concorde com o aborto. Ou então, porque o filho vai nascer com defeito, que o aborto seja recomendado. Porque, neste caso, também, podia-se autorizar o infanticídio. Por ue matar antes de nascer é o mesmo que matar depois de nascido. Ocorre que isso está regulado por outras leis; são leis espirituais. Se a moça foi estuprada, e teve a infelicidade de estar fecunda naquele dia, o que é uma coisa muito rara, a Igreja não vai concordar que, por isso, se pratique o assassinato ou aborto.

O aborto só é praticável se, no parto, estiver perigando a vida da mãe. Entre sacrificar a mãe ou sacrificar o filho, salve-se a mãe, porque é a matriz que deve ser preservada. Todavia, quando a mulher sabe que sua gravidez é de alto risco, o certo é não se deixar fecundar.

Nota dos editores – O aborto, por suas implicações de ordem moral e principalmente religiosas, continua sendo um assunto extremamente polêmico. Assim, apesar de decorridas algumas décadas da produção desse texto, o assunto ainda é objeto de acaloradas discussões em todos os segmentos da sociedade. À guisa de ilustração, transcrevemos abaixo um trabalho que está circulando na Internet, que, apesar do tempo, se encaixa perfeitamente na linha de pensamento do autor.

Aborto

Certa mãe, carregando nos braços um bebê, entrou num consultório médico e, diante deste, começou a lamuriar-se:

– Doutor, o senhor precisa me ajudar num problema muito sério. Este meu bebê ainda não completou um ano e estou grávida de novo! Não quero filhos em tão curto espaço de tempo, mas sim num espaço grande entre um e outro.

Indaga o médico:

– Muito bem... e o que a senhora quer que eu faça?

A mulher, já esperançosa, respondeu:

– Desejo interromper esta gravidez e quero contar com sua ajuda.

O médico pensou alguns minutos e disse para a mulher:

–Acho que tenho uma melhor opção para solucionar o problema, e é menos perigoso para a senhora.

A mulher sorria, certa que o médico aceitara o seu pedido, quando o ouviu dizer:

– Veja bem, minha senhora... para não ficar com dois bebês em tão curto espaço de tempo, vamos matar este que está em seus braços. Assim, o outro poderá nascer... Se o caso é matar, não há diferença para mim entre um e outro. Até porque sacrificar o que a senhora tem nos braços é mais fácil e a senhora não corre nenhum risco.

A mulher apavorou-se:

– Não, doutor!!! Que horror!!! Matar uma criança é crime!!! É infanticídio!!!

O médico sorriu e, depois de algumas considerações, convenceu a mãe de que não existe a menor diferença entre matar uma criança ainda por nascer (mas que já vive no seio materno) e uma já crescida. O crime é exatamente o mesmo e o mal, diante de Deus e da consciência, exatamente o mesmo.

Extraído do “Expresso Vida”, n.º 28, de 03/09/2001.

Adaptado por Ariovaldo Cavarzan.

16 - Filantropia e Caridade

Filantropia é palavra derivada de *filo* que é amigo, e *antropo*, que é homem. Filantropo é amigo do homem; filantropia é amizade para com o homem. Então, sempre que nos referimos à amizade para com o homem, temos de empregar a palavra filantropia. O oposto da filantropia é a misantropia. Considerando que a maioria da humanidade não é misantropa, é, por conseguinte, filantropa. Filantropia é o que verificamos em todas as instituições que se dedicam à assistência social, como amparo aos velhos, como fazem os vicentinos, às crianças, aos enfermos, etc. Essa atividade é a filantropia, ou seja, a amizade para com o homem.

De um modo geral, costuma-se dizer que isso é caridade. Mas não. Porque caridade é um sentimento muito mais sublime, próprio das almas sublimes. Caridade quer dizer “Amor”. São Paulo define bem a palavra caridade quando ele fala em amor, numa tradução da Bíblia, e em caridade, em outra. Diz o Apóstolo: “Eu posso falar a língua dos homens e dos anjos, mas se não tiver amor, serei como o sino que tange ou como o címbalo que retine. Eu posso ter todas as ciências, mas se não tiver amor, isso nada me aproveitará”. Então, aquilo lá é amor, sendo este um estágio acima da filantropia. É o que podemos encontrar dentro da nossa casa, numa relação entre pai e mãe e filhos. Quando o ente humano tem capacidade de sacrificar-se para o outro, então, isso é caridade ou amor. Haja vista, por exemplo, a Madre Teresa de Calcutá: sua atuação é caridosa, dado que ela desenvolveu o amor num grau tão extraordinário, que cada vez que aparece uma criança no caminho dela, é um novo filho que lhe é trazido e ela trata aquela criança que chegou como se fora o próprio filho que ela agasalha no seu peito, no seu coração com todo amor próprio de uma mãe. Mas, na verdade, o que existe em abundância no mundo é a filantropia; de uma maneira muito escassa, nós encontramos a misantropia; trata-se do indivíduo avesso, que não gosta do homem, isolado, rancoroso, aquele que é inimigo do homem. Esse nunca se dispõe a colaborar em obra nenhuma, não se engaja em quadro social nenhum, não faz nada em benefício de ninguém, não trabalha em favor de ninguém. Esse indivíduo é o misantropo. Mas na sua maioria os homens são filantropos. Quase sempre o homem está engajado em algum grupo social onde ele exerce a sua filantropia.

Essa amizade para com o homem, onde ele cultiva esse amor, não na forma acrisolada, chama-se filantropia. Não se trata da forma acrisolada do amor evangélico, naquela forma de pai para filho, de mãe para filho. Não se trata dessa forma acrisolada que se chama “Amor”, mas da forma filantrópica que deriva do grego *filo*, amigo, e *antropo*, homem.

O governo pode açambarcar muitas obras filantrópicas, transformando-as em obras sociais, mas assim mesmo sobra uma grande quantidade de serviços a serem prestados; não raro, o vizinho tem necessidade de ser ajudado, e é preciso que os demais vizinhos entendam isto e colaborem; estar com os olhos abertos para enxergar a necessidade alheia, e estar sempre disposto a dar a mão, tudo isso é filantropia. O fato de o governo tomar para si a assistência, por meio das instituições sociais, não significa que ele tira do homem a oportunidade de ele exercer a filantropia.

No entanto, em certo ponto filantropia e caridade se confundem, exatamente porque a filantropia é caminho para a caridade. De tanto o sujeito fazer a filantropia ele acaba sendo caridoso; ele acaba criando amor no exercício da filantropia, ele acaba criando amor às pessoas as quais ele assiste. Desde a hora em que o homem presta o seu auxílio por amor, isso já é caridade. Não existe um limite intransponível entre caridade e filantropia; passamos, perfeitamente, da filantropia para a caridade. A filantropia é caminho que leva à caridade,

embora a filantropia, quanto ao seu objetivo, seja um fim em si mesma. A filantropia e a caridade têm de ser julgadas em função da pessoa que pratica a ação; se o que moveu a ação for um sentimento profundo, temos aí o amor ou caridade. Se, de outro modo, o que moveu a ação foram os princípios de entidades a que por ventura pertencemos, então, temos só a filantropia. Podemos falar da caridade ou de amor, dentro da nossa casa. Não é preciso dissertar sobre o amor que os pais têm pelos filhos, porque, nisto, cada um tem sua experiência. Esse amor acendrado que ele tem em relação a sua esposa e a seus filhos, ele não tem em relação ao vizinho. De modo que a assistência que ele dá ao vizinho não é a mesma que ele dá aos próprios filhos. Se não se trata de coisas idênticas, devem ter nomes diferentes. O que o homem dá à esposa e aos filhos se chama amor, e o que ele dá aos vizinhos se chama filantropia. Caridade e amor são uma e mesma coisa.

Sendo a filantropia o caminho do amor, é da mesma natureza do amor; portanto é simplesmente um amor mais frágil, mais fraco, menos intenso. Na proporção que a ação vai se distanciando do centro que é o amor, vai se tornando filantropia. A caridade é uma filantropia reforçada, no mesmo passo em que a filantropia é uma caridade enfraquecida.

Nós estamos imbuídos da idéia de desenvolver a caridade; mas a caridade é uma coisa sublime só alcançada quando chegarmos a amar o próximo como a nós mesmos, como disse Jesus.

17 - A Liberdade

Todos os temas filosóficos possuem duas pontas, de modo que quando se escapa de uma se cai na outra. Quem fala da liberdade, juntamente, tem de falar do determinismo. Determinismo é o mesmo que fatalismo; os homens, na Terra, classificam-se em fatalistas e liberalistas. Quase sempre os homens tendem mais para o fatalismo. Acredita-se muito em que os homens não são livres. Porque tudo no mundo é determinado por leis, seja no campo da física, da química, da astronomia, da matéria, por causa disto se supõe haja determinismo e lei na biologia, na economia, na história. O mesmo determinismo científico aconteceria no campo da vida. Logo, tudo está pré-determinado, e nós simplesmente vamos seguir as linhas determinadas que já foram pré-traçadas. De maneira que, sendo assim, não somos livres. Quando nós pensamos estar agindo livremente, simplesmente estamos executando condicionamentos de várias espécies. E isto é determinismo. Os muçulmanos acreditam que tudo está escrito nas estrelas. Donde vem que, se nós somos determinados, se todos os nossos passos estão predestinados, se tudo o que havemos de fazer está já, de antemão, pré-fixado, nós não somos livres; se não somos livres não somos responsáveis; se não somos responsáveis não somos culpados por aquilo que fizemos, e, portanto, não passíveis de condenação.

Outra corrente do pensamento, com a qual nos associamos, é a de que existe a liberdade, só que esta liberdade aparece no começo da ação. Nós somos livres sim, mas somente no começo da ação. Cada vez que uma coisa vai ser estabelecida, nós somos livres, e aquela liberdade nossa faz com que nós escolhamos o nosso caminho. Depois de lançadas as bases, depois de lançadas as impulsões, aí, aquela massa se torna determinística, os efeitos se tornam compulsórios e enquanto não se esgota todo o impulso, o determinismo se mantém. No começo da ação nós somos livres; porém essa liberdade não se poderia chamar liberdade; o que existe é o arbítrio, o livre-arbítrio. Arbítrio e liberdade são coisas diferentes. A liberdade propriamente dita é aquela que corresponde com a lei; ser livre é estar de acordo com a lei. É livre o que age dentro dos limites da lei, dentro das paralelas que a lei impõe. Dentro desse âmbito, então, o homem é livre. Quando o homem age fora dessa imposição, sua liberdade se torna arbítrio. Então quem é livre, propriamente livre? Só o sábio e só o santo. Porque só eles é que agem de acordo com a lei maior, com a lei que rege o universo. Eles se acham imbuídos daquela lei, ou seja: aquela lei se acha inscrita neles, através da qual eles se regem. Por conseguinte eles não usam o arbítrio, seguem a lei dentro da qual são livres. Procedem como dizia São Paulo: “Tudo posso fazer, mas nem tudo me convém”. Tudo posso fazer: esse é o arbítrio; mas nem tudo me convém: essa é a lei.

Mas a maior parte da humanidade confunde liberdade com arbítrio. E usando a liberdade como arbítrio vai dar no que já dissemos: lançadas as primeiras impulsões, as quais geram consequências, estas prendem e tiram a liberdade até que se esgotem as impulsões. Durante todo esse tempo o sujeito que desencadeou a ação não pode usar nem do seu arbítrio. Fica cerceado até no seu arbítrio. Haja vista, por exemplo, o crime. O sujeito pode dizer que é livre para praticar o crime. Não é livre não. Ele tem o arbítrio para fazer isso, e chama esse arbítrio de liberdade. Usando o arbítrio o sujeito pode chegar à violência de matar um homem; não há liberdade para isso, porque todos estamos dentro dos limites da lei. E ser livre é estar dentro da lei. Então, o sujeito agindo fora da lei não está usando a liberdade, está usando o arbítrio. Pois muito bem: em matando um homem o sujeito desencadeia um processo contra ele; esse processo o prende, o subjuga, e faz com ele tudo o que é necessário, até que depois de um

tempo muito longo, volte a ser livre. Não bastando as prisões a que fica submetido, ainda há os grilhões interiores, o arrependimento, o remorso. Tudo isto oprime, mesmo depois de cumprida a sentença na cadeia.

Ser livre é estar de acordo com a lei, sobretudo a que governa o Universo. E nós, quando estudamos, queremos saber como funciona essa lei para estarmos de acordo com ela. É sábio o que procura não entrar em antagonismo e atrito com essa vontade maior que rege o Universo. Entrar em atrito com essa roda é ser esmigalhado por ela. O jeito de sermos livres é agir em concordância, e não, em discordância. E só nesta concordância que consiste a liberdade, e na discordância consiste o arbítrio, que não é liberdade, mas que só existe no princípio da ação, e lançada esta ação ela gera consequências que se impõem.

Como se vê, a liberdade está na dependência da lei, não sendo ninguém absolutamente livre. A liberdade está dentro dos limites da lei, sempre existindo as coisas proibidas pela lei, as quais não se pode fazer. No Universo existe uma regra moral, de modo que nem um serafim ou um querubim podem fazer tudo o que quiserem. São Paulo já dizia: tudo posso fazer; tudo posso, como o ignorante faz; tudo posso fazer, mas nem tudo me convém. Como não convém ao ignorante, mas como este não sabe, então faz, porém como São Paulo não era ignorante, por isto não fazia. Tudo posso fazer, mas nem tudo me convém. Tudo posso fazer é o livre-arbítrio; mas nem tudo me convém, porque estou dentro dos limites da lei, e isso é a liberdade. Agora, o sujeito quer que a liberdade seja absoluta! Liberdade absoluta é o livre-arbítrio; e o livre-arbítrio fecha o sujeito no determinismo, um determinismo cada vez mais restrito, mais fechado.

Liberdade plena para sempre não há nem para Deus. Dizemos que Deus é livre, tal como o homem, no começo da ação. Quando Deus foi fazer o Universo, ele teve duas opções: ele podia criar a matéria ou a antimatéria. Se ele tivesse feito a antimatéria, o Universo seria de antimatéria. Mas ele optou por fazer o Universo de matéria, e não, de antimatéria. Por conseguinte, ele ficou sem a possibilidade de criar a antimatéria juntamente, porque as duas não podem ficar juntas, porque uma explode a outra. Ele optou por isto? Sim. Então, por isto mesmo, ficou sem a possibilidade de fazer aquilo. Ele foi livre para fazer isto? Foi. Então, por isto mesmo, ficou impossibilitado de fazer aquilo outro. A liberdade dele deu para fazer a matéria? Sim. Mas para o próprio Deus existe essa limitação! Deus me criou a mim; criou-me de algo, este algo vem de outro algo, e vem de algo... Por isso não me poderá destruir substancialmente. Porque tudo o que existe é o seu aspecto anterior modificado. Deus pode transformar-me noutra coisa, e depois noutra, e depois noutra, mas a substância de que eu sou feito coexistirá desde sempre e para todo o sempre com a divindade. Deus não me poderia ter criado do nada, porque do nada não sai nada.

18 - Materialismo

Esse tema, o materialismo, é muito amplo, e por uma porção de modos poderíamos abordá-lo. No entanto, o que nos parece melhor é tratá-lo associado à sua contrapartida, o espiritualismo. Os homens classificam-se em espiritualistas e materialistas, conforme deem primazia ao espírito ou à matéria. Neste particular nossa colocação é mediana visto que não achamos possa haver essa primazia. Para nós matéria e espírito formam uma unidade indissolúvel igual à forma e conteúdo. E assim como a forma está jungida ao seu conteúdo na realidade de qualquer coisa, assim também o espírito está associado à matéria na realidade do ser.

Antigamente se supunha haver um abismo intransponível entre matéria e energia. Nosso século foi tempo de enorme desenvolvimento, e agora já é conhecimento corriqueiro que matéria e energia são termos reversíveis entre si. A bomba atômica que nos apavora hoje é prova de que a matéria se transforma em energia. O contrário também se verifica, e o materialista de ontem deve chamar-se, agora, energista.

Todavia, as energias são transformáveis umas nas outras. As energias próximas da matéria, resultante da desintegração desta, são energias dinamicamente potentes, de ondas curtas, capazes de produzir muito trabalho. À proporção que as energias vão-se transformando, vão perdendo a capacidade de produzir trabalho, e isso se chama degradação dinâmica. No entanto, não há perda, dado o princípio de que, na natureza, nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma.

Antes não havia vida no Universo; depois surgiu a vida: do quê? Do que surgiu a vida, se tudo o que existe é algo anterior modificado? Se nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma, o que se transformou em vida? A resposta única possível é esta: o algo anterior que se transformou em energia vital é a energia degradada. A energia dos raios infra-vermelhos está mais próxima da vida do que os raios luminosos comuns. Considerando que, na transformação, a energia degradada se torna vida, então o nosso materialista deverá chamar-se vitalista. Outra vez, há agremiações filosóficas que afirmam o vitalismo. E assim como os energistas dizem que Deus é Energia, os vitalistas afirmam que Deus é Vida.

No entanto, a vida não é o último termo; a vida se mostra como irritabilidade, e esta se diferencia, por uma parte em sensações, e, por outra, em sentimentos. As sensações são geratrizes dos pensamentos. E os pensamentos são energias-ondas que se propagam e podem ser recebidos por um sensitivo telepático. Por outro lado, os sentimentos também são energias. E dos sentimentos o mais excelso é o amor. Não há posto a subir acima do amor, não há nada acima de si a que ele se refira, pelo que ele se torna absoluto. Sendo o amor absoluto, ele é Deus, donde dizer São João: Deus é Amor.

Partimos da matéria e chegamos ao amor. Dir-se-á, então, que o pensamento e o amor saíram da matéria. Mas isso é porque, numa fase anterior, a energia e a matéria saíram do amor. Assim, sendo Deus amor, desta Substância Amor ele criou os Filhos, o primeiro Universo ou mundo celeste. Como o amor é polarizável, como, aliás, o é toda a substância do Universo, então esse amor passou-se para o seu contrário, e o contrário do amor é o egoísmo. Passado para o contrário, essa parte do amor invertido fez guerra à parte conservada na forma direita do amor. Dessa luta sobreveio a queda dos entes celestes, e a energia-substância desceu de amor para outras formas mais baixas, ganhando cada vez mais poder dinâmico, no passo que perdia valor evolutivo. Por essa descensão a energia chegou à matéria.

19 - Ultrapassagem da 2.^a Lei da Termodinâmica

Uma filosofia para o século XXI

Bertrand Russell, após recomendar a leitura do livro “Natureza do Mundo Físico”, do Prof. Eddington, escreve: “Como o próprio Sir Arthur Eddington assinalou, apesar da evolução, que está provocando uma crescente organização num cantinho do universo, há, no conjunto, uma perda geral de organização, que, finalmente, liquidará a organização devida à evolução. No fim, afirma ele, o universo alcançará um grau de completa desorganização, que será o fim do mundo todo. Nesse estágio, o universo não passará de uma massa uniforme, com temperatura uniforme”⁵.

O que há de notável no texto transcrito é que Sir Eddington admite que algo se organizou no caos e a partir dele, mas que esse mesmo caos, embora vencido neste cantinho do universo, será o vencedor finalmente, e que a ordem dele usurpada, será reposta na confusão primeva.

Se ele acredita que foi possível uma “evolução que está provocando uma crescente organização num cantinho do universo”, e sabemos que esse cantinho se chama planeta Terra, por que ele não se perguntou: como foi possível a travessia desse rubicão... que consiste na passagem da matéria morta à matéria viva? O que aconteceu neste cantinho do cosmos não é uma amostra de que, sendo o universo constituído por algumas centenas de bilhões de galáxias, cada uma delas composta, em média, por uma centena de bilhões de estrelas, infindas destas circuitadas por planetas, deve existir alguns cantinhos semelhantes à Terra, quanto à possibilidade de vida?

Acresça-se ainda que, aqui mesmo no cantinho Terra, a Vida se organizou em bases diferentes, conforme se pode ver, por exemplo, nos tunicados em cujas células sanguíneas, em vez de ferro, há o metal raro vanádio. A presença abundante destes tunicados no mundo primitivo fez com que o petróleo venezuelano produza resíduos com 2/3 de óxido desse metal. Afora isto, (Boschke) “os tunicados contêm mais de 10% de ácido sulfúrico livre. Uma comparação: são muito mais ácidos do que o nosso suco gástrico”⁶. A hemoglobina e a clorofila têm fórmulas químicas idênticas, exceto que, no lugar de ferro na hemoglobina, está o magnésio na clorofila. Já havíamos lido em Fritz Kahn que a cor avermelhada dos camarões, lagostas, siris e caranguejos, quando cozidos, provém de que o ferro da hemoglobina dos vertebrados, neles, foi substituído pelo cobre; após isto, viemos a saber que o mesmo ocorre com os octópodes (moluscos cefalópodes como a lula, polvo, etc.). Boschke nos assegura que “os vermes intestinais, por exemplo, têm uma hemoglobina em que o óxido de carbono substitui o oxigênio”⁷. Igualmente, existem vegetais que, saindo do seu papel, “concentram o elemento tóxico selênio; outros, como a cavalinha, contêm quantidades consideráveis de silício”⁸. Quanto às condições toleradas pela Vida, animais há em fontes termais perto do ponto de fervura, vermes que vivem no gelo e bactérias que vivem do petróleo.

⁵ Bertrand Russell, “Perspectiva Científica, pag. 77

⁶ F.L. Boschke, “A Criação Ainda Não Terminou”, pag. 215

⁷ F.L. Boschke, “A Criação Ainda Não Terminou”, pág. 225-216

⁸ F.L. Boschke, “A Criação Ainda Não Terminou,” pág. 197

Tudo isto está no cantinho do Universo em que se aloja a Terra, podendo haver, como já ficou dito, inumeráveis cantinhos quais este...

Se em tais cantinhos o rubicão da Vida foi transposto, como afirmar, como o Prof. Eddington, que “apesar da evolução que está provocando uma crescente organização num cantinho do universo, há, no conjunto, uma perda geral de organização, que, finalmente, liquidará a organização devida à evolução”? Em que se fundamenta ele para afirmar que o “universo alcançará um grau de completa desorganização, que será o fim do mundo todo”? Que “nesse estágio, o universo não passará de uma massa uniforme, com temperatura uniforme”?

Baseou-se Sir Eddington na Segunda Lei da Termodinâmica. Vejamos o que diz ela, por quem, por quê, e quando foi formulada:

“A lei da entropia foi aplicada pelo físico inglês William Thomson, Lord Kelvin (1824-1907), à totalidade do Cosmos, a que aplicou um sistema cerrado. A irreversibilidade do calor nas demais formas de energia, conclui Thomson, acarreta fatalmente, no transcorrer dos anos cósmicos, a transformação de todas as reservas de energia em calor. Terminada esta transformação, se restabeleceria um equilíbrio térmico, excluindo desde então toda a possibilidade de mudanças físicas. Assim, o aumento da entropia conduz à morte térmica do Universo. Clausius aderiu às idéias de Thomson e deu em 1865 às duas leis transcendentais da energia a seguinte forma: 1) A quantidade de energia do Universo é constante; 2) a entropia do Universo tende para o máximo”⁹.

Quando quem quer que seja cria um termo novo, esse parte de uma idéia. O sentido, portanto, da palavra *entropia*, tem que ser buscado no século XIX, quando ainda a Doutrina da Evolução não se tinha firmado. A “Origem das Espécies” saiu à luz em 1859, apenas seis anos antes de Clausius formular as duas leis da termodinâmica. Portanto, a idéia evolutiva, sobretudo, a partir de Spencer (1820-1903), de que nosso Universo veio do Caos, ainda não marcara sua presença no mundo. Como, logo, pensariam Thomson e Clausius? Provavelmente, com a cabeça de Aristóteles, para quem a matéria eterna, incriada, era caos e desordem, mas parada, antes de Deus dar-lhe forma através do movimento. Assim, o caos de Aristóteles é imóvel, ao passo que o caos da Doutrina da Evolução é um caos em que o movimento fortuito e o acaso imperam. Fosse por via aristotélica do Criacionismo, fosse por via spenceriana do Evolucionismo, num e noutro caso, o Universo veio do Caos.

Daí que no texto citado da Enciclopédia Prática Jackson está: “Terminada esta transformação, se RESTABELECERIA um equilíbrio térmico, excluindo desde então toda a possibilidade de mudanças físicas”. O destaque, em versal, é nosso, e o pusemos para assinalar que RESTABELECER é tornar ao estado que era antes, isto é, o da imobilidade como o entendia Aristóteles.

Ora, a palavra entropia vem de *entropé* (grego), significando volta ou retorno, ou reversão. Entrópico (de entropé) é o reviramento da pálpebra para dentro, na direção do globo ocular. Sendo, logo, entropia a reversão ou volta ao estado de parada, de equilíbrio, de morte do Universo, a máxima entropia significa estabilidade total; pela recíproca, entropia mínima é quando teve início o movimento pela obra de Deus. O Universo, no pensar de Thomson e Clausius, é como um pêndulo que Deus pôs a oscilar, e agora tende para o estado de repouso que era antes! Então, entropia é o retorno à desordem, seja esta o repouso do Caos, todo potência e nada ato, de Aristóteles, seja o Caos dinâmico, em que forças tumultuadas se revolviam, acidentalmente, sem lei, por acaso.

⁹ “Enciclopédia Prática Jackson”, Vol. VIII, pág. 383

Embora a primeira lei da termodinâmica declare que a energia do Universo é constante, a segunda lei afirma que as energias se degradam ao transformar-se umas nas outras, e, finalmente, em energia térmica, sendo tal processo irreversível. Por isso que “a irreversibilidade do calor nas demais formas de energia, conclui Thomson, acarreta fatalmente, no transcorrer dos anos cósmicos, a transformação de todas as reservas de energia em calor”.

“Todas as reservas de energia em calor”? E a matéria?, que será feito dela? Acaso ela é eterna, como pensava Aristóteles?

Que a matéria se transforma em energia é conhecimento que nos veio depois, a partir de 1899, sobretudo pelas experiências sistemáticas efetuadas pelo Prof. Rutherford. Demonstrou-se, então, que a matéria não é eterna, e o princípio da não eternidade da matéria é correntemente aceito em nossos dias.

Por causa de a matéria não ser eterna, dado que ela se transforma em energia, e vice-versa, Einstein propôs o termo energia-substância como denominador comum para todas as matérias e todas as energias do Universo. Já Lavoisier tinha demonstrado, na Química, o princípio da conservação da matéria, que se enuncia: o peso dos reagentes é igual ao peso dos produtos da reação. Generalizando, dá: “na Natureza nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma”. A primeira lei da termodinâmica passou a ser, então: a energia-substância do Universo é constante. E a segunda lei da termodinâmica?

Essa fica superada, pela abrangência que a abarcou num todo maior, como sói acontecer, sempre que se faz uma síntese. Essa segunda lei enuncia a verdade de que as energias, ao transformar-se umas nas outras, se degradam, irreversivelmente, até sua última forma que é o calor. Isto é o que sabiam Thomson e Clausius. Pensando ainda com as cabeças destes dois cientistas, Sir Eddington afirma que, em último estágio, “o universo não passará de uma massa uniforme, com temperatura uniforme”. Bastaria perguntar a Sir Eddington: que “massa uniforme” é essa? Sua resposta seria: a matéria.

E de que se constitui a matéria, senão da energia? E acaso essa energia de que se constitui a matéria, também não se degrada? Pois é certo isto: “A interação forte une as partículas do núcleo do átomo, enquanto que a interação fraca é responsável por diversas formas de decaimento nuclear, o que produz radioatividade” (Timothy Ferris, do “N. Y. Times Magazine”, Suplemento “Cultura” de O Estado de S. Paulo, n.º 135 de 09-01-1983). Como, logo, falar em perenidade da “massa uniforme, com temperatura uniforme”, se nenhuma matéria dura para sempre?

Assim a ciência nos diz, hoje, que não é só a energia que se acha fora da matéria, formando as ondas dinâmicas, que se degradam, senão também se degradam as ondas estáticas, prisioneiras, que remoinham na matéria e a constituem. Essa é a razão por que, por exemplo, estes átomos de urânio... do pedaço famoso que Becquerel guardou na gaveta, com suas chapas fotográficas virgens, ao se decomporem, impressionaram a emulsão sensível, ao passo que outros átomos, do mesmo pedaço, só irão sensibilizar quaisquer chapas quando houver transcorrido quatro bilhões e quinhentos milhões de anos. Por que uns átomos se explodem neste instante, e outros só após haver transcorrido tanto tempo? A resposta que dá hoje a ciência a esta pergunta é que a energia eletromagnética intra-atômica também se degrada, e a interação eletroforte se torna eletrofraca. Em razão disto, a interação eletroforte que mantém unidos os elementos de cada átomo ainda jovem, com o correr dos milênios, séculos e anos, vai-se tornando eletrofraca, até que, chegando ao tempo-limite, entram os átomos em processo de dissociação pela radioatividade. E como este eletromagnetismo que coexiste com a matéria,

sendo-lhe o sustentáculo, é a energia primordial do mundo dinâmico, ou primeira na ordem de sequência, segue-se que, das ondas mais curtas dos raios gama até as mais longas do calor luminoso, todas são ondas eletromagnéticas. Admitir que os raios infravermelhos ou caloríficos são o fim para o qual tudo tende, até mesmo toda a matéria, dado que ela se torna em energia, é supor que estava certo Heráclito, para quem o Universo se finará em puro fogo.

Para que não haja o eterno retorno heracliteano, é preciso romper o limite térmico, buscando a origem das energias transtérmicas (como é o caso da energia vital), as quais, como não podem ter nascido do nada, nasceram do último algo anterior que não pode ser outro senão a energia calorífica.

A que, logo, se reduzem as duas sentenças do Prof. Eddington?, que afirmam: 1.^a) “o universo alcançará um grau de completa desorganização, que será o fim do mundo todo”. Como? E a Vida? 2.^a) “Nesse estágio, o universo não passará de uma massa uniforme, com temperatura uniforme”. Como? E a desintegração da matéria?

Como se vê, há que se anunciar a superação da segunda lei da termodinâmica, estabelecendo o que a ciência tem por certo hoje, que é o seguinte: a energia eletromagnética intra-atômica, ao degradar-se, no interior dos átomos, de eletroforte em eletrofraca, propicia a eles entrarem em processo de desintegração pela radioatividade. A matéria, então, se torna numa mina de energia, a qual, em passando de uma forma dinamicamente rica para uma pobre, acaba por transformar-se em calor. Chegado a este ponto que se supunha fosse o fim, o do equilíbrio térmico do Universo, em vez disto, a cadeia de degradação dinâmica prossegue em empobrecimento dinâmico, pelo que surge, do processo, a energia vital. A energia que se degradou até o calor não pára aqui, portanto, mas, continuando, transforma-se em energia vital.

Assim, em referência à segunda lei da termodinâmica, não só a Vida, mas tudo o que tem suporte nela, são-lhe um paradoxo; a presença dos seres vivos é-lhe um desmentido, dado que, nestes, o inverso é que ocorre, pois, ao invés de se rumar para uma desordem crescente, é para uma ordem cada vez maior e mais complexa que se vai.

O que caracteriza os seres vivos é a invariância reprodutiva e a telenomia. Estas duas características são oponentes, contraditórias, na dialética da Vida. A invariância diz respeito à manutenção, à reprodução, à multiplicação de estruturas complexíssimas; e, no entanto, ordenadas. A telenomia (de *telénomo*; *tele* = distante e *nomos* = lei, regra) mostra, demonstra que, apesar da invariância, há variações e saltos mutacionais provindos de várias causas, criando, ao acaso, condições adaptativas ou desadaptativas, e, com isto, as variações do meio físico não conseguem destruir a Vida. A telenomia produz, também, a esmo, ao acaso, as pré-adaptações. Variando as condições do meio, os espécimes que se puderem adaptar às condições novas prosseguirão vivos; os não adaptados, perecem.

A telenomia não é um pensamento antecipado, preexistente, finalista, mas uma loteria em que, por acaso, dá o número sorteado, isto é, acerta com o rumo que se há de seguir, coerente com as circunstâncias fortuitas pelas quais o meio se modifica. Como as condições do meio são imprevisíveis, sobretudo a longo prazo, a telenomia joga a sua loteria genética, sendo sorteado aquele espécime que se adapte àquelas condições que o meio veio a produzir. Portanto, em lugar do finalismo, o que ocorre é o seguinte: contra a loteria das variações fortuitas do meio, a Vida opõe a sua loteria das também ocasionais variações e mutações genéticas, criando infinitas opções. O espécime que se encontrar na COINCIDÊNCIA das duas variáveis independentes (a do meio e a da genética), esse é o sorteado para ser a nascente da nova espécie... Como a arqui fabulosa quantidade de experiências biogenéticas fracassadas fica sem

registro fóssil, o resultado final das duas loterias independentes, das duas variáveis fortuitas, surge como se tudo tivesse sido planejado, e tivesse seguido um desenvolvimento finalista, espontâneo, sem perdas ou desperdícios, perfeitamente inteligível, lógico.

Assim é que o pistilo da flor de maracujá tem exatamente a mesma altura da mamangava que lhe produz a fertilização, e, “para este fim”, a mamangava tem pelos nas costas “para transportar pólen”. Finalismo? Vejamos isto:

Do mesmo modo como a invenção da câmera fotográfica exigiu a antecipação de um projeto, igualmente, sendo o olho uma câmera fotográfica, também deve ter seguido um projeto. Isto parece um argumento válido. Só que a execução deste “projeto” pode ser rastreado através da evolução do olho, na escala animal, a partir das primeiras células sensíveis à luz. Fica, então, patente pelos pouquíssimos registros vivos... que são só os que sobraram, os descaminhos nos quais a Vida andou metida; verifica-se a quantidade de olhos incompletos, obsoletos, os que não chegaram a realizar-se, e tendo gasto um tempo cujos primórdios coincidem com o surgimento dos primeiros organismos, ainda incipientes, pluricelulares, ou seja, os seres coloniais. Empregar tamanho ensaio-e-erro, com tão formidável desperdício, em um tempo que se conta por quinhentos milhões de anos, para conseguir um resultado, acaso é isto seguir um projeto?, e ainda projeto da suma sabedoria que é Deus?

Tal qual ocorreu com a flor de maracujá e sua polinizadora mamangava, a Natureza, aí, teve de trabalhar geneticamente com as duas espécies de reinos diferentes, exatamente como o faria um mecânico que ajusta, com lima e lixa, duas peças que se encaixam. Só que o mecânico faz isso, conscientemente, em poucas horas, ao passo que a Natureza, inconsciente que é, teve de ir “limando” e “lixando” a mamangava e a flor por um tempo imensurável.

Certamente que os vermes intestinais, a tênia, por exemplo, não se criaram segundo um fim preestabelecido. Mas se não seguissem as regras do jogo que se impuseram (telenomia), se não variassem... pré-adaptativamente, não existiriam. Disto se tira que a Vida não só é uma organização maior e mais complexa, a partir da organização menor e mais simples, senão que ainda se prepara, com antecipação, para as desordens que possam sobrevir, em consequência das alterações do meio.

Contudo, não é o meio que modela a Vida, de modo direto, como se ela fosse um processo de fora para dentro, como pensara Lamarck; as modificações externas apenas permitem que se aflorem e se definam as disposições genéticas pré-adaptativas que a Vida já tinha formado, as quais, encontrando ambiente, eclodem. Esta como que “prudência” com que a Vida, de antemão, mas ao acaso, previne adaptações, mostra quão diferente é uma máquina mecânica, repetitiva sempre no seu funcionar, decadente por seu contínuo desgaste irreparável, de uma máquina viva, operante sempre no seu indescansável dinamismo auto-reparador, capaz ainda de reorganizar-se em novas unidades substitutivas, e, por cima, prevenir, em incontáveis espécimes, possíveis condições futuras que o meio possa apresentar. Quão distante vai isto dos “animais máquinas” segundo a concepção do mecanicista Descartes!

Em seu dinamismo frenético, a Vida impõe às espécies vivas várias opções, várias propostas de experiências que são executadas ao acaso, perecendo as infindáveis espécies que tomaram por caminhos errados, e só poucas se salvando. As experiências bem-sucedidas levam para frente a Vida nos descendentes, as inumeráveis experiências mal-sucedidas são abortos esquecidos dentre os quais se incluem espécies inteiras extintas, sobretudo as em maior quantidade que não deixaram registro fóssil, por serem de quando seus indivíduos eram gelatinosos, moluscóides, sem carapaça, ou só armados por esqueletos de cartilagem. Como

ocorre com as soluções obtidas por ensaio-e-erro animal, as experiências fracassadas são incontavelmente em muito maior número.

Vale, pois, para a Vida no geral, o que escreve Ortega da vida humana no particular: “Em vez de impor-nos uma trajetória, impõe-nos várias e, conseqüentemente, nos força... a eleger. Surpreendente condição a de nossa vida! Viver é sentir-se fatalmente forçado a exercitar a liberdade, a decidir o que vamos ser neste mundo. Nem um só instante se deixa descansar nossa atividade de decisão. Inclusive quando desesperados nos abandonamos ao que queira vir, decidimos não decidir”¹⁰. Para o homem em particular, como para uma espécie biológica, como ainda para a própria Vida em geral, vale o dito de Ortega: “para nós só é segura a insegurança”!; mais isto no texto dele: “A história nos conta inumeráveis retrocessos, decadências e degenerações. Mas não foi dito que não sejam possíveis retrocessos muito mais radicais do que todos os conhecidos, inclusive o mais radical de todos: a total volatilização do homem como homem e seu taciturno reingresso na escala animal, na plena e definitiva alteração. A sorte da cultura, o destino do homem, depende de que no fundo de nosso ser mantenhamos sempre vivaz esta dramática consciência e, como um contraponto murmurante em nossas entranhas, sintamos bem que para nós só é segura a insegurança”¹¹.

Assim como o homem é obrigado a fazer muitos projetos para a sua vida, antes de decidir-se por um, igualmente a Vida, não se contentando com ser autônoma, ainda joga para o futuro esta sua autonomia, com que se faz autotelénoma, e, com isto, se propõe não uma, mas um leque de opções, vencendo, dentre tantas, somente as que se mostrarem viáveis, face às condições do meio impossíveis de serem previstas.

Deste modo, quem quiser saber onde começa o princípio de liberdade e autonomia, examine o processo da divisão-redução (meiose), por meio da qual, no homem, duzentos e vinte e cinco milhões de espermatozoides, todos diferentes quanto ao patrimônio genético, são produzidos e expelidos, em cada função do seu órgão reprodutor. Também goza desta autonomia e liberdade o elétron orbital que, em vez de riscar consigo a sua órbita ao redor do núcleo atômico, faz que esta “órbita” (!) assuma o aspecto de um enxame de abelhas, no qual ele, elétron, ocupa o lugar de cada abelha sucessivamente. Igualmente, quem poderá predizer a trajetória de uma partícula em movimento browniano? Assim, os choques entre as moléculas de um gás contido num recipiente resultam na pressão exercida sobre suas paredes; deste modo, pode-se predizer o comportamento do conjunto de moléculas; não, todavia, o comportamento de uma molécula isolada.

Ora, para a Vida construir uma ordem estonteantemente complexa, usando, como matéria-prima, uma ordem inferior muitíssimo mais simples; depois, manter, até certo ponto, invariável, a ordem que edificou, mediante recopiagem nos descendentes; finalmente, jogar com infinitas opções, o que significa: organizar-se, por evolução, em estruturas cada vez mais complexas, tudo isso representa TRABALHO..., o que implica consumo de energia. Se sem energia não há trabalho, a recíproca é uma tautologia: se há trabalho produzido, *ipso facto*, há energia consumida.

De maneira que não há isso de se deixar de lado o estudo das transformações das energias, pelas quais umas se mudam em outras, quando o limite da Física confina com o da Biologia. Os vegetais incorporam a energia luminosa, e a fixam sob a forma de energia química: na devolução daquela energia luminosa consumida, em vez de luz, o que obtemos é o calor, seja

¹⁰ Ortega y Gasset, “A Rebelião das Massas”, pág. 102

¹¹ Ortega y Gasset, “O Homem e a Gente”, pág. 65

pela combustão da lenha ou do carvão, seja pela combustão dos carboidratos no interior das células animais. Deste último processo surge a energia nervosa, a que percorre os nervos com a velocidade média de apenas 250 Km por hora, mais lenta, portanto, que a de um avião. Velocidade média, dissemos, porque varia de indivíduo para indivíduo, e que se chama “coeficiente pessoal”, fenômeno este descoberto pelo astrônomo Bessel.

Queremos saber desta energia nervosa, nutriz do pensamento, o qual, segundo a parapsicologia, se propaga através do espaço, vencendo quaisquer distâncias na Terra, e pode excitar uma mente, esteja esta do outro lado da Terra, esteja no fundo do mar, esteja dentro da gaiola de Faraday na qual, como na água e na terra, não penetram ondas elétricas. Por causa disto, já se pensou até em empregar a telepatia, em vez do rádio, numa ponte Terra-Lua-Terra, sobretudo quando os astronautas tiverem de operar na face da Lua que se opõe à voltada para a Terra. Estão às voltas com este projeto não só a Rússia, senão também os Estados Unidos. Por isto, segundo nos informa o jornal “O Estado de S .Paulo” de 4 de maio de 1969, “O Instituto de Parapsicologia da Universidade de Leningrado chama-se, “Instituto para a Ciência e Técnica das Telecomunicações”; um idêntico se encontra também em Massachusetts, criado pelo comando da Aeronáutica Militar”.

Ora, a parapsicologia, conforme o Pe. Quevedo, “foi reconhecida “oficial” e universalmente como ciência em 1953, por ocasião do Congresso Internacional de Parapsicologia, organizado pela “Fondation International of Parapsichology”, pela Universidade de Utrecht e pelo Ministério de Educação e Cultura da Holanda”¹²

Assim sendo, partindo do princípio de Lavoisier de que “na Natureza nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma”, donde se tira o axioma: tudo o que existe é algo anterior modificado, a ciência é convocada a nos dizer de que algo anterior surge, por transformação, a energia-onda do pensamento evidenciada na telepatia; de que algo anterior surge a telergia ou energia biótica (*tele* = longe; *ergon* = trabalho, ação); de que algo anterior brota, mana, o hectoplasma, energia esta exsudada através das cavidades naturais do sensitivo, sobretudo da boca e nariz, que aparece como nebulosidade, e que possibilita o movimento de objetos no espaço a que se dá o nome de telecinesia, afora, ainda, que essa energia biótica permite modelarem-se formas no espaço, projetadas pelo inconsciente do sensitivo, segundo a Parapsicologia, ou como “materializações” de entidades desencarnadas, a ter razão o Espiritismo.

Se do nada não sai nada, do que saíram essas formas bióticas de energia, capazes de produzirem efeitos sobre a matéria densa, como comprovam as levitações e os transportes no espaço? Energia ou telergia, como já se comprovou, capaz de atravessar chapas de chumbo de três centímetros de grossura, coisa que nem os raios gama fazem?

É tempo de exigirmos que a ciência nos dê conta dessa bioenergia, seja a psíquica (pensamento), seja telérgica, uma e outra nascida das reações do “carvão nervoso”, o “tigróide”, riquíssimo em fósforo a tal ponto que, no século XIX, era corrente o aforismo que dizia: “sem fósforo não há pensamento”¹³.

Quem pode pôr em dúvida que a energia vital está por detrás dessas outras energias? E, pois, de que energia anterior procede a energia vital, por transformação?

Partindo do primado de que sem calor não há vida (e zero grau ainda é muito calor face ao zero absoluto), tem que ser a energia térmica, e não outra qualquer energia, que se

¹² O. G. Quevedo, “O que é a Parapsicologia”, pág. 19.

¹³ Fritz Kahn, “O Corpo Humano”, II, pág. 167.

transforma em energia vital, esta, capaz de acionar as arqui-intrincadíssimas máquinas biomoleculares primeiro, e biológicas, depois. Assim como a matéria inorgânica está jungida, inextricavelmente, ao eletromagnetismo, e só existe em função dele, a Vida, sendo uma síntese superior, de maior abrangência, abarca não só o eletromagnetismo responsável pelo ser da matéria, como ainda a energia térmica a partir da qual, e sobre a qual, a Vida se sustenta.

O paradoxo consiste, então, nisto: suposto que o Universo tende para a desordem (entropia máxima) por causa das transformações irreversíveis de umas energias em outras, até o termo final que é a energia térmica, esta que, acabando por nivelar-se, tornará impossível quaisquer movimentos; contra isto, vem o desmentido da Vida, visto como ela tende à organização cada vez maior e mais complexa, exatamente a partir da energia térmica, compensando o processo da degradação dinâmica por uma gradação evolutiva que culmina com a Vida.

E a Vida conseguiu toda esta maravilha, mantendo a invariância e não a mantendo totalmente. A invariância reprodutiva lhe permitiu manter os padrões das estruturas orgânicas muitíssimo complexas, contra o princípio de que tudo, no Universo, tende para a desordem (entropia máxima). A sua não obediência total e irrestrita ao princípio da invariância reprodutiva, possibilitou-lhe não permitir encurralar-se numa linha só de especialização. Por suas mutações e variações pré-adaptativas, foi explorando novas possibilidades, novos caminhos, ao mesmo tempo que prevenindo, e ensinando, como sobreviver, com ou apesar das alterações do meio. Assim, a telenomia consiste em antecipar leis e regras para serem obedecidas, se elas se fizerem indispensáveis. E todas estas antecipações são conseguidas pelo método do acaso, da loteria, do ensaio-e-erro, exatamente como o faria um homem, ao verificar as muitas e variadas opções, uma das quais, queira ou não queira, terá de seguir rumo ao seu sempre problemático porvir. Por isto mesmo, homem nenhum há que não se lamenta de haver perdido certas ocasiões que se lhe depararam as quais não voltam mais. Há ele de lamentar-se de não haver agarrado a oportunidade pelos cabelos.

No entanto, a Vida não se lamenta de haver perdido nenhuma oportunidade, porque está sempre jogando com todas ao mesmo tempo, através de seus representantes, indivíduos e espécies, aos bilhões! Todavia, em fazendo isso, ela poderia justificar-se como o homem que diz, desiludido, acenando com a cabeça: só me é certa a incerteza!, ou, como escreve Ortega: “para nós só é segura a insegurança”¹⁴.

Disto se tira que reduzir as opções é meter-se em beco sem saída, e é exatamente o que acontece com os seres altamente especializados. Assim como os galhos e ramos miúdos de quaisquer árvores adultas são pontos terminais de crescimento, igualmente, com a árvore genealógica da Vida, os seres altamente especializados ficam sem opção de continuidade evolutiva.

A grandeza do homem, primeiro que tudo, se deveu a que, nele, a Vida não se deixou encurralar na especialização; sua mão, por isso, é tão primitiva quanto as patas dos anfíbios. Resultado: a utilização das mãos como instrumentos preênses liberou as mandíbulas, que se modificaram, permitindo a que o espaço linguopalatal aumentasse, e o cérebro crescesse na zona frontal; isto deu lugar ao aparecimento, pelo uso da linguagem, do *Homo loquens*, e, pelo uso das mãos, do *Homo faber*, tudo se resumindo na sentença de Henri Berr que diz: “A mão e a língua, eis a humanidade”!

¹⁴ Ortega y Gasset, “O Homem e a Gente”, pág. 65.

Hoje o homem tornou-se uma das forças da Natureza, e é conclamado a responsabilizar-se pela Terra, visto que está em suas mãos o poder conservá-la ou destruí-la. Ele tem alterado a face de seu planeta, mudando seu clima, poluindo seus rios e mares, e pode, se quiser, balançar a Lua, dando-lhe piparotes com grossas cargas de bombas nucleares.

Se tal pode, hoje, *o Homo technicus*, quem dirá do que será capaz, se ele próprio, agora, não se destruir?

No entanto, tudo teve início lá na Biologia Molecular, quando as moléculas gigantes, provavelmente, micelas, aprenderam o jeito de se recopiar (invariância reprodutiva), e, com isto, cresceram em número, utilizando-se da matéria inorgânica do meio, e, ao mesmo tempo, se modificaram (telenomia), experimentando opções novas.

Aqueles primitivíssimos unicelulares nasceram, segundo se supõe, num morno caldo salino, preparado pela Biologia Molecular, num tempo em que ainda boa parte da água do planeta se achava em suspensão na atmosfera, qual Vênus hoje, não permitindo, por isso, que a luz do Sol atingisse a superfície do globo. As tempestades contínuas de chuvas torrenciais, em meio ao tonitruante ribombar dos trovões, assolavam a face do planeta, e só as luzes intermitentes dos raios, dos coriscos, alumiam-lhe a superfície. Ainda hoje, por isso, as bactérias do azoto, trabalhando abaixo da superfície do solo, são avessas à luz ao mesmo tempo que umidífilas e termotrópicas.

Todavia, tanto nesse recuado algonquiano, como ainda hoje, os seres unicelulares que pululam por toda parte, conforme o afirma Jacques Monod, “*não violam* as leis da termodinâmica, muito pelo contrário. Não se contentam em lhes obedecer; elas as *utilizam*, assim como faria um bom engenheiro, para consumir com o máximo de eficácia o projeto, para realizar o “sonho” (F. Jacob) de toda célula: tornar-se duas células”¹⁵. Os destaques do texto citado são nossos, e os pusemos para concluir: se “*não violam* as leis da termodinâmica”, e, antes, “*as utilizam*”, não violar e utilizar para seus fins é SUPERAR.

O próprio Monod propõe a experiência de isolar, por todos os modos, inclusive termicamente, uma solução contendo glicose e sais minerais, compreendendo os elementos químicos constituintes dos seres vivos (azoto, fósforo, enxofre, etc.), e nesse caldo depositar uma bactéria da espécie *Escherichia Coli*. Essa insignificância de vida, só observável pelo microscópio, no espaço de 36 horas, terá transformado a solução, aparecendo nela “vários bilhões de bactérias”, como ele diz, e mais: “Constataremos que mais ou menos 40% do açúcar foi convertido em constituintes celulares, ao passo que o resto foi oxidado em CO² e H₂O”¹⁶.

O meio cerrado ou fechado em si mesmo, e isolado do exterior, estava em perfeito equilíbrio térmico, e, descartada a possibilidade da desintegração radioativa, ficaria, para sempre, nesse estado em que a ordem não ia além da mistura química inerte. Bastou, porém, colocar nessa solução uma bactéria somente visível no microscópio (*Escherichia Coli*), para que, após 36 horas, em vez de uma, houvesse vários bilhões de bactérias com resíduos de água e gás carbônico.

Ora, a matéria bruta transformou-se em matéria viva; de um estado de ordem inferior, subiu-se para um estado de ordem fantasticamente superior. Com a reação quimiobiológica, todo o CALOR produzido transformou-se em ENERGIA VITAL, esta que, como ENERGIA que é, produziu o TRABALHO de reorganizar estruturas químicas simples em ESTRUTURAS de complexidade estonteante. Assim, a energia térmica, imprestável para

¹⁵ Jacques Monod, “O Acaso e a Necessidade”, pág. 31

¹⁶ Jacques Monod, O Acaso e a Necessidade, 30

movimentar as MÁQUINAS MECÂNICAS, porque no último estágio de degradação dinâmica, serve, agora, por causa da mesma degradação, para mover as MÁQUINAS VIVAS.

Logo, a ENERGIA VITAL vem das energias degradadas, cumprindo o princípio científico estabelecido por Lavoisier de que, “na natureza, nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma”. Por causa deste princípio, estabeleceu-se a primeira lei da termodinâmica, a qual, modernamente, se enuncia: “A energia-substância do Universo é constante”.

Se tudo se transforma sem perdas nenhuma, é-nos forçoso perguntar: que será feito do Universo quando toda a matéria se houver feito energia por desintegração atômica, e toda essa energia se houver convertido na energia térmica irreversível? Seria esta energia o fogo de Heráclito, princípio e fim de tudo?

Se metermos na água um bastão, ele se nos mostrará quebrado para a vista, reta para o tato: qual das duas impressões é a verdadeira? Ambas são verdadeiras, e o paradoxo se desfaz pela síntese operada numa instância superior que se chama: teoria da refração da luz. Tal qual, de um plano superior, filosófico, por isto mesmo mais abrangente, a segunda lei da termodinâmica está certa, no nível da matéria inorgânica, mas é superada pela abrangência de uma verdade maior: a da organicidade crescente da Vida que cria, por um lado, a inteligência, e, por outro, os sentimentos todos, sobre os quais se sublima o Amor, sendo este Amor, por conseguinte, a mais alta forma de ENERGIA-SUBSTÂNCIA.

De sorte que, após tudo o quanto já se disse, podemos arriscar uma definição da Vida. Ela se define como sendo um nível de organização da Energia-Substância. Definir a Vida como organização da Matéria, implica em perguntar: e a Matéria, o que é? Ora, a Matéria não é o primeiro nível de organização. Atrás dela estão os prótons, nêutrons e elétrons. Atrás destes, está a energia que se enrodilhou sobre si mesma em vórtices, dando origem, primeiro que tudo, às partículas subnucleares e aos elétrons.

Deste modo, o Universo é Organização a partir do Caos ou Desordem. E a organização se faz do pequeno para o grande, do menos para o mais complexo, sendo a Vida um estágio dessa organização que se fez de baixo para cima. Ela repousa sobre a Matéria, do mesmo modo que esta também repousa sobre os elementos que a constituem, e estes sobre algo anterior, e assim por diante.

Portanto, não se pode pegar um dado nível de organização e dizer: este é o SER, e tudo o mais é propriedade ou qualidade dele. A Vida não é, conseguintemente, propriedade da Matéria, como esta não o é dos elementos que a constituem. A Matéria também é um nível de organização de Algo anterior, e sobre o nível Matéria bruta, organiza-se o da Matéria orgânica, ou o da biologia molecular; e é sobre este nível de organização biomolecular que se organiza a Vida, e, sobre esta, vem a organização da Consciência, a qual se constitui dos sentimentos todos e da inteligência.

O SER é ORGANIZAÇÃO, do mesmo modo que, pela contraditória, o NÃO-SER é DESORGANIZAÇÃO, ou seja, CAOS.

E à pergunta: o SER é ORGANIZAÇÃO do QUÊ? A resposta única possível é: Organização da SUBSTÂNCIA, ou, melhor, da ENERGIA-SUBSTÂNCIA.

Agora, querer conhecer o que é a Substância ou Energia-Substância, isso é querer saber demais, porque nós só podemos saber o que é inteligível; ora, a Substância, como conteúdo que é das ESSÊNCIAS, é-nos inteligível. Além da definição vaga de que a Substância é aquilo que sub-está às Essências, ou aquilo que dá objetividade, ou coisidade, às Essências, ou aquilo de que as coisas são feitas, o mais que isto é pretender pensar o impensável.

Não esquecer que nós pensamos por conceitos, por formas, por essências; e que os conteúdos ou substâncias são objetos do nível inferior, ou seja do nível das impressões, do sensível, das vivências.

No entanto, seguindo a cadeia de organização crescente, a ENERGIA-SUBSTÂNCIA vai-se transformando, até que tudo termine, NÃO na ENERGIA TÉRMICA, como pensara Heráclito... com o seu fogo primordial, ou como pensavam Thomson e Clausius, no século XIX, e por fim, o retardatário Sir Eddington? O termo final tem que ser buscado, não no calor, mas acima da Vida, naquilo que represente a mais alta organização a partir da mesma Vida. E a mais alta organização está na CONSCIÊNCIA, constituída, de uma parte pela Inteligência, e de outra, pelos Sentimentos sobre os quais se sublima o AMOR, este que é o princípio e o fim de tudo. Ele é ENERGIA-SUBSTÂNCIA primordial, por excelência. Por isto mesmo, Aquele que falou em nome do mesmo Amor; Aquele que falou como se falara o próprio Amor, pôde sentenciar: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro” (Apoc. 23, 13).

Antes de encerrarmos, façamos uma suposição: suponhamos que não fosse verdadeiro o princípio da degradação das energias. Que houvesse, como ainda se diz, equivalência entre a energia consumida e a energia produzida, considerando-se, é claro, as perdas em atrito, em calor, mas não se levando em consideração o coeficiente de degradação do qual a Física ainda hoje não cogita. Suponhamos que uma forma dinâmica, em se passando para outra, descartado o atrito, manteria a capacidade de produzir a mesma quantidade de trabalho mecânico. Neste caso, por que as energias estariam animadas do ímpeto de transformar-se umas em outras, se não houvesse entre elas nenhum desnível dinâmico?

Numa comparação: por que circularia a água do reservatório A para o reservatório B, se ambos estão em nível? Por que a energia elétrica e a térmica circulariam do potencial alto para o baixo, se uma e outra se achasse em equilíbrio? Por que circulariam os planetas em torno do Sol, e este, ao redor do seu centro galáctico, se não houvesse o cair, dado que, no Universo, tudo está caindo para o seu centro, e é só para não ir parar nesse centro que os corpos celestes se transladam, com o que desenvolvem a oposta força centrífuga?

Suposto que as energias são quais são, cada uma sendo qual é, AB AETERNO; não havendo transformações nem o movimento, não haveria o tempo que se conta pelo hoje, o ontem e o amanhã. Sem transformação possível, o eletromagnetismo responsável pelo existir da matéria seria sempre o mesmo, não se degradando de eletroforte para eletrofraco, pelo que não haveria a desintegração atômica, e, pela mesma razão da intransformabilidade, as ondas dinâmicas ultracurtas do pré-Universo não se teriam enrolado sobre si mesmas em vórtices para construir as partículas subnucleares. O que seria, então, a matéria?, se não houvesse o ímpeto de ir por diante na transformação degradativa sob um aspecto, e evolutiva, sob outro? De igual modo, a Vida seria um não-dinamismo, e os homens, os animais e as plantas seriam como estátuas eternizadas no não tempo...

Ora bem: esta redução ao absurdo põe patente a verdade oposta ao suposto atrás, e é a de que todo o movimento resulta do ímpeto com que umas energias “querem” transformar-se em outras, e as perdas provenientes da degradação dinâmica são compensadas pelos correspondentes ganhos evolutivos. Essa redução ao absurdo demonstra, também, o desatino de afirmar-se que a energia térmica é o fim para o qual tudo tende, e que, por isso, o Universo finará em calor uniforme.

A mesma redução ao absurdo demonstra, ainda, estar errado afirmar-se que os fenômenos do Universo são ciclos, no sentido de circunferências fechadas sobre si mesmas, com um fim e começo ligados, em repetição constante, contínua, quando eles, por causa de as energias se degradarem, são como as voltas de uma espiral, decorrendo disto que as voltas ou espiras cíclicas não se conectam pelo começo e fim dos ciclos, em repetição constante, mas espiralam, em sucessão, tal qual o havia previsto Heráclito ao inferir que “ninguém toma duas vezes banho no mesmo rio”.

Daqui vem a última consequência, a maior de todas, e é a de que o Alfa e o Ômega, conquanto um e outro sejam AMOR, não são iguais, embora semelhantes: Deus criou o Mundo Celeste, segundo os cristãos, ou o Topos Uranos, segundo Platão, da sua ENERGIA-SUBSTÂNCIA-AMOR, precisamente porque o amor é transformável. Então, porque o amor é transformável, livre, polarizável, tendo ficado autônomo esse amor nos Espíritos celestes, muitos desses Espíritos celestes inverteram o impulso amoroso no seu contrário, no seu oposto, no EGOÍSMO desintegrador. Nisto se cifrou a INVOLUÇÃO cujo termo final foi o CAOS a partir do qual teve início a EVOLUÇÃO, esta que acaba por construir outro amor, o qual, agora, se vai chamar EGOÍSMO DILATADO, diferente do prístino Amor, o dos Espíritos não caídos, que é o Amor puro, Amor sem metas, com o qual se ama por amar...

O EGOÍSMO DILATADO é também Amor com metas, pelo que não se ama por amar, mas ama-se porque o objeto amado é havido como posse do amante, o qual, por isso, ama ao seu. Expandir esta esfera de domínio, nisto se cifra o EGOÍSMO DILATADO. Ora, o eu e o meu se confundem a tal ponto, que se fosse usurpado ao amante tudo aquilo que ele chama de seu, ou seja, se fosse possível tirar todos os “meus dele”, ele cessaria de existir, visto como não possuiria nem mesmo os corpos próprios, seja o pelo qual se manifesta nesta vida, seja o pelo qual se manifesta no além-túmulo, corpos estes que são a sua, por excelência, realidade radical, a primeira, com a qual ele atua no seu contorno, ao mesmo tempo que recebe a atuação deste.

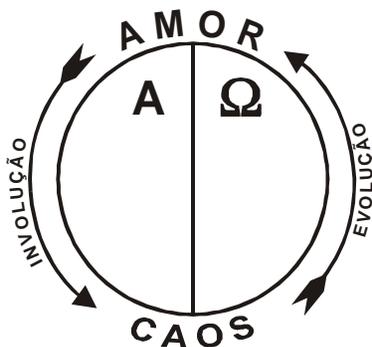
Embora o Amor puro e o Egoísmo dilatado sejam semelhantes, dado que nada é igual a si mesmo em dois tempos, donde não ser possível a ninguém “tomar duas vezes banho no mesmo rio” (Heráclito), embora isto, ambos amores são iguais quanto ao fim, não valendo perguntar qual das duas formas é a melhor, ou mais perfeita, se a do Amor puro, se a do Egoísmo dilatado, porque uma e outra realiza o fim último do homem, objetivo supremo da sua existência – a FELICIDADE !

Sendo o ESTADO DE FELICIDADE o denominador comum entre as duas formas de Amor, a de antes da queda, e a do fim da evolução, e dando às setas abaixo a significação de “vai para”, e “C”, Caos, podemos construir a fórmula do Universo:

$$A \longrightarrow C \longrightarrow \Omega$$

$$A = \Omega$$

ou então



20 – Hipnoespiritismo

Prólogo

O homem primitivo era místico. Todos os fenômenos naturais eram interpretados à base de poderes extrafísicos misteriosos. Esta é a fase pré-lógica ou sensitiva da humanidade, pela qual, tudo o que existe, participa de um quê de divino, constituindo, isto, a lei de participação, estudada pelos sociólogos. Não existe ainda, nesta fase, o princípio de contradição que comanda a ciência positiva.

De maneira que o homem, já no seu berço, difere dos antropoides superiores por três coisas: usa as mãos (*Homo faber*), fala (*Homo loquens*) e é místico. Para ele, porém, Deus é tudo (panteísmo), isto é, está imerso no politeísmo mais extremado e grosseiro. Para cada coisa há um mito que se torna superstição e tabu religioso. As religiões nasceram todas do caos dos mitos, como o estudou, exaustivamente, Oliveira Martins, em sua obra “Sistema dos Mitos”.

As mitologias, ou são astrológicas, ou escatológicas; ou se cultuam estrelas e planetas, ou antepassados, com os quais se sonha, de noite, que estão vivos, donde vem que, como o notara Augusto Comte, os mortos continuam a governar os vivos. Não raro, porém, fundem-se as duas fontes míticas na elaboração dos cultos fetichistas e politeicos.

O homem sensitivo é um impressionável, sugestível, de fé. Não sabe ainda perguntar: por quê? O mundo misteriosamente divino faz pressão sobre ele, deixando-o fora de si, numa como alucinação. Real e falso, tudo se baralha em sua mente infantil e temerosa. Deste modo, “na palidez da noite, ao clarão da lua, as sombras são fantásticas... A confusão do objeto com a imagem dá individualidade à sombra – e essa sombra é que fala e vive nos sonhos”¹⁷. “O sonho da noite continua de dia; dia e noite são aspectos, o mundo todo é uma visão. As impressões que se levam para o leito, germinando no sonho, vicejam de dia: a existência inteira é uma alucinação”¹⁸.

“Não foi o medo que inventou o mito: foi a imaginação independente e por força da atividade própria. Do mito, que deu realidade a quimeras, nasceu o medo religioso: nasceu deus, cuja imagem é sempre dupla – boa ou malfazeja, terrível como as sombras errantes animadas, ou simpática à maneira da luz do céu sereno”¹⁹.

“Deus nasceu nos bosques. A floresta é o berço do medo”²⁰. “Com o primeiro deus surgiu o primeiro padre, porque uma autoridade que se sente sem se ver, a que se obedece e se teme sem se conhecer, envolve em si a necessidade de um medianeiro”²¹.

Aqui está, como tudo começou: a imaginação criou os mitos que são hipóteses de trabalho, explicações, teorias apenas. Mas o que para o criador do sistema era hipótese e teoria explicativa, para outros passou a ser a verdade mesma; assim nasceu o dogma, o ponto de fé. Ora, nós somos o que pensamos, isto é, somos produto de nós mesmos, de nossa elaboração mental. Nossas convicções nos arrastam inexoravelmente, e convicção é fé. Quando a crença se torna fé, e o crente aceita, como absolutamente verdadeiras, as coisas da sua religião, então

¹⁷ Oliveira Martins, “Sistema dos Mitos”, pág. 13

¹⁸ Oliveira Martins, “Sistema dos Mitos”, pág. 06

¹⁹ Oliveira Martins, “Sistema dos Mitos”, pág. 23

²⁰ Oliveira Martins, “Sistema dos Mitos”, pág. 23

²¹ Oliveira Martins, “Sistema dos Mitos”, pág. 24

começam as experiências místicas que podem ser reais, ou alucinatórias. Quem crê, absolutamente, na existência de sacis, de caiporas, de lobisomem, vê estas coisas, ou porque espíritos lhe aparecem sob tais formas, ou pela alucinação que o medo lhe causa.

Eis como o mito age, reflexivamente, sobre a mente humana, criando a alucinação que é a experiência mística; antes o crente cria por fé: agora crê porque “viu”, porque “sentiu”, porque “experimentou”. Daqui por diante a fé se reforça, porque o crente teve uma experiência mística; mas teve uma experiência mística porque sofreu a pressão sugestiva de uma criação mítica. Eis a fórmula em evidência:

Imaginação + sugestão = mito

Mito + alucinação = religião

Criada a religião, ela se reforça e se engrossa pela entrada nela de adeptos; e do mesmo modo como, de um simples ovo humano, pode surgir um gênio, assim, daquele caos primitivo, astrológico e escatológico, a religião evolui para a teologia, para a filosofia, donde saem, depois, a moral, a ciência, a civilização enfim, em toda a sua complexa estrutura.

Tudo começa na imaginação, e acaba nas mais requintadas criações da ciência exata.

Mas assim como as experiências místicas podem ser reais ou alucinatórias, porque pode haver manifestações reais de espíritos que aparecem sob a roupagem das crendices, também podem as crendices alucinar, simplesmente, fazendo o crente ver e sentir o que não existe. Do mesmo modo como o fenômeno místico dá margem a dupla interpretação, também a imaginação se confunde com a intuição. Juntamente com a imaginação, pois, e inseparavelmente, funciona a intuição (base da mediunidade inspirativa) da verdade que se revela sob a forma de axiomas inexoráveis.

Eis como o fenômeno místico é complexo e profundo. Uns vão pelo lado do hipnotismo e sentenciam: é alucinação. Outros, atacam só pela parte mística, e dizem: é revelação. Pode ser uma coisa, pode ser outra e podem ser as duas a um só tempo.

O certo é que a intuição precede às provas lógicas, e antes de se provar, já se sabe. É por isso que Einstein respondeu, a um grupo de repórteres, que lhe pediam dissesse alguma coisa sobre sua teoria do campo unificado, pelo qual todas as energias do Universo teriam um denominador comum: “Sobre este ponto, venham ver-me daqui a mais vinte anos”. Perguntado sobre se não tinha certeza das suas idéias, replicou: “Certeza tenho, sim, mas não posso provar”²². Se a certeza deve decorrer das provas, primeiro havia-se de provar para depois ter certeza; contudo o sábio tinha certeza, mas, não tinha provas, porque sua certeza era fundada na intuição.

É assim que “uma coisa é saber, outra coisa é demonstrar. As verdades mais profundas podem ser sabidas com absoluta certeza, sem serem experimentalmente demonstráveis. Em última análise, a certeza não vem de provas de laboratório, mas da intuição espiritual”²³. Uma prova disto está no velho sonho dos alquimistas, da unidade da matéria; por um denominador comum, uns corpos poderiam ser tornados noutros, pelo que se poderia, de vis metais, formar ouro precioso. “O velho sonho dos alquimistas, como se vê, se está realizando, finalmente; a humanidade começa a despertar para a vigília da ciência do seu longo sono

²² Huberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 2, pág. 115

²³ Huberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 1, pág. 94

encantado; a magia negra de Mefistófeles e do Dr. Faust amanheceu na ciência branca de Einstein & Cia”²⁴.

O sábio sabe por intuição, mas, busca provar (controle racional de Ubaldi) para, racionalmente, persuadir-se e persuadir a outrem da verdade. Contudo a grande massa humana, com ser ainda sensitiva, mística, e não racional ou lógica, confia só na autoridade, não lhe sendo necessária a demonstração. Ela se basta com a sugestão, como outrora, sendo-lhe inútil a persuasão.

A sugestão, como temos visto, está na raiz do fenômeno religioso, e sugestão, crença, fé, confiança são palavras afins.

A persuasão não é a que governa o mundo; os homens são mais sugestionáveis que racionais ou lógicos. O princípio da autoridade vige ainda. “Mesmo no domínio da Inteligência é uma tola presunção a dos que dizem que já passou a época do *Magister dixit*”²⁵.

Se isto é assim até no domínio da inteligência, da razão cética, quanto mais o não será no nível das massas emotivo-sensitivas? Está com a razão, pois, Huberto Rohden, que diz: “As massas não pedem provas – são empolgadas por audaciosas afirmações e deslumbrantes promessas”²⁶. “O fator “mistério” gera admiração, e sem admiração não há nada de belo e atraente”²⁷. “Por mais estranho que pareça, é mais fácil matar a religião pela deficiência do que pelo excesso de mistério; o meio mais seguro para acabar com a religião é a tendência de racionalizá-la, ou melhor, intelectualizá-la plenamente. Religião plenamente intelectualizada e inteligível é religião-cadáver. Nunca ninguém morreu voluntariamente por motivos entendidos, o intelectualista é arreligioso, irreligioso, ou até antirreligioso”²⁸.

Fala-se muito em fé esclarecida, em fé racional, mas ninguém se dá ao trabalho de examinar o significado destas palavras polarmente opostas. Fé e razão se opõem, como sugestão e persuasão; e quanto mais se torna imperiosa e exigente a persuasão, a racionalidade, a ciência, mais se enfraquece o império da sugestão e da fé, e vice-versa. É assim que um homem de cerebração robusta, de grande capacidade mental, emocionalmente, sensitivamente, é frio, impotente. Às avessas, o atleta emocional, o crente, o homem de fé, o sensitivo não raro é um cego; o herói e o mártir não são gênios, e os gênios são fracos, a exemplo de Galileu que, já velho e imprestável, não teve força para ser um mártir da ciência (como o foi, Sócrates, da filosofia), morrendo pela sua verdade de que a Terra gira. A visão clara da inteligência tira a emoção do maravilhoso, o arrojo e a paixão tormentosa que faz os heróis e os mártires. É por isso que “a compreensão meridiana dos fins é até prejudicial à vitória; é preferível que o súdito compreenda apenas certa porcentagem desses fins, porque essa semicompreensão favorece mais uma plenirrealização do que a plenicompreensão”²⁹.

Deste modo “os chefes democráticos pecam, geralmente, por uma hipertrofia do intelecto e uma hipotrofia do coração: querem que os cidadãos compreendam meridianamente os fins do Estado e que, depois, cada indivíduo se guie por essa luz; esquecem-se, porém, de que essa luz, por mais abundante, não gera uma força correspondente – e assim criam uma geração de videntes aleijados, como o ditador, não raro, cria uma geração de atletas cegos”³⁰.

²⁴ Humberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 1, pág. 160

²⁵ Medeiros e Albuquerque, “Hipnotismo”, pág. 79 – 6.ª Ed.

²⁶ Humberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 2, pág. 143

²⁷ Humberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 2, pág. 141

²⁸ Humberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 2, pág. 139-140

²⁹ Humberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 2, pág. 140

³⁰ Humberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 2, pág. 140

“Se a humanidade tivesse atingido o estágio final da sua evolução – que chamamos cosmocrática – é claro que a força de agir seria igual à luz do inteligir, e a monocracia dos totalitários coincidiria com a democracia das repúblicas. Mas a humanidade de hoje está longe de ser cosmocrática, isto é, capaz de se governar a si mesma pela voz da própria consciência sintonizada com o Infinito”³¹.

Depois de examinado estes dois pólos da personalidade humana, ciência e fé, razão e sentimento, persuasão e sugestão, cabeça e coração, podemos concluir com afirmar que este é um dos objetivos desta obra: ensinar o método de o homem edificar-se a si mesmo, alcançando a síntese destes opostos. Quando a razão chega a vislumbrar a luz, e o homem se torna um vidente racional, as pernas lhe fraquejam, e ele fica aleijado. Ensinar como ser atleta emocional, forte como um herói, apesar de vidente, este é um dos fins a que nos propomos. Seria uma como ascese mística posta em prática pelos caminhos da ciência mais moderna. Verdadeiramente, depois disto, o homem poderá pegar das rédeas da própria evolução, levando os bravios corcéis dos desejos para onde quiser. Se os santos tivessem conhecido este método ascético, suas vitórias sobre a carne ter-se-iam feito sem luta, pelo domínio do pensamento, e não, como sempre foi, pelo esforço da vontade.

Outra finalidade é dar ao Espiritismo uma força inaudita no trato com os espíritos obsessores, provocando nestes alucinações terríveis que os obrigam a se afastar de suas vítimas. Trata-se de submeter os espíritos a processos hipnológicos.

A bem da verdade, todavia, temos de anotar que não estamos fazendo nada de novo. Não dissemos bem: conquanto estejamos fazendo uma coisa nova, inédita, contudo, ela já foi aconselhada por Allan Kardec, há um século. Trata-se de um capítulo da obra do mestre que caiu no olvido, e que está sendo, agora, ressuscitado.

Isto não são só teorias: é prática também, pois, o que escrevemos, fizemos já e estamos fazendo ainda, pelo que nosso Centro Espírita “Bezerra de Menezes” se há tornado numa potência, na cura de obsessões... E o que fazemos, outros poderão imitar, sendo, este, um dos modos como o Satanás será expulso e preso, conforme profetizou São João no seu Apocalipse, para o fim dos tempos...

* * *

Hipnotismo astrológico e escatológico

Como vimos, tudo era antes religião, e esta se fundamentava no culto das estrelas, ou no dos mortos, ou em ambos, ao mesmo tempo. Deuses e demônios andavam à solta, pelo mundo, em luta porfiada para ganhar o homem que, por isso, ora pendia para o lado dos profetas, ora, para o dos feiticeiros. Mas a religião evoluiu para a filosofia, da qual surgiram todas as ciências positivas.

Contudo o processo evolutivo não parou aqui no positivismo científico, como pensara Augusto Comte; o ciclo prossegue, voltando à filosofia, não àquela, analítica, donde se desmembraram as ciências, mas à sintética, filha das ciências, generalizando-se até à teologia, que não será mais panteísta, nem dualista, porém, monista.

³¹ Humberto Rohden, “Filosofia Universal”, v. 2, pág. 140

O fundamento remoto de todas as ciências está na religião: é a síntese de *imaginação + sugestão + alucinação*. Aqui se hão de buscar as bases do hipnotismo, sendo esta a sua proto-história. Todavia as ciências vindas do caos teológico primitivo, depois de um primeiro equacionamento no plano filosófico, rumam para o estado positivo; daqui tornam à filosofia da qual surge a teologia superior. Ora, o hipnotismo, como ciência que é, também faz esta curvatura. Lida, ele, com a imaginação, com a sugestão e com a alucinação, sendo tudo isto não só a base, como ainda a constante mística em todo o processo religioso.

Dir-se-á que o sono hipnótico pode ser produzido por estímulos artificiais, e tanto isto é verdade, que os cães de Pavlov dormiam ao ponto de, em todo o laboratório, ouvir-lhes os roncos. Todavia, sem a palavra o sono não se aprofunda, diz, e com razão, o Dr. Osmard de Andrade Faria³². Logo, o aprofundamento hipnótico, obtido pela somação de focos inibitórios, só se pode dar pela palavra, que, por isso, se torna um sinal de sinais. Contudo é axiomático que não poderá haver tal aprofundamento se não se confiar em quem usa a palavra. A monotonia do céu chuvoso aliado ao pingar, compassado, da goteira, pode nos induzir ao sono; mas se alguém, aproveitando-se desta oportunidade, começar a sugerir que durmamos, queremos saber quem é esse alguém, antes de entrarmos a dormir. Se nosso sugestionador for nosso empregado ou empregada doméstica, não dormiremos, por causa da vigilância da nossa censura moral. Dormir à sugestão de um inferior a nós, conquanto seja possível, do ponto de vista rigorosamente fisiológico, é coisa que não se dá, por ser antipsicológico, isto é, antinatural, do ponto de vista místico, subjetivo. Só quem nos supera nos merece fé e crédito, e não às avessas.

Se o hipnotismo fosse, assim, uma coisa só objetiva, como uma reação química, ou fenômeno físico, indiferente ao operador, como queria Braide; se não houvesse a parte subjetiva do paciente, a sua fé e confiança na autoridade do operador, então, qualquer hipnotizador faria dormir a todo o mundo. Mas não. O hipnotismo, conquanto possa ser explicado como um acontecimento fisiológico, com base rigorosamente científica, conserva sua mística, só funcionando de cima para baixo, e não às avessas. Daqui o dizer Medeiros e Albuquerque, depois de bem documentado e experimentado, que só hipnotizamos àqueles sobre os quais exercemos alguma ascendência³³. Vale, logo, o princípio da autoridade, e o acontecimento que pudera ser só fisiológico, o é, também, psicológico e moral, atingindo as raias do misticismo, nos domínios da fé.

A fé se funda no ouvir, como já dizia S. Paulo³⁴, e a persuasão, no ver, como o prova a incredulidade de S. Tomé³⁵. Por isso toda a ânsia de qualquer hipnotizador está por fazer que seu paciente feche os olhos logo, e os não possa mais abrir, para que todo seja ouvidos, e nada, vistas.

Prezam-se, nos tribunais, as provas concretas mais do que os depoimentos de pessoas; e por quê? Porque as provas são coisas vistas; os depoimentos das testemunhas, coisas ouvidas. Nas coisas vistas está a ciência e a razão; nas ouvidas, a fé e a confiança em quem dá o testemunho. E como, apesar das juras, os testemunhos de fé podem ser falsos, e os das provas, não, por isso são mais reputadas as provas vistas que os depoimentos ouvidos. Conquanto se retrate a Justiça cega, os juízes gostam mais de usar os olhos que os ouvidos, sendo mais homens de razão e ciência, que de fé e sugestão.

³² Osmard Andrade Faria, “Hipnose Médica e Odontológica”, pág. 171.

³³ Medeiros e Albuquerque, “Hipnotismo”, pág. 81 a 84 – 6.^a Ed.

³⁴ Rom. 10, 17.

³⁵ João 20, 29.

As razões, pois, fundadas nos ouvidos são fé, ao passo que as fundadas na vista das provas são ciência e verdadeira razão. É com fundamento nesta lógica que surgem os Tomés com suas crenças de vista, pelo que dizem, como o anotou Vieira: “a mim nunca me saiu da boca coisa que me entrasse pelos ouvidos: para afirmar, hei de ver com os olhos primeiro;³⁶. Tal é como procedem os que se guiam pelos olhos, e não, pelos ouvidos; aqueles “são duas luzes do corpo, são dois laços da alma”³⁷. Se estas luzes do corpo estão acesas, luminosas, a alma andarà às claras, aceitando somente o que for de razão; contudo se estas luzes se apagam, com se fecharem os olhos, toda a alma estará às escuras, aceitando, de fé, enganos e mentiras que lhe quiser impingir o hipnotizador. Eis porque e como se dão as alucinações que começam no ponto em que se fecha os olhos à realidade circunjacente, para penetrar no reino das quimeras e onirismos. Olhos abertos são cadeias e luzes do corpo; fechados, cadeias e laços da alma, visto que, pelas portas dos ouvidos, a sugestão a pega, a subjuga, a condiciona, a escraviza. Veja lá, quem for a dormir, se o hipnotizador tem estatura moral, pois, mais vale isto do que meros conhecimentos científicos, que dão aptidão, porém, não, moralidade, isto é, torna o homem mais apto, mas, não, melhor. Entre a anestesia química e a hipnótica, conforme o médico, é preferível a química, que dá inconsciência total, à hipnótica, que deixa a porta aberta para todos os condicionamentos. Entre os diplomados há os estritamente médicos, no dizer de Sócrates, que são os curadores de doentes, e há os mercenários da medicina, que são os ganhadores de dinheiro³⁸. A este propósito conta o autor (muito discutido qual seja o certo) da “Arte de Furtar” que um filho recém-formado em medicina, querendo superar o próprio pai na arte de Esculápio, aproveitou-se da ausência desse para curar, de vez, um dos seus doentes crônicos. Tornando o pai da viagem que fizera, e ciente do ocorrido, diz ao filho: “Não viste tu, selvagem, que enquanto se queixava das dores, continuavam as visitas, e se acrescentavam as pagas? Secaste o leite à cabra que ordenhávamos”³⁹.

O hipnotismo é coisa tão maravilhosa como o anel do pastor Giges, que a este fazia invisível ou visível, conforme pusesse o engaste do anel para dentro ou para fora da mão. E que se seguiu disto? Seguiu-se que indo Giges ao palácio, prestar contas do rebanho ao rei, em lá chegando, “seduz a rainha, e, cúmplice dela, assassina o rei e assenhoreia-se do reino”⁴⁰. Veja lá se tal anel pode estar na mão do supremo injusto, que é o que parece justo sem o ser. A virtude maravilhosa estava no anel; contudo o pastor foi quem se aproveitou da maravilha. Assim com o hipnotismo maravilhoso, belo e bom, em si mesmo, sem perigo algum na mão de um Sócrates, mas, perigosíssimo se na mão de Giges, seja este um pastor ou um médico.

O maravilhoso não se explica, e por isso se impõe, pela fé, sugestionando, vencendo, condicionando, arrastando as massas, criando legiões de fanáticos, escrevendo a história, movendo o mundo.

Diz S. Paulo que “a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem”⁴¹. Por isso, para se hipnotizar é preciso que os ouvidos se abram, aguçados e crédulos, no mesmo ponto em que os olhos se fecham pesados, apagados, inibidos; por esta razão não se hipnotizam videntes racionais, argutos da idéia, lince e águias do pensamento, e sim, somente, os sensitivos, os emotivos, os impulsivos, os atletas da vontade e

³⁶ Vieira, “Sermões”, v. 7, pág. 37 – Ed. das Américas.

³⁷ Vieira, “Sermões”, v. 15, pág. 327 - Ed. das Américas.

³⁸ Platão, “A República”, pág.33 – Atena Editora.

³⁹ Antonio de Souza de Macedo, “Arte de Furtar”, pág. 16-17.

⁴⁰ Platão, “A República”, pág. 63 – Atena Editora.

⁴¹ Heb. 11 ,1.

do querer, visto como todos estes não precisam ver para crer, e tanto mais creem, quanto mais se descuram do ver, fechando os olhos. Ouvidos abertos e olhos fechados são fé; olhos abertos e ouvidos fechados são ciência e razão; e porque os olhos se fecham para crer a fé, por isso já dizia Vieira: “que a mesma fé é cega”⁴².

A sugestão é fé, visto que se opõe à persuasão; e sendo que hipnotismo é sugestão, segue-se que hipnotismo é fé. Cristo curava pela fé, usando a sugestão que é hipnotismo; os médicos curam pelo hipnotismo, usando a sugestão que é fé. Lá se cria em Cristo; cá se crê nos médicos; lá, Cristo não curava em sua terra e em sua casa, onde, por conhecido, não tinha autoridade (Mat. 13, 58); cá, os médicos não farão nada, absolutamente, sem que primeiro granjeiem a confiança e a fé dos seus pacientes. De Cristo se disse (Dr. Osmard) que era um milagreiro, porque curava sem remédios, e só com sugestão; e os médicos, usando igual prática, e curando sem remédios, acaso também não o são? Cristo, ressuscitado, hoje, teria, contra si, o Código Penal que diz não se poder curar com gestos e palavras; acaso, não está incurso, também, no mesmo Código, o médico hipnotista que, para curar, igualmente, emprega gestos e palavras? Assim é, por duas razões: a primeira é porque a Justiça é cega, pelo que a representam de olhos vendados, donde vem que todos somos iguais perante a Lei, não distinguindo, ela, o médico do charlatão, quando ambos têm igual prática; a segunda é por que o Código Penal não abre exceção para o médico, permitindo-lhe a ele curar à moda dos milagreiros, sem nenhum remédio e muita prosa.

Embora os olhos sejam os instrumentos da razão, e os ouvidos, da fé, podem aqueles receber sugestões, e são as mais fortes que há, e se chamam *imitação*. Não confundamos olhos com vista, com visão. Conquanto, atrás, tivéssemos tomado olhos por visão ou razão, isto só pode ser em sentido figurado. Os olhos são os órgãos da vista; a vista é a capacidade de usar os olhos. Nem todos sabem usar os olhos, porque ver e não entender, conquanto seja ver, não é enxergar. É preciso visão, e não somente olhos. Qualquer animal vê, e alguns mais do que o homem, seja ao longe, como a águia, seja nas trevas, como a coruja. Todos veem o mundo, mas não têm visão dele, porque o não entendem. Não há racionalidade e inteligência, conquanto haja olhos abertos. Isto vale também para os homens crédulos que confiam nos próprios olhos, quando deveriam confiar na visão, que é a arte de enxergar.

E disto tira partido quem opera, hipnotizando, em meio coletivo; atua, primeiro, nos mais sugestionáveis e sensíveis, para depois fazer render-se os Tomés mais resistentes, os quais já receberam uma forte sugestão pelos olhos. É assim que estes já não veem o que veem, porque estão vendo o que não veem. O que veem, porque semi-induzidos, é um homem poderoso e misterioso que é capaz de fazer dormir a qualquer um; quando a fé, deste modo, se reforça pela vista, toma foros de ciência, tornando-se convicção e certeza absoluta, tão inexorável, como o é um desenvolvimento lógico ou matemático. Isto é o que se vê, conquanto não seja coisa de vista. O que não veem é que são tudo ilusões e misticismo, pois, ali, bem à vista, não há mais do que um homem igual aos outros, sem poderes nenhuns, sobrenaturais, e que nada poderia, se não lhe dessem crédito. Sem a fé dos presentes nada faria, ainda que se chamasse Cristo, pois é este o que, depois de bem experimentado, confessou não haver profeta com prestígio, na sua terra e na sua casa (Mat. 13, 57), onde é conhecido por simples homem, sem mística e sem mistério algum. “Ninguém é grande homem para o seu criado de quarto”, já o disse o grande baixo russo Feodor Chaliapin. Por isso o que veem é o poder e a força que não é objeto de vista; o que não veem é o homem que está à mostra. Veem o que não veem, que é o poder e a força invisíveis; não veem o

⁴² Vieira, “Sermões”, v. 15, pág. 332 e v. 19, pág. 438 – Ed. das Américas.

que veem, que é o homem sem nenhum poder além do que lhe atribui a fantasia dos presentes. E quem vê o que não se pode ver, e não enxerga o visível, acaso já não perdeu o dom da vista, conquanto tenha os olhos abertos? Antes, pois, de os fechar já não vê por eles, porque o pensamento está divertido e apartado da realidade à vista, e posto na ilusão e quimera invisíveis da força e do poder fabulosos e fantásticos, que tudo, de fato, são fábulas e fantasias. E como quando temos os olhos numa parte, e o pensamento noutra, estamos no que pensamos, por isso, ainda que estejamos com os olhos abertos não temos vista.

Tal é a força da imaginação mais a da sugestão, ambas reunidas para criar um mito: os olhos abertos estão num mortal, comedor de feijão, como todos; o pensamento atenta para a misteriosa força e poder oculto que não se vê, mas se crê existir. Assim é o homem sugestível, assim, o místico, seja ele o habitador de arranha-céus ou o de cavernas pré-históricas.

No Evangelho de Cristo temos o choque de duas forças opostas: racionalidade e misticismo. De um lado, diziam os doutores e fariseus a Cristo que fizesse um sinal, para que cressem nele. Mas, o sinal dependia da crença e da fé, e por isso Cristo saía sempre pela tangente, não fazendo sinal nenhum. É que a proposição estava invertida, pois, havia-se de crer em Cristo, primeiro, para que pudesse ele fazer o sinal. Não podia haver conciliação destes opostos, e Cristo, de uma parte, dizia ao povo: se me tiverdes fé farei a maravilha que pedis; de outra, diziam os doutores a Cristo: se fizeres a maravilha que te pedimos, creemos em ti. A fé antecede ao feito, e não, o feito à fé; por isso é absurdo pedir se mostre o poder, para depois se crer.

O mistério gera misticismo e fé, e é por isso que as obras mediúnicas, embora fantásticas umas, e nulas outras, todas têm extraordinário valor e saída nas livrarias, ao passo que, as dos encarnados, ainda que geniais, nada valem. É tempo já de se começar a fazer Espiritismo também de vivos, pondo, de parte, esse que é só de mortos. André Luiz e Emmanuel, agora prestigiosos, seriam ninguéns, se reencarnados; não seriam mais lidos se aparecessem nas vestes carnavais com os nomes, suponhamos, de Polemarco Camacho e Gláuco Barberino.

Talvez uma mística para o Espiritismo de vivos, a ser explorada, fosse a de o sujeito apresentar-se como sendo a reencarnação de Fulano, de Beltrano, de Sicrano. Polemarco Camacho havia de dizer que é André Luiz reencarnado, ao passo que Gláuco Barberino se daria como Emmanuel. Pietro Ubaldi seria São Tomás de Aquino, depois de ter sido Pedro, o Apóstolo. Nós teríamos sido, no passado, aquele cujo estilo se assemelha ao nosso, pois, “o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve. O corpo retrata-se com o pincel, a alma com a pena”⁴³. Além desta identidade do estilo literário, da noure psíquica, da tonalidade vibratória, há que se considerar, o que é mais, o estilo de vida, a identidade de caracteres psicológicos, mentais e morais; e nisto somos sócia de um sujeito do passado, com o qual nos afinamos não só em todas as qualidades, senão, também, em todos os defeitos.

Sem mística e sem mistério, ninguém se torna mártir ou herói, seja ele o do cristianismo, seja o da liberdade. Qualquer filosofia, quando se resolve na política, precisa duma mística para arrastar as massas à ação. A clareza da lógica, o pensamento solar, convence, mas não dá força; o obscuro mistério da fé dá força e arrasta, conquanto não convença ninguém. Esta é a causa por que Sócrates, o apóstolo do pensamento claro, se viu forçado a falar da necessidade do mito e da mentira. Não basta toda a educação proposta por ele na República de Platão. É

⁴³ Vieira, “Sermões”, v. 1, pág. 287 - Ed. das Américas.

preciso, diz ele, convencer ao guerreiro, que toda a educação recebida não passa de sonho, e a realidade é que os defensores da república “foram formados e criados no seio da terra, eles e suas armas e tudo que lhes pertence; de que, depois de os haver formado, a terra, sua mãe, os deu à luz; e de que agora devem considerar como mãe e nutriz a região que habitam, para defendê-la contra quem quer que ouse atacá-la; e bem assim tratar aos outros cidadãos como irmãos, nascidos, como eles, da mesma terra”⁴⁴. Eis aqui o mito da terra, proposto por aquele que não só é o pai da filosofia, senão, também, o filósofo sem segundo. E isto mesmo fizeram os da Fenícia e os de outras partes, como refere o mesmo Sócrates.

De onde procede a miséria dos escravos e a de todos os que são vis e torpes em suas vidas? Provém de que uns e outros não têm mística, que é um ideal superior, um objetivo que os anime a ser valorosos; por isso vivem o momento que passa, tirando dele todo o partido que lhes toca, com base no egoísmo individual. Esta é a causa porque só trabalham estimulados pelo chicote ou pela paga, pois seria impossível que o fizessem por amor a seus donos e patrões.

Donde hauriam força os germanos e os viquingues para serem indômitos, feros e bravos? Haviam de morrer com a espada na mão, sem o que não entrariam no Valhala. Odin era o Deus da guerra, que não admitia os fracos ou covardes nos seus domínios celestiais.

As civilizações todas, sem exceção, exprimem os mitos sobre que se criaram. Jeová é o Deus terrível, cruento, formidando, que capitaneava, como em pessoa, os seus exércitos de bravos; Brama é o Deus luminoso da virtude clara como a luz do dia; Amon-Rá é imperial e Hélios, etéreo. O mito do povo eleito, entre os hebreus, fazia-os sobrepostos a todos os demais povos, aos quais chamavam gentios, do mesmo modo como gregos e romanos se faziam superiores aos que chamavam bárbaros. E para não nos apartarmos muito no tempo, olhemos para a Alemanha de Hitler, exaltada ao paroxismo e conduzida à guerra pelo mito da super-raça ariana.

Na batalha dos Deuses não venceu Hélios etéreo, porque feito só de pensamento abstrato e razão pura, e as massas não têm lógica, nem são racionais; não venceu Amon-Rá imperial, porque aristocrata, e as massas, conquanto aspirem as aristocracias de todos os tipos, enquanto não o são, têm-lhes inveja e rancor; venceu Jeová provincial, porque ciumento, barbaresco, parcial, emotivo-sensitivo, capaz de furores e de arrependimentos, tal como as massas ignaras; venceu por ser um Deus vivo que podia ser sentido como próximo, e com o qual se podia ter um contato afetivo, emocional.

Julgam os intelectualistas puros que poderão movimentar e conduzir as massas, com lógicas irrefragáveis e pensamentos claros como um dia de sol? Pois estão enganados, porque as massas são místicas, e só se movem ao som da lira de Orfeu. É assim que “o tocador de flauta que deixa de saber tocar, não pode continuar a fazer dançar a multidão; e se, raivoso e em pânico, tentar então converter-se num sargento instrutor ou num condutor de escravos, e coagir pela força física uma turba que não pode continuar a dirigir com o recurso do seu encantamento magnético, o que quase com certeza e com maior rapidez ocorrerá, será para fazer fracassar a sua própria intenção; porque os seus ouvintes que tinham ficado apenas cansados e que tinham saído fora do compasso quando a música celestial se extinguiu, sentir-se-ão azorragados por uma chicotada que os impelirá para a rebelião ativa”⁴⁵.

É a falta de mística, de ideal, de objetivo superior, que provoca o colapso das civilizações. A França cai, hoje, por falta de mística; não há mais objetivos a atingir senão o

⁴⁴ Platão, “A República”, pág. 141 – Atena Editora.

⁴⁵ Arnold J. Toynbee, “Um Estudo de História”, vol. II, pág. 466.

gozo da vida, no que ela tem de mais baixo. Assim caiu a Grécia, depois da guerra do Peloponeso; assim caiu Roma, depois do seu fastígio; assim morreu o Egito que quis construir pirâmides (túmulos!) com um povo escravo, ao invés de o educar. Não adianta abrir a imigração francesa a povos jovens e fecundos; ninguém quererá filhos senão para que possam ir mais longe do que foram seus pais. Nossos filhos são os prolongamentos de nós mesmos, e se são para servirem de bucha de canhão, ou para serem escravos, decididamente, não os queremos ter.

Deste modo “a enfermidade que inibe os filhos da decadência, não é a paralisia das suas faculdades naturais, mas um colapso da sua herança social, que os priva da possibilidade de encontrar um objetivo para suas faculdades excepcionais, numa ação social, ativa e criadora”⁴⁶. E quando há mística, tudo são forças porque as mesmas fraquezas em tais se trocam, saindo-se do negativo para sua contraparte positiva. Eis porque venceu o cristianismo: “Homens e mulheres procuravam entusiasticamente o martírio como um sacramento, um “segundo batismo”, um meio de perdão para os pecados e um caminho seguro para o Céu. Inácio de Antióquia, um dos notáveis mártires cristãos do Séc. II, designou-se a si próprio como “trigo de Deus” e anelava pelo dia em que pudesse ser triturado pelos dentes das feras e por elas transformado em puro pão de Cristo”⁴⁷.

Tudo isto é crença, tudo fé, tudo suscetibilidade, tudo sugestão, tudo, hipnotismo, ou explicável pelo hipnotismo. E, pois, se tudo é hipnotismo, que é hipnotismo? É reflexos condicionados somente? Sim, diz a ciência materialista. Então por que todos não dormem, visto que todos podemos ser condicionados pelos sinais de Pavlov? Por que cada um não faz dormir a todos, usando do signo-sinal, que é a palavra? Por que prevalece o princípio da autoridade, do prestígio, pelo que não recebemos sugestões, nem nos deixamos condicionar por quem julgamos inferiores?

Hipnotismo é sugestão? E que é isto? É reflexos condicionados? Mas os reflexos condicionados são mecanismos nervosos prontos para responder ao estímulo desencadeante; ao passo que a sugestão é o ato de preparar estes mecanismos que se chamam condicionamentos; aquilo que é sugestão, agora, no momento, será reflexo condicionado no futuro. A sugestão é reflexos formandos e não formados; é reflexos condicionandos e não condicionados.

Os reflexos condicionados, mesmo em hipnose, todos entendemos o que sejam; não, todavia, os condicionandos, porque a sua gênese envolve confiança e fé na autoridade de quem fala, e tanto que o sujeito pode dormir, isto é auto-hipnotizar-se, sem estar em “raport” com o que usa a palavra. Um exemplo? Nas sessões práticas de Espiritismo os médiuns entram em transe, conquanto nem sempre aceitem o comando do doutrinador, nem deste recebam sugestões, pelo que tomam, por sua parte, fazer estrepolias.

Que é, pois, sugestão, ou seja, reflexos condicionandos? Para formar quaisquer condicionamentos num cão, são precisas muitas repetições de sinais, em lugares isentos de ruídos perturbadores. Num homem, basta a palavra, quando esse crê na palavra, por acreditar em quem a usa. É assim que distinguimos uma palavra da mesma palavra só pela distinção das pessoas que a pronunciam. A diferença não está, portanto, na palavra, em si, que é o sinal condicionador, mas, na autoridade e prestígio de quem a profere. A explicação simplista de Pavlov não contém este fator decisivo, que é o prestígio ou autoridade que emana da personalidade do hipnotizador. Quem não tiver personalidade, firmeza de caráter a se irradiar dos olhos e dos gestos; quem for tímido, acovardado, fraco, hesitante; quem não tiver um ar de

⁴⁶ Arnold J. Toynbee, “Um Estudo de História”, v. II, pág. 473.

⁴⁷ Arnold J. Toynbee, “Um Estudo de História”, v. IV, pág. 827-828.

autoconfiança, de coragem, de valor, poderá saber hipnotizar, mas, não fará sucesso. Na boca de Cristo o levanta-te e anda teve a força e o efeito de um raio para o paralítico de Siloé; se, pois, a palavra era esta para a cura, e o paralítico queria sarar; por que, logo, qualquer um não a pronunciou, sarando o entrevado? É que sugestão, como estamos vendo, não é reflexos condicionados, senão reflexos condicionandos, e nesta diferença de tempos participiais está o busílis que a ciência não vai poder destrinchar, porque exorbita da sua jurisdição. Hipnotismo é este participío presente que a ciência materialista teima que é passado, como se pudesse haver o passado, sem o presente que se torna aquele.

Uma coisa é o acontecimento realizado; outra, o fazer-se dele. Uma coisa é o passado estratificado na forma; outra, o presente da sua formação. Uma coisa é a anatomia; outra, a fisiologia geradora das peças anatômicas que são funcionais, antes de funcionarem. Uma coisa são os reflexos condicionados; outra, os condicionandos. A evolução está aí à mostra, e patente em cinco provas irrefragáveis que são: as paleontológicas, as anatômicas, as embriológicas, as dos órgãos residuais e as sorológicas; todavia nem Lamarck com a sua teoria da transmissão dos caracteres adquiridos, nem Darwin com a sua, da seleção das espécies, nem Hugo de Vries com o seu mutacionismo explicam, a contento, como as coisas se deram. Por quê? Porque uma é a coisa feita, e outra, o fazer-se dela.

O que são, pois, reflexos condicionandos, ou sugestão? São uma construção fundada na fé e na confiança na autoridade de quem sugere. As maravilhas do hipnotismo moderno se alicerçam nos enunciados velhos de quem disse: “Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até, se a este monte disserdes: Ergue-te e precipita-te no mar, assim será feito” (Mateus 21, 21).

* * *

Como é possível, dir-se-á, que estando o hipnotismo equacionado em base rigorosamente científica, se resolva, como vimos, em religião e fé? Estejamos nisto:

Augusto Comte, com sua lei dos três estados (teológico → metafísico → positivo), apenas descobriu a metade da verdade que se completa em “A Grande Síntese” de Pietro Ubaldi. Ora, em “A Grande Síntese”, Ubaldi erigiu um sistema metafísico, com base na ciência, estendendo esta metafísica até ao conceito de divindade, que é o monismo. Assim a metafísica ou filosofia ubaldiana radica-se na ciência positiva; e como esta metafísica chega ao monismo, temos que a trilogia comteana dos estados *teológicos* → *metafísico* → *positivo* inverte-se, depois, em *positivo* → *metafísico* → *teológico*. Isto nada mais é do que a manifestação, em plano diverso, do princípio enunciado com o nome de “a grande equação da substância”. Do modo como na “A Grande Síntese” alfa → (vai para) beta → gama; e depois: gama → beta → alfa, também, o estado teológico → metafísico → positivo; e depois: positivo → metafísico → teológico. Tudo isto, porém, em ciclo aberto, espiralado, como mostra “A Grande Síntese”, e não em ciclo fechado sobre si mesmo.

O primeiro estado teológico da nossa progressão é o pensamento fetichista astrológico e escatológico dos povos primitivos. Nesta fase do politeísmo extremado, pelo que tudo é deus (panteísmo), começa a supremacia de um Deus sobre os demais deuses, restringindo-se o conceito, do politeísmo, ao monoteísmo, porém, ainda antropomórfico. Nesta batalha dos deuses, venceu Jeová, ao menos no que diz respeito ao Ocidente. Com isto, entramos na fase metafísica, que é a da razão como todo-poderosa. Esta metafísica é a filosofia antiga,

donde todas as ciências se irradiaram, por evolução, vindo todas para o estado positivo, como o notara Augusto Comte.

O estado positivo é o da onipotência dos fatos e das verdades experimentais. As ciências, aqui, se ramificam e se fibrilam nas especializações mais capilares, encaminhando-se, cada vez mais, para a matéria, até ultrapassá-la, encontrando, para além dela, sua íntima composição – a energia.

No ponto em que nos achamos, hoje, a ciência se tornou caótica e “sem amanhã”, no dizer de Pietro Ubaldi; a relatividade, por toda parte, mostra a sua medida, a sua limitação, o seu fim. Toda alma anseia, hoje, por uma visão de conjunto, sintética, filosófica, finalista. Esse anseio começou a forçar a que se fizesse a síntese do conhecimento, onde as ciências aparecessem coordenadas, como num organismo; tal é o que se chama filosofia moderna, cuja expressão máxima é “A Grande Síntese”.

Filosofia, em sentido moderno, é coordenação e síntese das ciências⁴⁸. Deste modo as ciências convergem outra vez para a filosofia, os capilares se reúnem nos fios, estes, nos cabos, no tronco, no todo unitário. O pensamento humano, tendo superado o estado positivo, torna ao metafísico (domínio, outra vez, da razão). Todavia esta metafísica não é o mesmo escolasticismo medieval: é a filosofia moderna.

Esta filosofia ou metafísica, que é a síntese das ciências, porém, não, sincretismo científico, tende a tornar-se cada vez mais geral e unitária, até chegar à nova teologia que é o monismo. Eis como andou certo Francis Bacon quando escreveu: “um pouco de filosofia inclina o espírito ao ateísmo, porém maior profundez o reconduz à religião; porque quem olha destacadamente as causas segundas, pode algumas vezes não passar delas, deixando de ir além; mas quem lhes contemplar o encadeamento, remonta até à Providência e à Divindade”⁴⁹.

Tenhamos presente, para reforço desta tese nossa, que Francis Bacon foi considerado o Pai da Ciência, isto é, Pai do Método Indutivo, que é o sintético, ou seja, aquele que vai do particular para o geral. Se, pois, a pouca ciência afasta o homem de Deus, com fazê-lo perder-se no relativo, nos meandros da análise, onde as especializações se pulverizam (fim do estado positivo comteano), a muita ciência tende à síntese do conhecimento, numa filosofia ou metafísica, onde domina a razão, como na medieval. Finalmente aquela filosofia de fundo científico se restringe numa generalização e profundeza maiores, chegando ao novo conceito de divindade, isto é, à teologia.

Os três estados comteanos, pois, são apenas a metade do ciclo que se desenvolve, cujo prosseguimento é a volta gradativa a um ponto correspondente ao de partida. Não é, deste modo, um ciclo fechado ou vicioso, porém, aberto, espiralado.

Saindo-se o homem do estado teológico, a ele retorna; mas as duas teologias são diversíssimas: a primeira é politeísta, depois, monoteísta antropomórfica; a última é monoteísta perfeita, ou seja, monística. Igualmente há duas metafísicas, ou dois sistemas de filosofias: a antiga vem do primitivo estado teológico, rumo ao estado positivo; a moderna resulta da volta ao estado teológico monístico, tendo partido do estado positivo. É assim que Pietro Ubaldi completa Augusto Comte, pois, tendo este vindo até o materialismo agnóstico, aqui foi sucedido e continuado por Pietro Ubaldi, que completou o ciclo na sua obra – “A Grande Síntese”.

A primeira metafísica e o escolasticismo medieval são antropocêntricos, visto que é o domínio duma razão e duma dialética que se fundamentam em si mesmas. É a extensão e

⁴⁸ Will Durant, História da Filosofia – Introdução

⁴⁹ Will Durant, História da Filosofia pág. 132

aplicação do “*ánthropos métron pánton*” (o homem é a medida de todas as coisas) grego, que mandava o homem (*ánthropos*) conhecer-se a si mesmo primeiro, para, depois, conhecer o mundo circundante (*kosmos*) e o mundo superior (*theós*). Comparou Bacon esta metafísica à teia de aranha quando disse: “se o espírito do homem atuar sobre dada matéria, atuará de acordo com a substância dela, e por ela se limitará; mas se atuar sobre si próprio, como a aranha a tecer sua teia, será uma coisa sem fim, acarretando com isso teias de aranha de conhecimento, admiráveis pela delicadeza do fio e do trabalho, mas sem valor ou utilidade”⁵⁰.

A metafísica ou filosofia moderna é o domínio da razão, como na medieval, mas, com fundamento científico; possui outra estrutura visto como se fundamenta nas ciências, e não, no homem. Assim como as ciências todas tiveram seu berço na filosofia antiga, todas, agora, concorrem a formar a filosofia ou metafísica moderna. E a filosofia mais geral e mais profunda acaba por se reunir num único termo – Deus – tornando-se, portanto, em teologia.

Isto posto, concluímos que tudo era religião antes, e tudo será religião no fim; no começo, fetichismo, e no fim, monismo. O homem só é irreligioso, arreligioso ou antirreligioso, quando passa pelo fundo do estado positivo, que é materialista, agnóstico, caótico, niflico.

* * *

No alvorecer da razão, como vimos, o homem era místico, e a religião se fundava, ou na astrologia, ou na escatologia, ou em ambas ao mesmo tempo. E como tudo veio deste misticismo primitivo, aqui é onde vamos achar a proto-história do hipnotismo.

Pela fórmula psicológica vista no prólogo, a religião resultou do mito mais alucinação, e o mito, da imaginação mais sugestão. A sugestão é um componente, uma constante de integração do processo religioso, e tanto que, substituindo mito pelo seu equivalente, temos: imaginação + sugestão + alucinação = religião. A sugestão é uma constante mística que aparece em todo o processo religioso. Sugestão e religião são coisas inseparáveis, donde vem que os primeiros hipnotistas foram sacerdotes.

Hoje, os que falam em termos de ciência, como Karl Weissmann, recomendam não dizer ao paciente que tenha fé, mas confiança; não dizer que é sugestionável, mas, sensível⁵¹. Eis como se mudam as palavras, sem lhes mudar os sentidos; ter confiança é igual a acreditar e ter fé; e ser sensível, suscetível, é o mesmo que sugestionável, crédulo. A ciência, tendo trazido a fé para seus laboratórios de psicologia, há demonstrado que andara certo Cristo em curar pela fé, sem recursos químicos. Se era ele um milagreiro, não o são menos os médicos que lhe seguem as pegadas, sugestionando, para curar.

* * *

Fundamentado na base astrológica, Franz Anton Mesmer acreditava que os planetas emitem força magnética, e que certas pessoas poderiam captar, acumular e canalizar tal força. A imposição de mãos de quem estivesse saturado desse magnetismo cósmico, produziria a cura das enfermidades. A teoria de Anton Mesmer, como se vê, era a continuação dos mitos astrológicos que, juntamente com os escatológicos, estão na raiz de todas as crenças e religiões.

⁵⁰ Will Durant, “História da Filosofia”, pág. 122.

⁵¹ Karl Weissmann, “O Hipnotismo”, pág. 75-76.

Uma técnica de passes semelhante à de Mesmer, diferente, porém, no princípio e nos fins, é a chamada *mediunidade curadora*, pela qual os médiuns passistas fornecem fluidos, ditos vitais, resumam ou exsudam de si um como hectoplasma, que recompõe, ao doente, a parte lesada. Diferente de Mesmer, este fluido o próprio médium o produz dos alimentos que ingere. Não tem a finalidade de produzir sono hipnótico, nem produz convulsões como fazia Mesmer. Dá-se a estes fluidos mediúnicos, também, o nome de *magnetismo*, como era aquele de Mesmer; todavia porque não se hipnotiza com passes, atualmente, e tanto que os médiuns curadores não são hipnotistas, por isso, não tocaremos neste ponto, senão de passagem. Em vez de magnetismo, que fica reservado a Mesmer e continuadores, constituindo a proto-história do hipnotismo, diremos, com maior propriedade *fluidismo*, quando tivermos de tratar dos médiuns passistas, ou dos de efeitos físicos. Tornemos ao assunto:

Eivado, pois, das idéias relativas às influências planetárias, Mesmer fazia que seu pré-hipnotismo se explicasse em função de cosmologias.

Já o padre Gassner se valia do fundamento escatológico para explicar o seu hipnotismo. Para ele, as pessoas caíam em transe, por efeito do maligno que ele sabia exorcizar e expulsar, com seu crucifixo cravejado de brilhantes, e com seu latim falado em voz cava.

O padre Custódio de Faria foi quem, primeiro, afirmou que era a sugestão, e não outra coisa, que produzia o chamado “sono lúcido”. Sobre este fundamento, o da sugestão, levantou-se uma escola na cidade de Nancy, e esta é a teoria que aceitamos, para a explicação dos fenômenos hipnológicos. Usaremos as teorias doutras escolas, exceto da Salpêtrière, que tem Charcot à frente, e as nossas razões são as mesmas apresentadas por Medeiros e Albuquerque, em seu livro “Hipnotismo”, e Osmard Andrade Faria em sua obra “Hipnose e Letargia”. Valeremos dos esforços e luzes da escola russa, que se baseiam nos trabalhos de Pavlov.

Não vamos escrever uma obra sobre hipnotismo, compilando as muitas, e boas, já existentes nas livrarias. Este estudo que fazemos pressupõe o conhecimento do hipnotismo, e por isso considera as obras recomendadas a seguir como conexas a ele. Tais são: “Hipnose Médica e Odontológica” e “Hipnose e Letargia” do Dr. Osmard Andrade Faria; “Hipnotismo”, de Medeiros e Albuquerque; e “O Hipnotismo” de Karl Weissmann.

Ao compulsar tais livros, conheceremos os ataques dirigidos às coisas das religiões, e, sobretudo, ao Espiritismo. É assim que diz o Dr. Osmard que “não foi difícil a Cristo hipnotizar as massas levando-as ao auge da alucinação”⁵². A multiplicação dos pães seria uma alucinação coletiva; a pesca maravilhosa, idem. A ressurreição de Lázaro, para não se falar das outras, foi um condicionamento de efeito pós-hipnótico; Lázaro entraria em catalepsia por três dias. As aparições de Cristo são alucinações visuais, chegando a ser tátil, no caso de Tomé. E conclui o doutor que prega que morreu, acabou: “Trocando-se uma coroa de espinhos por outra de louros, fêz-se um herói de um milagreiro. E quando a turba alucinada “viu” em fenômeno de delírio e auto-hipnose coletiva seu mártir materializar-se, o herói santificava-se *“per omnia seculo seculorum”*”⁵³.

Todavia todo este desrespeito às coisas sacras não nos deve causar perda; isto são reações naturais de quem se acha perdido no agnosticismo do estado positivo. E tem utilidade este negativismo, porque, com isto, nos dará ciência pura, sem fé. Estes que se insurgem, assim, contra a fé, precisam dela, contudo, para hipnotizar. Se o paciente for um intelectualista, perquiridor, treinado na autoanálise, que quer saber o porquê de tudo, esse não dormirá. Mas o

⁵² Dr. Osmard Andrade, “Hipnose e Letargia”, pág. 5.

⁵³ Dr. Osmard Andrade, “Hipnose e Letargia”, pág. 5

“crédulo”, o “ingênuo”, o “tolo”, aquele que acredita, e até já andou caindo em contos de vigário, esse irá na “conversa” do médico, e, dormindo, sarará das suas neuroses. A estes crédulos o médico chama de “estúpidos” porque têm fé e crêem. São os tais “pobres de espírito” que Cristo disse serem bem-aventurados⁵⁴; todavia sem estes “estúpidos” suscetíveis, o médico não teria pacientes com que operar.

Mas não nos aborreça isto: valha-nos, quanto a esta parte, o sábio conselho de Frederico da Prússia, quando falava a La Mettrie, a respeito de Voltaire: “Espreme-se a laranja e joga-se fora o bagaço”⁵⁵. A verdade é a verdade. O que os autores retrocitados souberem mais do que nós, espíritos, aprendamos deles, sem demora; quanto ao bagaço, que é o que eles cuidam saber, mas não sabem, só lhe conhecemos um destino: a lata de lixo.

Todos os hipnologistas são concordes em que hipnotismo é sugestão, ou seja, a absoluta aceitação de uma idéia independente de exame algum; é uma aceitação de fé, pela confiança em quem transmite a idéia; é a pura confiança na autoridade de quem sugere. Sem esta confiança, e à vezes temor, que faz aureolar o hipnotista de certo “quê” de misterioso e de místico, não se dorme. Daí o prestígio do operador ser coisa decisiva, e o sono hipnótico, uma prova de confiança, um crédito moral. Ora, hipnotismo é isto? É olhos fechados e ouvidos abertos? Sim, é; logo, hipnotismo é religião, porque tudo isto é fé, e se opõe à persuasão, à razão, à ciência.

Mas esta identidade do hipnotismo com a religião põe irritados os homens de ciência. O fenômeno bem poderia ser só objetivo, matematicamente demonstrável, como o são os físicos e químicos. Bastaria olhar para uma bolinha, ou escutar um ruído monótono, e pronto; já se estaria em sono profundo, aceitando-se toda e qualquer sugestão do hipnotizador. Por que tudo se há de basear na aceitação por parte do paciente? Por que a ordem sugestiva há de transformar-se, subjetivamente, numa autosugestão, para, depois, ser aceita e executada? É por que esta aceitação só existe quando o paciente reconhece a superioridade do operador em relação a si? Por que há de confiar primeiro? Por que há de ter fé? Isto, na verdade, irrita os homens de ciência, pois, forçoso lhes é reconhecer que no hipnotismo há algo de “bastante misterioso”, como o afirmava Binet, ou “muito obscuro”, segundo pensava o Prof. Grasset⁵⁶.

Do meio deste emaranhado brada o Dr. Osmard Andrade: “nada se presta tanto à exploração que aquilo que oferece chance para uma dupla interpretação, uma concreta e natural – aceita somente por uma reduzida minoria, outra traduzível em termos fluídicos e metafísicos, tão do gosto dos profetas e fazedores de lendas”⁵⁷. Considerando cegos e estúpidos a quantos se deixam suggestionar, a quantos creem, a quantos confiam, a quantos se deixam guiar como cordeiros em rebanho, acrescenta: “Houve, porém, os que, no meio de tantos cegos, conseguiram salvar um olho! E percebendo que nada melhor existe para conduzir manadas que ajuntar-lhes antolhos, fizeram-se ministros e pastores”⁵⁸. Eis aqui como surgiram os ministros e os pastores, para conduzir os tolos com engodos e sugestões, exatamente como pretendem fazer os médicos.

Mas a coisa é que os fenômenos são duplos mesmo, e se baralham, de fato. Quando Puységur, fugindo ao método convulsionário de Mesmer, conseguiu, no camponês Victor, um sono lúcido, a que deu o nome de “sonambulismo artificial”, diz a história do hipnotismo que

⁵⁴ Mat. 5,3

⁵⁵ Will Durant, “História da Filosofia”, pág. 223.

⁵⁶ Medeiros e Albuquerque, “Hipntismo”, pág. 200.

⁵⁷ Dr. Osmard Andrade, Hipnose e Letargia, prólogo

⁵⁸ Dr. Osmard Andrade, Hipnose e Letargia, pág. 2 e 3

Victor “chegou mesmo a indicar um tratamento para sua própria enfermidade, tratamento esse que obteve pleno êxito, valendo-lhe o completo restabelecimento. Nesse estado de sono, Victor parecia reproduzir pensamentos alheios, muito superiores à sua cultura rudimentar”⁵⁹. Que fenômenos teriam ocorrido com Victor? Não podia ele, dormindo, saber mais do que sabia, acordado, e isto porque, segundo a tese materialista, nada existe na consciência que não tenha entrado pelos sentidos: se, pois, soube mais dormindo que acordado, é porque lhe transmitiam esse saber, de fora. Telepatia? De Puységur não poderia provir a idéia, e a ciência do remédio que curaria o campônio, porque, se aquele o soubesse, não iria aplicar, para a cura, o hipnotismo. Então de onde veio a ciência a Victor? De si mesmo? Onde e quando haurira essa ciência e cultura superiores? Na existência pregressa?... É que, aqui, o hipnotismo se baralhou com o Espiritismo, e Victor falou impulsionado por alguma entidade amiga que o queria curado, e por isso o curou, de fato. As tais duplas, e triplas, e múltiplas personalidades são puras comunicações espíritas; mas os psicólogos querem complicar o negócio, fazendo que fique difícil, o fácil e simples que é. Para silenciarem, eles, a uma das tais “personalidades”, usam conselhos, persuasões, e, finalmente, o pedido para que se afastem; acaso não é nisto, exatamente, que consiste a doutrinação espírita dos desencarnados perturbadores?

⁵⁹ Karl Weissmann, “O Hipnotismo”, pág. 18



Artigos publicados por Luiz Caramaschi na “Revista Internacional do Espiritismo”
e no jornal “O Comércio de Piraju”, no ano de 1958:

∴

Por que divulgar o hipnotismo?

Uma das razões que nos levaram a estudar hipnologia, deixadas outras, foi a de desejarmos aplicar em nós próprios a hipnopédia: *hypnos* = sono e *pedia* = educação, ensino. Como, para isto, teremos de nos auto-hipnotizar, o que não é fácil, enquanto continuamos com os nossos exercícios diários, resolvemos aplicar o método, primeiro em nossos filhos. Uma única aplicação deu resultados surpreendentes, não só porque lhes alertamos a memória retentiva, como ainda porque lhes tiramos os medos, seja dos professores, seja da escuridão. A notícia espalhou-se em nosso círculo de amizades, e fomos procurados para a solução de outros casos. O que mais nos moveu à piedade, todavia, foi o pedido humilde que nos fez um aluno humilhado, esmagado, derrotado por um certo professor do Ginásio de uma cidade vizinha. Esse aluno nos pediu lhe tirássemos o medo mórbido que a presença do tal professor lhe infunde. Quando esse aluno é chamado, em classe, para uma arguição oral, a terra lhe foge sob os pés, sua memória se tolda, um frio intenso lhe percorre as entranhas. Nem ouve o que se lhe dizem.

E o tal professor, que faz? Berra, vocifera, ameaça, dá zero, e diz ao aluno que ele é burro! Que já está no “pau” mesmo! Que melhor lhe é desistir de estudar e de comer o suor e o sangue do seu pai!

Nós demos sugestões ao menino para que não odiasse o professor, que o relevasse, pois se trata de um homem emocionalmente descontrolado, de um nervoso, de um fraco. E acrescentamos:

“Você é muito corajoso... não tem medo de professor nenhum... É obediente e dócil, porque o quer ser... porque sabe que isto é justo e necessário, mas não por medo... Medo você não tem a ninguém e a nada... Você é muito inteligente, aprende tudo o que deseja, com facilidade... Possui ótima memória que registra tudo e para sempre... Você é muito calmo, tranquilo, estudioso e seguro de si mesmo... tem muita força de vontade e o livro é o seu melhor amigo... Você não tem medo nenhum do professor X... Você é corajoso... muito corajoso...”

“Você não será sugestionado, nem hipnotizado, contra a sua vontade... Saberá reagir contra qualquer sugestão, se isto for o seu desejo... não deve receber sugestões de qualquer ignorantão ou de qualquer criança irresponsável... Só a sabedoria, a experiência e a idoneidade moral são respeitáveis... Você é dono de si mesmo, porque a personalidade humana é inviolável, é sagrada... ninguém o dominará, ninguém... Você dorme, porque quer dormir, e não porque esteja subjugado por vontade alheia à sua...”

Todavia este nosso trabalho é uma gota de água num rio, porque o tal professor continuará a traumatizar os pobres alunos. Denunciar o professor, ao povo, pela imprensa, seria só exercer uma pressão exterior, que vence, mas, não convence.

Conquanto o acontecido não se refira ao Ginásio desta cidade, aqui resolvemos aplicar nossa experiência hipnopédica, que deu e dará ótimos resultados.

Demos instruções a umas alunas sobre como produzir os estados leves de hipnose, tais como as alucinações motoras de mãos presas, pés pegados ao solo, pernas duras, etc. As meninas foram até além, chegando a produzir sonos leves. Isto se tornou moda no Ginásio do Estado, e o Sr. Diretor já deve andar de mãos na cabeça. A moda espalhou-se, e, até no jardim, a gente observa um bobo entregando-se ao sono hipnótico, em obediência às sugestões de um outro bobo tão ignorante e inconsiderado quanto o primeiro.

Ora, a capacidade de influenciar, de induzir, de suggestionar, de hipnotizar está na razão direta do prestígio, da ascendência intelectual e, sobretudo, moral. Hipnotismo gera prestígio, e o prestígio gera ciúmes, invejas. Por isso, se um aluno, por meio do hipnotismo, projeta sombra sobre algum professor que deseja distinguir-se, que tem “vontade de poder” (Nietzsche), ou “senso de auto-imporância” (Dale Carnegie), não é muito que esse professor se enfureça contra o aluno. Como diz Karl Weissmann, “ninguém jamais se manifestou contra o hipnotismo próprio. Senão unicamente contra o hipnotismo dos outros... É que hipnose é sugestão, e sugestão, prestígio. O prestígio por sua vez, motivo de ciúme. Exige exclusividade” (O Hipnotismo, pág. 3). O sacerdote, em relação aos seus paroquianos, terá mais força para suggestionar, do que qualquer leigo. Os magistrados exercem grande influência sobre todos os que lhes ficam abaixo. E nós divulgamos o quanto pode a sugestão, por meio de fatos que ninguém, agora, poderá contestar, e isto, para que os Srs. Professores tenham mais cuidado ao darem as suas sugestões em classe.

Se uma simples aluna de um estabelecimento de ensino, sem nenhuma autoridade, pode provocar os estados de hipnose em suas colegas mais sensíveis, quanto mais influência não exercerão os MESTRES, se merecerem este nome respeitável, quase até sagrado? Se uma aluna diz para suas colegas que elas vão andar com as pernas duras, vão ficar com as mãos presas, pescoços e pés tortos, que vão espirrar, ao contar três, etc. etc. e elas obedecem cegamente, executando a ordem; como poderá o professor ser tão atrasado, tão leviano, ao ponto de desabafar seus nervosismos, em classe, contra os pobres alunos? Acaso não terá lido Camões, que diz, num dos seus belos alexandrinos, “que é fraqueza entre ovelhas ser leão” (Camões, “Os Lusíadas”, Clássicos Jackson, v. VII, pág. 27).

Ficamos por aqui, por agora, esperando os frutos que se hão de colher destes esforços. Mas se não se colherem frutos nenhuns, prometemos voltar à carga, e, desta vez, citando nomes.

Hipnopédia

Hypnos = sono; pedia = educação. Daqui podem provir os derivados:

Hipnopédico – adjetivo relativo à hipnopédia.

Hipnopedista – aquele que explora este ramo do conhecimento humano.

Hipnopedismo – sistema dos hipnopedistas

* * *

Já em 1906, apareceu no Brasil, traduzida no vernáculo, a obra de Marx Doris, Doutor em medicina e Lente de psicologia do Instituto de Hipnotismo de Hamburgo. Nessa obra escreve Marx Doris: “O hipnotismo pode curar a falta de memória de certos indivíduos. Cabe

essa descoberta à nossa humilde pessoa, que foi quem primeiro experimentou” (“O Poder Magnético”, pág. 110).

É que, às vezes, a falta de memória resulta da inibição das células corticais do centro da memória, o qual fica situado no alto da cabeça, sob o remoinho de cabelos, como se pode verificar pelos últimos resultados das pesquisas efetuadas no Instituto do Cérebro, fundado em 1950, em Saint-Cloud – Paris – França.

Mas vejamos o que diz o Prof. Karl Weissmann, veterano na psicologia e psicólogo em uma das maiores penitenciárias da Alemanha, onde orienta em regime de recuperação mais de mil detentos. Diz o ilustre Prof.: “Bastaria considerar que 85% das doenças consideradas até hoje orgânicas são na realidade de origem emocional (funcional). Portanto, suscetíveis de tratamento hipnoterápico” (O Hipnotismo, 7).

Considerando que curas deste tipo de doenças se fazem por meio de sugestões, o curandeirismo não se acaba; e se o médico quiser curar por este método, também vira curandeiro, visto que todos somos iguais perante a lei. A inspiração médica fez que se escrevesse o Art. 284 do Código Penal, inciso II, proibindo curar (a qualquer um é proibido, é claro) “usando gestos, palavras, ou qualquer outro meio”. Este artigo fecha a porta também aos senhores médicos, visto que estes também não podem curar à moda dos curandeiros, com benzeduras, com simpatias, com águas fluidas, com gestos e com prosa, isto é, com sugestões. Conquanto tudo isto se reduza a sugestão, é certo que esta precisa encontrar lastro (fés, credences) no paciente. Se o médico não quer usar este lastro, porque seria uma ofensa à sua dignidade profissional, então o doente, duvidando do médico, procura um curandeiro bronco a fim de curar-se pela sugestão que vem envolta em patacoadas.

É certo que nós, os espíritas, doutrinamos e afastamos os obsessores “por meio de palavras”; ao padre já não bastam palavras, pois para exorcizar ao demo, precisa ainda de gestos e de água-benta. O padre e o espiritista estão incursos no Código Penal. Mas o hipnotista (médico ou não) que afasta um trauma, uma neurose, uma fobia “por meio de gestos e palavras”, acaso, também, não está? Se a Justiça é cega, logo, não enxerga o médico; mas se enxerga o médico, e o distingue, logo, não é cega...

Então? Então a última palavra cabe ao educador, que pode dar sugestões, “usando gestos e palavras”, porque educação é sugestão. Todavia, para que esta conclusão não pareça arrojada, firmemo-nos na autoridade de Fritz Kahn, que diz: “o mundo está cheio de neuróticos”, porém, “a luta contra a neurose não é da alçada da clínica mas da educação. Os pais deveriam ser informados dos perigos da formação de neuroses durante a educação” (“O Corpo Humano”, vol. II, pág. 196). Se os pais precisam ser informados destas coisas, quanto mais os mestres? Que dizer, então, de professores de ginásios que xingam os seus alunos de burros, de idiotas, de cretinos? Que dizer daqueles que dão sugestões negativas, declarando que o aluno está perdido, que melhor lhe é desistir de estudar, e de chupar o sangue e o suor de seus pais? Isto não são retóricas; nós podemos declarar nomes... se for necessário.

Os médicos se enfurecem contra o curandeiro bronco que dá três colheres de água ao paciente, e diz que elas são “suadouro”, e mais três que são purgante. E diz que depois do “suadouro” e da purga o doente vai sarar do estômago. Na verdade, se a sugestão pega, o paciente sua, e purga, e sara da sua neurose gástrica. É assim que o curandeiro, no seu empirismo grosseiro, cura, porque, por ironia da sorte, age mais “cientificamente” do que o médico com todo o seu esplendor de ciência mal aplicada. O primeiro é um hipnotista inconsciente que sabe sugerir, e o último, aquele que pretende curar o corpo, sem erradicar a

causa psíquica do mal. É preciso superar o curandeiro em sua hipnologia empirista, baseada na fé religiosa, e não persegui-lo. É com a luz que se combatem as trevas, e não com porrete.

Não adianta curar o corpo, quando a raiz do mal está no psíquico. “Prudência com essa química violenta e igual para todos! (diz “Sua Voz”). A via psíquica é mais pacífica para penetrar-se na corrente vital. O funcionamento orgânico obedece àquela instintiva sapiência que se fixou, por longuíssimas experiências, no subconsciente. Este se fraciona, em várias almas instintivas menores, que executam, à vossa revelia, o trabalho específico de cada órgão. A consciência pode, por via sugestiva, dar ordens, que serão cumpridas, como se o foram por um animal domesticado. O caso do trauma psíquico vos demonstra a realidade destas inferências” Pietro Ubaldi, “A Grande Síntese”, Ed. FEB, pág. 231 e 232.

Agora que os médicos e odontólogos estão tomando pé firme nesta questão de hipnologia, é bom que os educadores não fiquem dormindo. Por este motivo solicitamos, por intermédio deste órgão de imprensa, do Eminentíssimo Educador, Prof. Romeu de Campos Vergal, para que, na Câmara Federal, como ilustre Deputado que é, não se descuide deste assunto tão importante, que dá chances incríveis para o educador.

Pela hipnopédia se poderá, como se faz nos países mais adiantados, criar os supercérebros; poder-se-á ensinar ao homem como ser dono de si mesmo, guiando as suas emoções e o seu destino para dias melhores. A religião e a moral ditam o que devemos fazer, e quais qualidades desenvolver; mas não ensina como fazer e nem nos dá o método. Não adianta dizer ao homem que seja bom, seja desprendido, humilde, caridoso, se não se lhe ensinar como sê-lo. Já se tem falado muitíssimo da religião sintética do futuro, resultante do encontro do Oriente com o Ocidente, do cristianismo finalista com o budismo metodológico. O budismo não é religião, pois nem possui Deus; é método, é caminho apenas, psicológico, de libertação rumo ao niilismo nirvânico. Não serve, como filosofia, para figurar ao lado do cristianismo essencialmente telefinalista. O método, pois, não há-de-ser o búdico, mas, o hipnopédico. Este último tem a vantagem de ser científico, ao passo que aquele, além de ruinosamente pessimista, é meramente filosófico.

Baseado nestes princípios científicos, criamos, com sucesso, em nosso Centro Espírita “Bezerra de Menezes” (Piraju – SP), o que denominamos “Hora Etérica”; trata-se de uma “hora repousante”, com música adormecedora e sugestões positivas, sadias. Precisamos disto para contrabalançar a tormenta de sugestões negativas, antivitais, materialistas e as explorações da cobiça e do sexo; estas sugestões malélicas, quando subliminares, quer dizer, que a gente registrou sem perceber, atuam em nossa vida, ou fazendo que nos degrademos, ou produzindo fortíssimos conflitos com o Superego, disto resultando os medos da vida, os nervosismos, as angústias, as aflições. Vivemos numa época de expectativas angustiantes e neuroses generalizadas. O que buscamos, na “Hora Etérica”, é nos preparar para estar calmos, serenos, seguros de nós mesmos, ainda que no meio duma perdição universal.

* * *

Hipnotismo e Espiritismo

Quem se propuser a demonstrar (e é o caso do Irmão Marista Vitricio, pseudônimo de Luís Rech) que os fenômenos espíritas não passam de fenômenos hipnóticos, acabam por provar, também, que todas as fés são sugestões, e que todos os sacramentos e ritos eclesiásticos só valem pelo efeito sugestivo e alucinatório que causam nos fiéis. O pão eucarístico deixa os

fiéis eufóricos, radiantes, felizes, do mesmo modo que ficariam se recebessem tais sugestões, estando hipnotizados.

De maneira que o Irmão Marista está metendo fogo à própria casa, e a arma que agita tem duas pontas, com o cabo no meio. Basta oferecer resistência na extremidade agressora que a outra ponta penetra no corpo do atacante.

Se o Irmão Vitricio quer explorar cientificamente o fenômeno religioso, a fórmula psicológica é muito simples: a imaginação criou os mitos que são hipóteses de trabalho, explicações, teorias apenas. O que para um era teoria e hipótese, para outro passou a ser verdade dogmática. Deste modo o mito agiu, reflexivamente, sobre a mente humana criando a alucinação. Daqui em diante o crente crê, porque teve uma experiência mística, mas teve uma experiência mística porque sofreu a pressão sugestiva de uma criação mística. Eis a fórmula em evidência:

imaginação + sugestão = mito

mito + sugestão = religião

Se, pois, como está na revista “Manchete” de 6 setembro de 1958, o prezado irmão Vitricio acha que “não existe nenhuma comunicação com o Além”, então temos a consequência inexorável de que as aparições e comunicações dos santos são mitos; os milagres, pura sugestão, de mistura com patacoadas grosseiras. A Igreja se fundamenta no mito; nada existe de real, porque, como diz, “não existe nenhuma comunicação com o Além”. “O Além – afirma – estará muito além de nossas possibilidades enquanto estivermos no limitadíssimo aquém”. Logo, as aparições de santos e as tentações dos demônios são balelas (pensa o padre, mas não diz), para engodar os fiéis da sua Igreja, pois o padre letargista (hipnotista) não crê nestas tolices e sabe muito bem como funciona a “sua” fé, para uso dos outros. Saia-se desta, se for capaz, o prezado Irmão...

No Espiritismo, nos trabalhos que se chamam de efeitos inteligentes, os fenômenos se baralham, confundindo-se animismo e telepatia com as comunicações propriamente ditas. Porém o fenômeno espírita existe nos efeitos inteligentes, para não falar nos indiscutíveis fenômenos de efeitos físicos. É por isto que o agnóstico Aldous Huxley, em “O Cruzeiro” de 6 de setembro de 1958, afirmou que, “mesmo aceitando-se a larga margem de fraude e telepatia, há um mínimo de casos que não podem ser explicados pela ciência corrente”. É esse “mínimo de casos” que deve constituir o objeto do Espiritismo científico.

E do mesmo modo que os fenômenos hipnóticos invadem o campo do Espiritismo, também os fenômenos espíritas permeiam os hipnóticos. Nas sessões de hipnotismo não há só a telepatia provinda de encarnados, mas, também, a telepatia originária dos desencarnados. Já nos aconteceu de irmos hipnotizar, e acabarmos doutrinando espírito; outras vezes fomos doutrinar espírito, e tivemos de despertar, pura e simplesmente, um hipnotizado.

Num dos espetáculos públicos de hipnotismo havido nesta cidade de Piraju-SP, um menino hipnotizado reagiu à ordem do hipnotizador que o queria gago, dizendo-lhe, muito enfaticamente: “Eu não sou gago”. De outra feita, o mesmo menino, alucinado com a idéia sugerida de que era um candidato a prefeito, discutindo com o seu suposto adversário político afirmou: “Eu venço esta eleição, porque já venci duas; eu já fui prefeito duas vezes”. Ora, de onde o menino foi tirar isto, de que fora prefeito duas vezes?

No caso de o hipnotizador deparar com uma comunicação espírita autêntica, pode dizer que se trata do fenômeno de “dupla personalidade”, como o chamam os psicólogos. Todavia esta dupla ou tripla personalidade que “personaliza” o hipnotizado “despersonalizado”,

pode ser inimiga do hipnotizador, e, por este motivo, agredi-lo. Para nós, espiritistas, o fenômeno da dupla ou múltipla personalidade é pura comunicação de espírito desencarnado.

A coisa é simples? Não. Depois de quinze anos de Espiritismo prático e de estudos, respondemos: não, não é simples. O Professor Karl Weissmann, que nega a regressão pré-placentária, afirma que “ainda hoje”, alguns aspectos do hipnotismo estão por ser explicados, ou pelo menos melhor explicados” (Karl Weissmann, “O Hipnotismo”, pág. 17). Que aspectos são estes? Dentre muitos estão os que enumeramos, e os que ele próprio comprovou; pois, “nas milhares de pessoas que hipnotizei, houve um caso de clarividência e inúmeros casos de incidência telepática, indiscutivelmente provados” (Karl Weissmann, “O Hipnotismo”, pág. 19).

Espiritismo e hipnologia estão inextricavelmente ligados, e, por isto, apelamos, de público, para o preclaro Espiritista e Educador Romeu de Campos Vergal, para que, na Câmara Federal, não deixe os médicos e odontólogos porem o Espiritismo fora da Lei, proibindo aos espíritas exercerem suas atividades, alegando, como é certo, que o transe hipnótico é o mesmo transe mediúnico nos fenômenos de incorporação e psicografia.

E para que o eminente espiritista e demais confrades não cuidem que esta assertiva carece de fundamento doutrinário, declaramos que este é o pensamento mesmo de Allan Kardec, quando, há um século, escreveu o artigo intitulado “Magnetismo e Espiritismo”, na “Revista Espírita”, reunida pela LAKE, em volume 1, pág. 95.

Naquele tempo, ao hipnotismo se dava o nome de magnetismo, como se pode comprovar, facilmente, pela história do hipnotismo. É Kardec quem afirma que, “com efeito, baseando-se ambas (ciências) na existência e na manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem se prestar mútuo apoio: elas se completam e se explicam mutuamente”. Mais, “Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo; sua conexão é tal, que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se tivermos que ficar fora da ciência do magnetismo (hoje, hipnotismo), nosso quadro ficará incompleto e podemos ser comparados a um professor de Física que se abstivesse de falar da luz”. E mais adiante afirma “que, na verdade, não passam de uma”, as duas ciências. E tudo isto Kardec declara ser sua “profissão de fé”.

Hipnotismo é Espiritismo, já o disse há cem anos Allan Kardec, conquanto afirmasse, e com razão, que Espiritismo não é só hipnotismo, como pretende o Irmão Vitrício. Impossível será dissociar uma coisa da outra. Agora os médicos e odontólogos querem ser donos do hipnotismo que é a base natural dos fenômenos mediúnicos. Com isto farão que o Espiritismo esteja fora da Lei, para, ato contínuo, perseguirem os seus praticantes, como fazem, hoje, aos médiuns curadores, quando estes são pequenos, humildes e desprotegidos.

Por causa destas coisas, fazemos ciente, ao prezado Irmão Campos Vergal, por meio deste instrumento de imprensa, da necessidade de defender a Doutrina Espírita, na Câmara Federal, contra a ofensiva dos açambarcadores, os quais, sendo já “donos” dos corpos que retalham à vontade, querem, agora, também, apoderar-se das almas, fincando nela a bandeira de propriedade.

O golpe já está preparado, e tanto que o Dr. Osmard Andrade Faria, do alto da sua cátedra, manda se compare “a identidade de tais fenômenos (os hipnóticos) com as atuais incorporações “mediúnicas” da prática espírita” (O. A. Faria, “Hipnose Médica e Odontológica”, pág. 9). E define mais ainda a sua posição quando declara ter sido Mesmer “o verdadeiro inspirador de Allan Kardec” (obra citada, pág.12). Quando ninguém ignora que Kardec começou com os fenômenos de efeitos físicos das mesas girantes, e não com os auto-hipnotizados e

convulsionários de Mesmer. Em “O Cruzeiro” de 11 de outubro deste ano, esse mesmo autor declara-se contra as aplicações da hipnologia por leigos em medicina e odontologia, e no mesmo artigo, “o Prof. Leonídio Ribeiro condena até mesmo o uso da hipnose por odontólogos”. Se esta gente puder fazer Lei, os centros espíritas terão de fechar as suas portas.

Eia, pois, espíritas, cerremos fileiras! Assenhorear-se da hipnologia é fechar as portas ao mediunismo, e acabar com a consoladora Doutrina Espiritista! Do jeito que a coisa se está articulando, no futuro, para praticarmos Espiritismo Experimental, teremos de nos diplomar, primeiro, em odontologia ou medicina.

Piraju-SP, 03 de outubro de 1958

* * *

Hipnotismo – arte e ciência

Hipnotismo é sugestão. Começa com sugestões e acaba com sugestões. Todo mundo o usa, inconscientemente, na vida diária, uns mais, e outros menos. Quem souber arrazoar, argumentar, convence, comove e arrasta os ânimos, e isto é o que se chama indução psicológica. É preciso induzir para depois derivar a atenção do “sujet” para onde desejarmos.

Um tratado muito bom de indução psicológica é o livro de Dale Carnegie, “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas”. É preciso, como ensina este livro, entrar no sistema de idéias da pessoa a quem se quer induzir, mover ou demover; falar, primeiro, do que ela gosta; estabelecer o contato; sintonizar com ela; engrenar no seu sistema a nossa roda dentada. Depois disto é que começamos a forçar o sistema induzido, com suavidade, com delicadeza, até que a nossa roda dentada se torne motora no sistema de engrenagem.

Um bom vendedor comercial aplica este método nos seus negócios; também o aplica o político e o religioso que buscam prosélitos para suas greis. De maneira que, neste sentido, todo mundo é hipnotista, a começar pela mãe que embala o filho no berço e canta, de mansinho, as monótonas canções de ninar. Assim também procede o profeta fundador de religião que, pela fê (sugestão), anestesia os seus fiéis para que sintam “gozo”, ao invés de dor, ao serem martirizados.

Como diz Oliveira Martins (“Sistema dos Mitos”) “quem ignora hoje a influência anestésica da alucinação? O fogo não queima, as feridas não doem, a morte não assusta. Em todas as perseguições observa-se a embriaguês do martírio, que é contagiosa, e, se os *Acta sanctorum* consideram milagre a coragem dos cristãos, os feiticeiros têm também o seu martirologio, e quase em nossos dias a Liberdade, ídolo novo, o teve também” (pág. 324).

Não adiantam torturas, porque a auto-hipnose produz a anestesia. Mas ela anestesia tanto os santos, como os feiticeiros, e isto se pode ver pela história, no período da Inquisição.

Só com idéias se vencem idéias. Quem souber convencer e envolver, vencerá. Não há subjugações por meio da força; é preciso penetrar no sistema pela cúpula transparente e sutil das idéias, e daí comandar. A força e a violência reforçam a reação de modo proporcional; força gera força igual e oposta. É por isso que nenhum hipnotista aceita desafio; no entanto, às vezes, ele acaba hipnotizando àquele que se dizia “duro”, e por isso o desafiara.

No impacto da força contra a idéia, vence a idéia, como diz Karl Weissmann. Quanto mais forte for a força de vontade do “sujet”, tanto mais será suscetível. Um homem emocional, que por dá-cá-essa-palha faz um escarcéu, é um fraco. Forte é o homem de idéias sutis, de

inteligência aguda, de raciocínio fácil e rápido (intuitivo), de perspicácia finíssima. Um Sócrates somente poderia ser auto-induzido, e nunca induzido por outrem. Às vezes o que se julga resistente e desafia é um suscetível, porque emocionalmente vigoroso. Forte não é o cego atleta emocional, o nervoso, o intempestivo, que é capaz de meter os ombros às colunas derrocando-as, como um Sansão ou um Hércules; o primeiro gigante foi dominado por Dalila, e o segundo, por Euristeu. Forte é o vidente que tem olhos de ver (inteligência), e por eles se guia. Este é o que manda, e o atleta musculoso e forte na vontade, o que obedece. Deus não governa o Universo como força cega; governa-o como Lei, como inteligência, como Razão suprema. Por isto o homem forte não será o agigantado emocional, mas o de inteligência sutil, penetrante e profunda.

Nós, brasileiros, por causa de sermos latinos, somos emocionalmente vigorosos. Esta é a energia e a força que faz os heróis e os mártires; porém os heróis e os mártires, se não são cegos, são alucinados. Esta dominante do nosso caráter latino transparece, principalmente, no estilo dos polemistas. Há polêmicas, como as de Júlio Ribeiro contra o padre Senna Freitas, completamente vazias de idéias. São puros desabafos agressivos, guerras de nervos, tormentas emocionais. Todavia o que valem são as idéias-grãos, e não as emoções-palhas.

Impulsividade é fraqueza que não merece nem resposta. Nosso opositor, se o houver, pode pernear, sapatear, xingar, protestar, arrancar os cabelos, invocar as fúrias infernais, relampear, coriscar, chover com impropérios e indignar-se até as fibras mais recônditas; todavia, calmamente, repetimos: impulsividade é fraqueza humana; é força animalesca, nervosa, que facilmente a idéia serena domina e canaliza. A máquina gigantesca que mói um mundo e o reduz a poeira pode ser acionada e conduzida pelo braço frágil duma criança que lhe conheça o manejo. O energismo é falência em face do mentalismo sutil, abstrato e profundo. O superpensamento é a lei na sua expressão moral. Terrível é só aquele que pode e sabe agir nas profundezas, e não o que só se exaspera e se enfurece na periferia nervosa das emoções turvas. Nada temos a fazer na noite escura e tormentosa das paixões, visto como isto representa o nosso passado involuído e transposto.

Diante do quanto expusemos, podemos concluir que, embora todos possam ser hipnotizadores inconscientes, só o serão de fato, os que se puderem desenvolver-se nesta arte máxima de convencer e comover os ânimos. Todo mundo canta, todo mundo escreve, todo mundo fala, muitos tocam e alguns compõem música. Onde, então, os Chaliapins e os Giglis? Onde os Beethovens, os Cíceros e os Vieiras? O maior hipnotizador seria aquele que pudesse hipnotizar a todos, e esse ainda não nasceu. A percentagem de hipnotizáveis, para um hipnotista, não corresponde à de outro, porque os artistas da arte de induzir têm valores diferentes.

De maneira que a ciência da hipnose qualquer um aprende, porém, para ser hipnotizador eficiente, é indispensável a arte de hipnotizar que consiste em induzir, convencer e mover até ao sono, afrouxando, ao máximo, a vigilância da censura racional. Freud, por não ser bom hipnotista, teve de conformar-se com a sua precária psicanálise, apesar de ser muito mais eficiente a hipnoanálise.

Sendo a hipnose a arte de sugestionar elevada ao grau máximo, já se vê que a cultura em geral, a dialética, e a lógica, ajudam o hipnotizador, visto como este, armado destes poderes, abordará o “sujet” por qualquer ponto.

* * *

Monopólio em hipnologia

Já em 1906, no Brasil, apareceu, traduzida para o vernáculo, a obra do Dr. Marx Dóris, “O Poder Magnético”, da qual transcrevemos o seguinte:

“Desde muito tempo o egoísmo tem sido um dos sentimentos humanos. É raro, senão impossível encontrar alguém que não o sinta dentro de si. Alguns julgam-no uma paixão que merece ser combatida, outros e esses os que melhor julgam, o consideram como um ato nobre e justo. Não cabe a este livro discutir a filosofia do sentimento, mas nos parece que o homem destituído de uma certa dose de egoísmo dificilmente poderá triunfar na luta pela vida. Por que? perguntarão. Responderemos: é crível haver quem pense em tornar público todos os seus negócios, todos os seus planos e ambições? Logo, o guardar para si alguma coisa, é lei natural, daí se conclui que os homens destituídos de egoísmo são entes anormais”.

“Por isso é que ensinamos e recomendamos aos discípulos que, quando hipnotizarem alguém, sugestionem sempre que mais ninguém o possa hipnotizar sem seu conhecimento e autorização. Isso se consegue da seguinte forma”:

“Estando o paciente mergulhado em sono profundo dissei-lhe: “Ninguém mais poderá te hipnotizar sem meu consentimento. Só a mim terás que obedecer. Ordeno-te que não te deixes nunca hipnotizar por outro que eu. A minha força e vontade são mais poderosas que a tua, ordeno-te que obedças exclusivamente às minhas sugestões”.

“Como se vê, é fácil e proveitoso, pois ninguém poderá desfazer o que está feito. Escusado será dizer que quem mais lucra com isto é o hipnotizand, pois evita cair em mãos de profissionais pouco escrupulosos que muitos males podem produzir” (Marx Doris, “O Poder Magnético”, pág. 40 e 41).

Eis aqui uma “belíssima” página de petulância, de inconsciência e de egoísmo. Os únicos que podiam hipnotizar sem perigo eram Marx Doris ou os seus discípulos. Estes deveriam fechar a porta aos outros que, na certa, haviam de ser “profissionais inescrupulosos”. Bonito! Porém, por que isto é assim? Diga-o o Prof. Karl Weissmann:

“Ninguém jamais se manifestou contra o hipnotismo próprio, senão unicamente contra o hipnotismo dos outros... É que hipnose é sugestão, e sugestão, prestígio. O prestígio, por sua vez, motivo de ciúme. Exige exclusividade” (Karl Weissmann, “O Hipnotismo”, pág. 3).

Porém a história se repete, porque ela é do homem. E o homem, desta vez, é o Dr. Osmard Andrade Faria, que manda se sugira ao hipnotizando, sempre, “que apenas o “seu médico” ou o seu “dentista” lhe poderão induzir o sono ou provocar tais ou quais fenômenos hipnóticos” (O. A. Faria “Hipnose Médica e Odontológica”, pág. 449).

Trata-se, como se vê, de uma sugerência de efeito pós-hipnótico, que tem em vista fechar a porta aos outros. Porém, será que fecha mesmo? Vejamos: sendo hipnotismo sugestão, o único meio de impedir que se sugestione consiste em tornar o cliente num obstinado, num indivíduo de “atitude opiniática” que não se move nem se comove a nada, num “culturalmente fechado”, num fanático. Ora, isto nem o médico nem o dentista poderão fazer, por lhes faltarem o tempo e o interesse...

Uma vez que não se pode fechar a porta das sugestões, criando um paranóico de idéias fixas, o condicionamento pós-hipnótico poderá ser desfeito, visto como, para isto, basta abalar a confiança do paciente no seu médico ou seu dentista. Pela lógica, pela dialética e pela eloquência despertamos a razão do sugestionando, e o convencemos de que não se deve

escravizar às manhas e patranhas do médico e do dentista finórios, que não querem outra coisa além de encher o bolso à custa do rebanho do “mé”, que tosquam de quando em quando. Os médicos e os dentistas hão de querer clientes dóceis, condicionados, obedientes, assíduos, pelo que precisam-nos subjugados por ordens pós-hipnóticas...

Grandíssima imoralidade é esta (prega-se, a seguir); crime de lesa-liberdade, pois ninguém deve subjugar outrem à sua vontade e aos seus caprichos. Todo homem deve ser dono de si mesmo, porque a personalidade humana é inviolável, é sagrada..., ninguém deve dominar ninguém..., esclarecimento, sim; condicionamento, nunca... liberdade e não escravidão... Isto é o que se há-de pregar.

Abalada que é a fé, cria-se a repulsa, depois do que semeia-se novos condicionamentos, não escravizantes, mas, libertatórios. Se os médicos e os dentistas fossem deuses, tudo lhes sairia como ambicionam, porém, na verdade, o que são é barro mole, na sua esmagadora maioria.

Multiplicam-se em São Paulo as chamadas “clínicas espíritas” que o Prof. Levindo Mello, médico psiquiatra, chamou de “arapucas de exploração da doutrina”. Por isto reiteramos que os tais pseudodeuses não passam de barro mole, e o juramento que fazem, de Hipócrates, não é mais do que um juramento de Hipócritas... Cuide, pois, o Dr. Osmard Andrade Faria de moralizar a medicina materializada e mercantilista, e se pretender opinar sobre assuntos de Espiritismo, estude melhor esta matéria, largando mão dessa mania de generalizações e ampliações de nadas.

Se os condicionamentos não se desfizessem, o homem não poderia corrigir os seus defeitos e vícios, não poderia orientar-se na vida e guiar o seu próprio destino. Todos estamos sempre condicionados; todavia podemos alterar os condicionamentos. Quem convencer dominará, e este não há-de ser aquele que apenas dá ordens de efeitos pós-hipnóticos. Bem encaminhado o processo, e dentro de certo tempo, a ordem do médico ou a do dentista perdem o seu valor. Questão de tempo, de paciência, de inteligência, de aplicação em convencer.

O que é que manda? Não é o córtex? Não é a vontade do indivíduo guiada pela razão? Pois que se guie, então, a razão, formando nela novas convicções, novas fés, novas confianças, novas “verdades”, que o resto irá de roldão. E para fazer isto o leigo (em odontologia e medicina) pode ter mais habilidade e mais tempo do que o médico, e do que o dentista.

É certo, historicamente, que as novas verdades vencem as velhas. Em reflexologia isto significa que os novos condicionamentos desfazem os anteriores. Podem-se ou não se podem vencer convicções, credices, fés e sugestões? Sim, podem-se; é a “brain-washing” (lavagem cerebral) que aplicam os bolchevistas nos “heróis” ocidentais, quando estes vão dar consigo por lá. É por demais sabido que após um poderoso choque emocional, depois de um colapso nervoso, podem-se imprimir na mente humana crenças novas, até antagônicas, em relação às anteriores. Se intelectualidade e cultura faz péssimos pacientes, intelectualizemo-los, aculturemo-los, como convém, isto é, contra os médicos e os dentistas que querem exclusividade na posse da chave de abrir e fechar consciências e vontades alheias...

Convencida a razão com estas razões, passa-se a induzir, psicologicamente, para que o “sujet” queira dar a si mesmo uma prova de que não mais está sob o domínio do médico e do dentista. Conseguido isto, troca-se a variedade de linguagem e eloquência, pela repetição monótona e descolorida, falando em relaxamento muscular, mas, não em sono, nem em hipnose.

Quanta gente já não vimos deixar de cumprir ordens pós-hipnóticas, somente por serem, estas, absurdas? Se estas ordens atentarem contra a liberdade sagrada, como hão-de ser

cumpridas? Karl Weissmann tem razão: a censura moral do eu-superior não dorme... E podemos acrescentar que esta censura é formada e formável.

Que não se esqueçam, pois, os médicos e os dentistas alertados pelo Dr. Osmard Andrade que violência gera violência; força, força; astúcia, astúcia; guerra, guerra. Que as portas fechadas pelos médicos e pelos dentistas poderão ser reabertas, com tempo, com jeito, com paciência. E uma vez reabertas, poderão, de novo ser fechadas contra os mesmos médicos e os mesmos dentistas, e isto, simplesmente, com se dar sugestões aos pacientes, de que devem desprezar profundamente os escravizadores de vontades e consciências alheias...

Piraju, 15 de outubro de 1958

* * *

As Vantagens do Hipnotismo

Histórico

O hipnotismo é sugestão; por isso é tão velho quanto a humanidade. Desde que os homens interatuaram por meio da palavra, a sugestão começou a exercer sua influência.

Para que a sugestão penetre e produza os seus efeitos, é preciso que encontre lastro; não se poderá sugerir se não se fizer compreendido; daí porque não se pode hipnotizar crianças muito pequenas, nem idiotas, nem bêbados, nem paranóicos. Não se pode hipnotizar ninguém:

- a) que não queira ser hipnotizado;
- b) que não possa concentrar a atenção, como os bêbados e os idiotas;
- c) que não tenha poder de vontade suficiente para querer ser hipnotizado.

O hipnotizador não possui poderes ocultos nenhuns, nem suplanta as vontades alheias com a sua. O hipnotizador tem de saber e não de querer hipnotizar. Não é a sua vontade que vale, mas, a sua ciência, a sua arte.

Jesus Cristo, sempre que curava, inquiria do paciente se ele tinha fé. Esta fé é o lastro sobre que se apoia a sugestão. E depois que Jesus produzia a cura, ele declarava “a tua fé te curou”. Quando Jesus esteve na sua terra, não pôde produzir curas, porque ninguém acreditava nele. Nessa ocasião foi que disse: “Nenhum profeta deixa de ser profeta, senão na sua terra e na sua casa”.

Jesus, sabendo que a hipnose é um processo científico, nada miraculoso, declarou o seguinte: “As coisas que faço, vós as fareis, e ainda maiores”.

Isto não é negação dos poderes de Jesus; pelo contrário, é afirmação, pois o poder não é força, mas, sabedoria. Poder é saber. Quem sabe pode; quem não sabe, não tem poder, nem que seja um gigante da vontade. Uma máquina capaz de moer um mundo pode ser acionada por uma simples criança que lhe conheça o funcionamento. Assim Jesus era poderoso, porque o seu poder estava na sabedoria e não na força.

Sugestão sub-liminar

Nos Estados Unidos (EUA) se vendem discos com sugestões, por exemplo: você vai emagrecer; você é calmo, sereníssimo, etc. Coloca-se um pequeno alto-falante sob o travesseiro,

e fica-se a ouvir o disco nesse estado de modorra, de sonolência, que é quando a censura racional está frouxa. Existe até, nos EUA, uma companhia que se chama: “Subliminal Projection Company Inc.”, a qual explora comercialmente a sugestão inconsciente. Por isso Karl Weissmann chama a isto “Hipnotismo Comercial”. Durante a projeção de um filme, aparecem pequenas falhas que lhe interrompem a sequência. Essas pequenas falhas são provenientes de frases-relâmpagos que dizem, por exemplo: “Beba coca-cola”. “Coma pipoca”, “Beba café”. Os olhos leem a frase, e o subconsciente a registra, sem que o consciente tome conhecimento. O resultado é que o espectador começa a sentir vontade de beber coca-cola, ou café. As autoridades governamentais foram alertadas do perigo de tipos como Hitler ou Stalin tirarem proveito do fato científico, apresentando frases assim: “Hitler é o Maior”, “Stalin é nosso Pai”.

Todavia esta coisa, perigosa se aplicada para o mal, será prodigiosamente boa se aplicada para o bem. Assim, nos programas de televisão e no cinema poder-se-iam intercalar frases-relâmpagos que dissessem: “Seja calmo”; “Domine seus nervos”. Dia virá em que teremos, pelo rádio, “A Hora Repousante”, com música adormecedora e sugestões positivas, sadias. Precisamos disto para contrabalançar a chuva de sugestões negativas, materialistas, as explorações da cobiça e do sexo; estas sugestões, quando sub-liminares, quer dizer, que a gente registrou sem perceber, atuam na nossa vida, ou fazendo que nos degrademos, ou provocando fortes conflitos com o Superego, disto resultando os medos da vida, os nervosismos, as angústias, etc. Eis porque nossa civilização até se poderia chamar: “Civilização da Angústia”.

Hipnopédia

Hipnos = sono, e *pédia* = ensino, educação. É a hipnose aplicada à educação. Não só se pode, pela hipnose, desfazer as inibições, as fobias, os medos e as angústias dos que vão fazer exames, como ainda se pode melhorar a memória ao ponto de criar os chamados “supercérebros”. Na Alemanha já se aplica este método que consiste em gravar a lição numa fita magnética, e depois ouvi-la em estado de transe hipnótico. O resultado é que aquilo que se vai decorar, se grava, de pronto, no subconsciente. Com isto se conseguem verdadeiras “enciclopédias ambulantes”. Como nossa escola é pura decoração, aqui está como todos poderão se transformar em “gênios” (?!), e tirar só cem...

A inconsciência dos professores

É muito comum professores xingarem seus alunos de “burros”, “cabeça de vento”, “preguiçosos”, etc. É que estes tais professores, na sua inconsciência, não sabem que estas frases são sugestões que se gravam, produzindo os seus efeitos. Os senhores diretores deveriam tomar providências, e os professores deveriam conhecer, de fato, a psicologia que as mais das vezes apenas decoram, ao fazerem seus cursos. Há muitas carreiras e homens que são destruídos por sugestões negativas de professores criminosamente ignorantes da psicologia.

O transe hipnótico é um estado agradável, de sonolência que pode chegar até à inconsciência ou não. No estado de sonambulismo pode-se dar uma ordem como: “Amanhã, às dez horas, o seu olho esquerdo vai ficar adormecido a tal ponto, que é como se ele não existisse”. No outro dia o olho adormece, e pode ser extraído sem que o paciente sinta coisa alguma. Esdaile fazia isto, e o paciente acompanhava a operação, com o outro olho, por um espelho.

Diante disto, todos os que se submetem ao sono hipnótico, terão, à mão, esta possibilidade fantástica para ser usada, se preciso, a qualquer momento.

Perigos do hipnotismo

Há os que temem ser hipnotizados e não poderem acordar. Este perigo não existe, e se o “sujet” não quer acordar é porque foi a isto “condicionado”, por algum outro hipnotizador, a agir assim. Mas não há nenhum perigo, pois o sono hipnótico pode transformar-se em sono natural. Até se usa este processo para o insone: dá-se-lhe uma ordem de que, ao se deitar, caia em transe hipnótico, e durma toda a noite.

A não ser no caso de um condicionamento destes, em que o “sujet” acorda quando quiser, todos acordam à ordem do hipnotizador, pois, é claro que aquilo que a sugestão faz, a mesma sugestão desfaz. Se o “sujet” perdeu o ouvido, e por isso não ouve a ordem de acordar, basta soprar no ouvido, e ele acordará; soprando-se o rosto, o “sujet” acorda, e é por isso que o sono hipnótico deve estar resguardado de ventos.

O perigo existe, isso sim, nas sugestões aflitivas que nunca, por isso, se devem dar, porque podem produzir traumas. Nunca dizer ao “sujet”: “você está se afogando”, ou: “você caiu no fogo”. Se o “sujet” está guiando um automóvel imaginário, não se lhe há-de dizer: “desastre – o automóvel está tombando na barroca”. Nada de sugestões de perigos.

Ao acordar o “sujet”, nunca esquecer de o fazer com progressividade, com delicadeza, sugerindo-lhe que vai acordar sem dor de cabeça, sem sonolência, sem corpo pesado; vai acordar muito bem disposto, muito alegre, muito feliz.

Hipnotismo e religião

Quem quiser demonstrar que os fenômenos espíritas não passam de fenômenos hipnóticos acabam por provar, também, que todas as fés são sugestões, e que todos os sacramentos e ritos valem só pelo efeito sugestivo e alucinatório que causam nos fiéis. Neste caso a imaginação criou o mito, e este agiu, reflexivamente, sobre a mente, criando a alucinação; daqui em diante o alucinado crê, porque teve uma “experiência mística”. Mas teve uma “experiência mística” porque foi sugestionado por uma “criação mística”. Então a fórmula psicológica das religiões é esta:

$$\begin{aligned} \textit{imaginação} + \textit{sugestão} &= \textit{mito} \\ \textit{mito} + \textit{sugestão} &= \textit{religião} \end{aligned}$$

No Espiritismo os fenômenos se baralham, confundindo-se animismo (sugestão subconsciente do médium) e telepatia com comunicação propriamente dita. Porém o fenômeno espírita existe. É por isso que Aldous Huxley, em “O Cruzeiro” de 6 de setembro de 1958, afirmou que “mesmo aceitando a larga margem de fraude e telepatia, há um mínimo de casos que não podem ser explicados pela ciência corrente”. É esse “mínimo de casos” que constitui o objeto do Espiritismo científico.

E do mesmo modo que os fenômenos hipnóticos invadem o campo do Espiritismo, também os fenômenos espíritas permeiam os hipnóticos. Nas sessões de hipnotismo não há só a telepatia, provinda de encarnados, mas também a telepatia originária dos desencarnados. O

hipnotista que tiver algum desafeto desencarnado pode passar maus pedaços, como é o caso do dentista que, tentando hipnotizar uma mulher, teve-a incorporada por uma entidade inimiga que o agrediu e lhe quebrou o gabinete.

Num dos espetáculos havidos há pouco tempo nesta cidade de Piraju, um menino hipnotizado reagiu à ordem do hipnotizador que o queria gago, dizendo-lhe, muito enfaticamente: “Eu não sou gago”. De outra feita, o mesmo menino, alucinado com a idéia sugerida de que era um candidato a prefeito, discutindo com o seu opositor, afirmou: “Eu venço esta eleição, porque já venci duas; eu já fui prefeito duas vezes”. Ora, de onde o menino foi tirar isto, de que fora prefeito duas vezes?

A coisa é simples? Não, não é simples. Karl Weissmann, que nega a regressão pré-placentária, afirma que “ainda hoje, alguns aspectos do hipnotismo estão por ser explicados, ou pelo menos melhor explicados”. Que casos são estes? Dentre muitos estão os que ele próprio comprovou, pois, “nas milhares de pessoas que hipnotizei, houve um caso de clarividência e inúmeros casos de incidência telepática, indiscutivelmente provados”. Afastada a hipótese do magnetismo, ficou sem explicação o fato de, nos testes de suscetibilidade, o paciente cair como que atraído pelas mãos do hipnotizador.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)